

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO SEXUAL**

**ALESSANDRA MUNHOZ LAZDAN**

**O QUE OS HOMENS TÊM A DIZER SOBRE AS MULHERES? OS NOVOS  
POSICIONAMENTOS DE JOVENS DO GÊNERO MASCULINO FRENTE ÀS  
TRANSFORMAÇÕES FEMININAS NAS RELAÇÕES AFETIVAS: UMA  
LEITURA SOB A ÓTICA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA**

**ARARAQUARA - SP**

**2015**

---

**ALESSANDRA MUNHOZ LAZDAN**

**O QUE OS HOMENS TÊM A DIZER SOBRE AS MULHERES? OS NOVOS  
POSICIONAMENTOS DE JOVENS DO GÊNERO MASCULINO FRENTE ÀS  
TRANSFORMAÇÕES FEMININAS NAS RELAÇÕES AFETIVAS: UMA  
LEITURA SOB A ÓTICA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual, da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista-UNESP/Araraquara, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

Linha de Pesquisa: Sexualidade e educação sexual: interfaces com a história, a cultura e a sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro

**ARARAQUARA - SP**

**2015**

Lazdan, Alessandra

O que os homens têm a dizer sobre as mulheres? Os novos posicionamentos de jovens do gênero masculino frente às transformações femininas nas relações afetivas: uma leitura sob a ótica da Psicologia Analítica. / Alessandra Lazdan – 2015

101 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Sexual) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara)

Orientador: Paulo Rennes Marçal Ribeiro

1. Sexualidade masculina. 2. Masculinidade. 3. Relações de gênero. 4. Relações afetivas. 5. Psicologia Analítica. I. Título.

ALESSANDRA MUNHOZ LAZDAN

**O QUE OS HOMENS TÊM A DIZER SOBRE AS MULHERES? OS NOVOS  
POSICIONAMENTOS DE JOVENS DO GÊNERO MASCULINO FRENTE ÀS  
TRANSFORMAÇÕES FEMININAS NAS RELAÇÕES AFETIVAS: UMA  
LEITURA SOB A ÓTICA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual, da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista-UNESP/Araraquara, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

Linha de Pesquisa: Sexualidade e educação sexual: interfaces com a história, a cultura e a sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro

Data da defesa: 18/09/2015

**MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidente e Orientador:** Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro (UNESP – Araraquara)

---

**Membro Titular:** Prof. Dra. Ana Claudia Bortolozzi Maia (UNESP – Bauru)

---

**Membro Titular:** Prof. Dr. Guilherme Scandiucci (Mackenzie – São Paulo)

**Local:** Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Ciências e Letras  
UNESP – Campus de Araraquara

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, à minha mãe e irmã, por todo carinho, apoio e ajuda em todo o período em que estive ausente.

Às minhas novas amigas, companheiras e colegas de Mestrado, em especial, Ana Márcia Carvalho, Anne Kariny Lemos Rocha, Fernanda Ruis, Débora Brandão Bertolini, Ana Carolina Pinheiro, que proporcionaram momentos de muito prazer, além de compartilhar experiências, conhecimentos, desabafos, angústias e risadas.

Aos meus amigos pessoais Carla Montoril Prado, Marcello Montoril Prado e Eloísa Helena Guines, que pacientemente compreenderam meus períodos de ausência e indisponibilidade.

Ao Tiago Giglio, pela amizade e auxílio nas traduções.

Ao Marcus Quintaes, pelas provocações incitadoras de novos prismas, além da gentileza da revisão final da literatura junguiana.

Ao Paulo Rennes Marçal Ribeiro, pela oportunidade e liberdade oferecida em desenvolver meu tema dentro do meu referencial teórico.

À Andreza Marques de Castro Leão e Ana Claudia Bortolozzi Maia, pelas significativas contribuições como membros da Banca de Qualificação.

Ao Guilherme Scandiucci, pelas colocações pontuais e substancias como membro da Banca de Defesa.

Aos jovens rapazes colaboradores, que confiaram a revelação de sua intimidade a essa pesquisa.

## RESUMO

A tradicional masculinidade vem sofrendo significativas transformações na atualidade devido a uma mudança de perspectiva e paradigma decorrentes do declínio dos moldes que sustentavam o regimento patriarcal, alterações provocadas primordialmente pelas reformas nas políticas femininas. Os posicionamentos das mulheres na sociedade e nas relações afetivas se tornaram mais evidentes e ativos, provocando modificações substanciais nas concepções e relações de gênero. A presente pesquisa objetivou investigar a perspectiva masculina sobre os posicionamentos de homens e mulheres nas relações afetivas e seu reflexo nas atuais configurações de relacionamento, levando-se em conta a transformação que a identidade masculina vem sofrendo em resposta ao reposicionamento das mulheres na sociedade ao longo das últimas décadas. O estudo adotou o método qualitativo para a análise da perspectiva de cinco jovens universitários, de orientação heterossexual, compreendidos na faixa etária entre os 19 e os 22 anos. Utilizou-se como instrumento único uma entrevista aberta semiestruturada. Os resultados foram analisados em categorias previamente estabelecidas com parâmetros na literatura revisada, como seguem: relacionamento afetivo, perspectiva masculina da imagem feminina, afetividade, modelos parentais, sexualidade e educação sexual, intimidade e subjetividade. Os dados foram analisados de acordo com a modalidade temática do método de análise de conteúdo, adotando-se como referencial interpretativo os pressupostos teóricos da Psicologia Analítica de Jung. Os resultados revelaram confluências de paradigmas entre os valores heteronormativos, advindos do modelo patriarcal, com as tendências contemporâneas, abertas à multiplicidade de manifestações de relacionamento. Os posicionamentos masculinos frente às atitudes femininas no campo da sexualidade e relacionamento amoroso se mostraram, em parte, reticentes à falta de um padrão que delimitasse o campo de atuação para homens e mulheres, e em outra, integrados à multiplicidade e liberdade de possibilidades da vivência da própria sexualidade e construção de relacionamento. O que diferiu entre uma postura e outra foi a disponibilidade de cada indivíduo em rever os próprios valores e sustentar a multiplicidade de configurações e desejos existentes dentro de si mesmo, para, numa atitude de alteridade, dialogar com as ambiguidades das revelações femininas.

Palavras-chave: Sexualidade masculina. Masculinidade. Relações de gênero. Relações afetivas. Psicologia Analítica.

## **ABSTRACT**

The traditional masculinity has undergone significant changes currently due to a change of perspective and paradigm resulting from the decline of the molds that sustained the patriarchal regiment, caused primarily by changes in women's policies reforms. The women's positions in society and personal relationships have become more apparent and active, causing substantial changes in concepts and gender relations. This research intended to investigate the male perspective on the men and women positions in the emotional relationships and its reflection on the current relationship configuration, taking into account the transformation that male identity is undergoing in response to the repositioning of women in society over the last decades. The research adopted the qualitative method to analyze the perspective of five young university students with heterosexual orientation, between 19 and 22 years old. It was used as the only tool one semi-structured open interview. The results were analyzed in categories previously established with parameters in the revised literature, as follows: affective relationship, male perspective of the female image, affection, parental models, sexuality and sexual education, intimacy and subjectivity. Data were analyzed according to the thematic modality of content analysis method, adopting as an interpretative point of reference the theoretical assumptions of Analytical Psychology of Jung. The results revealed confluences of paradigms between the heteronormative values, coming from the patriarchal model, with contemporary trends, open to the multiplicity of relationship demonstrations. The male positioning in front of the women's attitudes regarding sexuality and loving relationship is shown part reluctant to the lack of a standard that delineate the field of men and women actuation, and other part integrated to the multiplicity and freedom of possibilities of their own sexuality experience and relationship building. What differed between one position and another was the availability of each individual to review their own values and sustain the multiplicity of configurations and desires within himself, in an attitude of otherness, dialogue with the ambiguities of the female revelations.

**Keywords:** Male sexuality. Masculinity. Gender relations. Affective relationships. Analytical Psychology

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>1 MASCULINIDADES .....</b>	<b>10</b>
1.1 Breve histórico .....	10
1.2 A ascensão feminina .....	15
1.3 Masculinidades atuais: perspectivas e trajetórias .....	19
1.4 A representação da mulher na perspectiva masculina .....	25
1.5 O novo homem .....	26
<b>2 AS RELAÇÕES AFETIVAS: RESGATE HISTÓRICO ATÉ A CONTEMPORANEIDADE .....</b>	<b>31</b>
2.1 Histórico: as relações conjugais nas diferentes épocas .....	31
2.2 Pesquisas sobre as relações amorosas.....	36
<b>3 A PSICOLOGIA ANALÍTICA E OS ESTUDOS DE GÊNERO .....</b>	<b>44</b>
<b>4 OBJETIVOS .....</b>	<b>55</b>
<b>5 MÉTODO.....</b>	<b>56</b>
<b>6 RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>58</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>87</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>91</b>
<b>APÊNDICE 1 .....</b>	<b>96</b>
<b>APÊNDICE 2 .....</b>	<b>98</b>

## INTRODUÇÃO

Desde as últimas décadas, evidencia-se o desenvolvimento do potencial feminino para além das atividades domésticas com a saída das mulheres do âmbito familiar em busca de um lugar no mercado de trabalho. O que antes, na era patriarcal, era bem delimitado – o homem como provedor da família e a mulher como dona do lar e cuidadora dos filhos – na atualidade não é possível visualizar tal fronteira de forma tão clara. As atitudes exclusivamente femininas nas mulheres foram, gradativamente, abrindo espaço para novos potenciais – correspondentes às dimensões masculinas, de acordo com os referenciais da Psicologia Analítica – desenvolvidos ao ampliar seu exercício no mundo competitivo do mercado de trabalho. Por outro lado, os homens parecem ainda não ter acompanhado essa transformação feminina. A tradicional masculinidade vem sofrendo uma crise de identidade e sendo transformada na atualidade devido a uma mudança de perspectiva e paradigma necessários para uma renovação da consciência, que não se sustenta mais baseada na antiga postura unilateral da rigidez masculina.

O homem contemporâneo tem se transformado, mas ainda não tem forma definida (Tacey, 2011, Nolasco, 1993). A masculinidade da era patriarcal não tem mais seu lugar tão expresso no mundo contemporâneo. O homem, com o desenvolvimento da consciência masculina na mulher, desafia-se em desenvolver sua consciência feminina, em sua maior parte resguardada por conta das exigências do patriarcado. Para a Psicologia Junguiana, os elementos femininos e masculinos estão presentes na natureza de homens e mulheres, porém, a dimensão feminina tem sido melhor desenvolvida nos dias atuais na consciência masculina. Para uma postura mais saudável seria necessária a mistura do melhor da tradicional masculinidade com a sensibilidade e introspecção mais adequadas para os dias de hoje. É claro que esta não é uma tarefa simples. Harmonizando-se com o feminino, os homens precisam também reconfigurar sua relação com a energia fálica original. O falo, para a psicologia arquetípica, tem a conotação de ação e de penetração a esferas desconhecidas. Seria o elemento agente da iniciativa humana. Corresponderia à vitalidade masculina. Associado à consciência feminina, os homens podem lidar com o poder do falo com mais leveza, sem a obrigação de se mostrarem potentes a todo tempo, já que o feminino lhes permite momentos de passividade e receptividade.

Esta exposição convida a uma reflexão sobre as novas formas de relações da atualidade. O interesse da presente pesquisa debruçou-se na investigação da atual perspectiva

masculina sobre os posicionamentos de homens e mulheres nas relações afetivas e seu reflexo nas atuais configurações de relacionamento.

A demanda por tais questionamentos surgiu a partir da prática clínica psicológica, perante a observação do crescente número de pacientes masculinos no consultório, segundo minha experiência profissional. Tendo estudado profundamente as questões femininas em tempos anteriores, seja por necessidade da clínica, seja pelo aprendizado no início da carreira profissional, quando ingressei em Aprimoramento Profissional na Clínica Obstétrica no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP em 2003, as novas demandas me exigiram a buscar por maiores conhecimentos da condição masculina. Ao contrário da facilidade encontrada na obtenção de literatura para os estudos femininos, houve menor abundância de material no campo das masculinidades, ao menos na área da Psicologia. A soma dessas conjunturas me estimulou a entrar na área da pesquisa e formular conjuntamente com a literatura científica, norteadores e delineamentos para as novas condições masculinas.

Optou-se por pesquisar o público jovem dado o interesse em conhecer de que forma a sexualidade<sup>1</sup> e atitudes masculinas têm se constituído nos relacionamentos afetivos considerando sua construção já inserida num panorama sociocultural de transformação da estrutura patriarcal. Badinter (1993) afirma que os jovens da atualidade já são herdeiros de uma geração em transformação. Suas mães são mais viris e seus pais mais femininos, havendo, inclusive, dificuldade em se identificar com os mesmos. A presente pesquisa buscou avaliar a existência desta realidade nos discursos dos jovens entrevistados.

Antes de nos aprofundarmos nas problemáticas dos universos femininos e masculinos, faz-se necessário esclarecermos dentro de qual amplitude essas temáticas estão subjacentes. Estamos nos referindo ao campo conceitual de *gênero*. Embora a maior parte dos autores pesquisados não tenha ponderado sobre a diferenciação entre as terminologias sexo e gênero, atentamo-nos ao uso da segunda, acatando as proposições trabalhadas por Scott (1995), Louro (1997) e Bereni, Chauvin, Jaunait e Revillard (2010). De acordo com Louro, gênero se refere à construção social e histórica em torno dos sexos.

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. (Louro, 1997, p.21).

---

<sup>1</sup> Sexualidade será por nós compreendida dentro da perspectiva pós-estruturalista, que a considera como um processo construído social e politicamente, com sua vivência e manifestação modificada de acordo com os valores de determinada cultura e período histórico (Louro, 2000).

Gênero veio a ser empregado para distinguir do termo sexo e de suas concepções biológicas para apontar as diferenças sociais entre homens e mulheres. Antes disso, de maneira indiferenciada, a terminologia “sexo” embutia conceitos sociais ao sexo anatômico, como na concepção de “sexo frágil”, por exemplo. O diferencial do emprego do termo gênero é especificar a questão social como um elemento autônomo, dotado de uma causalidade própria que não se vincula às leis biológicas (Bereni et al., 2010).

O termo gênero escapa do essencialismo que o termo sexo pode eventualmente conduzir, se tomarmos as diferenças biológicas como argumentos para a reprodução das desigualdades nas relações entre os indivíduos. Scott (1995) e Louro (1997) salientam o aspecto relacional que envolve o primeiro conceito, “[...] já que é no âmbito das relações sociais que se constroem os gêneros.” (p.22). Isso implica dizer que as relações entre homens e mulheres são igualmente sujeitas a constantes transformações, de acordo com as representações que lhe são conferidas em cada período histórico.

Gênero envolve também uma conceituação plural, por agregar diversas representações sobre os sujeitos, diferindo não apenas entre as sociedades e tempos históricos, mas igualmente dentro de uma mesma sociedade, ao se levar em conta a diversidade de grupos – étnicos, religiosos, de classe – que a contempla. No entanto, tais particularidades dentro da construção de cada gênero terminam por ser, de certa forma, discriminadas em decorrência das relações de poder da sociedade. Contextualizando a discussão para o campo das masculinidades, aqueles que destoam dos padrões masculinos hegemônicos costumam ser especificados como diferentes ou representados como o outro, estando muitas vezes segregados daqueles que compartilham daqueles padrões (Louro, 1997).

Embora o conceito de gênero, tal como trabalhado pelas autoras supracitadas, se desprenda da dualidade masculino-feminino e considere outras possibilidades de manifestações (como os transgêneros, neutros e cisgêneros), mantivemos nesta pesquisa a terminologia do gênero masculino e feminino, considerando as construções históricas, sociais e a multiplicidade de formas presente dentro de cada concepção. A escolha pela manutenção destas terminologias se deve ao fato de nossos colaboradores do sexo masculino se identificarem com as significações atribuídas ao gênero masculino, campo que será detalhadamente explanado na seção 1.

Na seção a seguir, veremos quais tem sido os padrões masculinos propagados ao longo da cultura patriarcal e as transformações pelas quais eles vêm passando em decorrência, principalmente, das conquistas femininas.

## 1 MASCULINIDADES

A preferência pelo título em plural “masculinidades” se deve ao fato deste conceito se apresentar de formas múltiplas, não sendo possível restringi-lo a uma classe uniforme.

Embora o estudo teve o intuito de traçar as características mais relevantes do campo masculino, Welzer-Lang (2004) esclarece que os homens não são um grupo homogêneo, e mesmo o que faz deles um grupo, como os privilégios e poderes conferidos a eles, não é suficiente para explicar as relações entre eles. Dessa forma, masculinidades se constitui como um conceito plural.

Partimos das explicações da historiadora feminista Badinter (1993) sobre o que venha a ser homem para uma compreensão inicial do campo das masculinidades. Para esta autora, tornar-se homem requer um esforço que não ocorre com as mulheres. Diferentemente do lado feminino, no qual a natureza se incumba de transformar a menina em mulher na ocorrência da primeira menstruação, para o homem é necessário provas de virilidade. Ou seja, não é algo dado *a priori*, mas uma condição a ser conquistada. A questão que se impõe aos homens desde o final do séc. XX é que este ponto de referência já não se sustenta mais como norteador para a construção da identidade masculina.

Badinter (1993) não faz distinções entre as identidades de gênero e orientação sexual. Porém, é notória sua inclinação para a identidade masculina heterossexual, campo o qual nos debruçaremos.

### 1.1 BREVE HISTÓRICO

Uma vez que a construção dos gêneros se faz de forma relacional, nos pautaremos nas origens da divisão sexual e suas repercussões para a compreensão da constituição das masculinidades.

Badinter (1986) explica que as mudanças climáticas afetaram muito as condições de vida na pré-história, podendo ter influenciado também na relação entre homens e mulheres. E, portanto, é preciso ter consciência que qualquer elaboração em torno deste assunto é conjectural e aproximativa.

A divisão do trabalho entre a caça e a coleta engendrou não somente a distinção dos gêneros, mas provavelmente inteligências igualmente distintas. Contudo, considerando a dependência mútua dos elementos da sociedade em torno destes dois recursos, houve, então,

uma relação de complementaridade e provável igualdade entre homens e mulheres. A interpretação em torno do fato é que foi distinta e conflitante entre estudiosos e estudiosas ao longo dos anos. Pesquisadores anteriores das décadas de 1970 e 1980 analisaram aquele período de forma hierárquica, entendendo que a caça masculina proporcionava o desenvolvimento de maior inteligência e perspicácia. O trabalho de coleta feminino, assim como o cuidado com os filhos, foram entendidos como uma escala rebaixada da sociedade. Algumas antropólogas rebateram tal análise, exaltando o tipo de inteligência e aptidões necessárias para a execução das funções femininas. Não é difícil concluir, junto com a autora, que as hipóteses formuladas estiveram sujeitas a projeções pessoais ou tiveram como norteador o modelo de sociedade em que viviam. O fato é que “[...] a complementaridade foi muito mais pensada em termos de hierarquia e dominação do que em termos de igualdade e simetria.” (Badinter, 1986, p.39).

Fisher (1994) também descreve este período pautado na ausência de submissão de poderes, tendo este cenário alterado com o advento da agricultura. Sendo necessário o uso da força física, os homens se sobressaíram, momento em que se introduz o desnivelamento de poder. “A agricultura com arado trouxe consigo a subordinação feminina, dando início ao panorama da vida sexual e social do Ocidente.” (Fisher, 1994, p.307).

No fim do séc. XIX, Bachofen e Morgan (citados por Badinter, 1986, Fisher, 1994) defenderam a hipótese da existência de uma sociedade matriarcal baseada na concepção do desconhecimento da ascendência paterna. A partir do conhecimento desta, os homens teriam dominado o poder da família e sociedade. Fisher (1994) também aponta a instituição da monogamia e de preceitos religiosos como fatores para o declínio do matriarcado, uma vez que limitaram a mulher na relação com a sociedade mais ampla sacrificando-a nos limites do casamento. Badinter (1986) completa explicando que o casamento surge como regulador da dominação do sistema patriarcal. A mulher é tida originalmente como objeto de troca do pai e permanece objeto de seu marido. Para este, a esposa lhe confere promoção social e tem a função de distraí-lo e lhe dar filhos.

A hipótese do matriarcado se mostrou inconsistente para muitos estudiosos por não ter sido esclarecido as formas de poder da mulher e o período preciso da pré-história em que pode ter ocorrido. Igualmente, não acharam convincente o lugar reduzido dos homens naquela civilização, levando-se em conta a relevância dos caçadores para a sociedade e economia. Outros teóricos como Tiger, Fox e Morin apostaram em uma sociedade originalmente patriarcal. Para Badinter (1986), nenhuma das teorias é satisfatória, acreditando na

possibilidade das sociedades pré-históricas terem partilhado dos poderes de forma diferente da que conhecemos.

Premissas de equilíbrio na relação entre homens e mulheres são melhor embasadas em dados documentais do período do IV milênio a.C. até o fim do II milênio a.C. Existem indícios de um sistema semipatriarcal, no qual havia o reconhecimento dos poderes do pai e da mãe. A mulher era chamada a participar de diversas tarefas e funções. Após esse período, o patriarcado toma seu lugar, com duração de três ou quatro milênios (Badinter, 1986). O início desse sistema ocorreu também devido a motivos econômicos, com a necessidade do homem expandir seu patrimônio, protegê-lo e comercializar seus bens. Discursos biológicos intensificaram o poder masculino com a justificativa de que a força masculina associada com sua parcela biológica (a influência da testosterona, que auxiliaria no sacrifício da segurança, afeto e prazer em nome do posicionamento social, autoridade e poder) pareciam mais favoráveis à evolução e expansão da sociedade (Fisher, 1994).

Porém, a autora aponta dados que contradizem a hegemonia desta dominação dentro do período histórico em que existe o consenso sobre o patriarcado, relatando sociedades nas quais existia o equilíbrio de poder entre os gêneros e outras nas quais havia registros de menosprezo ao poder masculino. Sua análise aponta para uma destituição do poder feminino em muitos povos após a invasão e instituição da cultura patriarcal europeia. Como consequência, poucas sociedades conseguiram permanecer com seu poder intacto findando com a imagem feminina denegrada e generalizada para o resto do mundo.

O patriarcado parte de um ponto de vista dualista, no qual feminino e masculino se colocam como antagônicos e hierarquizados. Nas sociedades patriarcais, os contrários se transformaram em excludentes. A relação dual ganhou caráter tenso: o Um tem como oposto o Outro, inimigo, ou o Bem e de outro lado o Mal. “A oposição, fundada sobre uma teologia ou uma mitologia, tornou-se tão radical, tão cheia de tensões, que a ideia de comunidade, de semelhança dos sexos ficou gravemente ameaçada.” (Badinter, 1986, p.134). Se do lado dominante, segue a autora, existia o homem, para a mulher, o “outro lado”, lhe restou toda a sorte de qualidades ruins que deveriam ser controladas e vistas com desconfiança. A sexualidade feminina esteve como principal alvo, sendo vista como desenfreada e insaciável. Os padres da Idade Média corroboravam tal discurso. Fisher (1994) revela outras tonalidades de conceitos pejorativos em torno dos gêneros, baseados em argumentos biológicos, como a crença de que os homens são mais predispostos ao sexo e ao adultério e as mulheres castas,

dependentes e fracas. As ideias trazidas por ambas as autoras corroboraram para a amplificação e intensificação da divisão sexual e submissão de poderes entre os gêneros.

As qualidades da força masculina atravessaram os séculos com diferentes nuances. Por exemplo, a virilidade compunha os referenciais masculinos do século XII, ressaltando-se características agressivas como nas figuras do guerreiro, do caçador e do predador. Um homem demonstrar sinais de medo era comparado a uma mulher e, desta forma, rechaçado. Naquela época, além da função do guerreiro, os homens podiam pertencer a outros dois grupos com funções específicas: a dos padres e dos camponeses. As mulheres eram apenas as esposas desses homens e sua função era a de servir e ser submissa. As habilidades de leitura e canto também se orientavam para o entretenimento dos maridos. O homem era polígamo e podia devolver a esposa (juntamente com seu dote) caso ela demorasse a lhe dar filhos ou ele encontrasse partido melhor (Duby, 1992). Como se pode observar, o homem vivia em plena evidência, com as circulações de poder tanto na sociedade como nas relações pessoais centrando-se exclusivamente no gênero masculino.

No final do séc. XVIII a família burguesa se consolidou como um modelo a ser seguido, dando forma à figura paterna que se propaga ainda hoje em alguns núcleos, a qual se pauta na figura do provedor e chefe de família, mas ausente das atividades domésticas (Souza, 2010). No que tange ao aspecto comportamental, tornou-se padrão de conduta burguesa o domínio dos afetos, emoções e a contenção da espontaneidade. O sucesso do recato favoreceria na adaptação à sociedade e o rendimento no trabalho. Quem se comportasse de maneira contrária era visto de forma patológica ou considerado preguiçoso e inadaptado. Tais exigências recaíam mais fortemente sobre os homens (Ussel, 1980).

No século seguinte, segundo Mosse (1998), o conceito sobre masculinidade foi submetido aos padrões de uma sociedade consolidada e ordenada. A masculinidade moderna sofreu influências da Revolução Francesa e outras guerras após – onde a virilidade se tornou importante – e das transformações dos séculos XIX e XX, período em que seu conceito foi consolidado, comportando qualidades como a disciplina e o caráter decidido. “A masculinidade fornecia um anteparo contra o caos e as forças de dissolução que pareciam tão ameaçadoras na época, na medida em que os inimigos da sociedade estabelecida tornaram-se cada vez mais visíveis e numerosos.” (Mosse, 1998, p.292). Estes inimigos davam uma urgência particular à masculinidade no fim do séc. XIX.

Neste mesmo século, ocorre o avanço da industrialização e uma grande alteração nas relações afetivas – e, conseqüentemente, nos padrões de gênero – decorrentes das

transformações da economia. A era industrial proporcionou relativa autonomia às mulheres (relativa em decorrência dos baixos salários em comparação aos dos homens), com sua saída de casa para a indústria, tendo como uma das consequências o aumento do número de divórcios (Fisher, 1994).

O clima da época baseava-se na crise econômica, nas agitações trabalhistas e no desenvolvimento da tecnologia. A manifestação dos homossexuais femininos e masculinos também ameaçava as concepções tradicionais sobre os gêneros. Somado a este movimento, veio a luta das mulheres por igualdade e independência, principalmente na Inglaterra. Esta luta desafiou a identidade masculina, que se pautava em valores morais distintos para homens e mulheres. O que elas queriam era a extinção destas diferenças, exigindo por igualdade nos direitos e participação na vida pública. A liberação das mulheres ameaçou a masculinidade estabelecida até então (Mosse, 1998).

Contudo, segundo Badinter (1993), ocorreram crises da masculinidade anteriores à atual. Restringiram-se a países de “civilização refinada”, França e Inglaterra, onde as mulheres dispunham de maior liberdade com a expressão da necessidade de mudança dos valores de dominação vigentes.

Seguindo o estudo da mesma autora, na França do séc. XVII, o primeiro grupo que questionou a identidade masculina foi o das “preciosas”. Era formado por mulheres emancipadas e que invertiam os valores tradicionais da época. Não eram favoráveis ao casamento, mas enalteciam a experiência do amor e de ter amantes. Apenas um pequeno grupo de homens aceitou sua influência. Os demais responderam de forma a afirmar seus modos civilizados, sendo corteses e delicados, evitando se mostrar dominantes no lar. Na Inglaterra, a discussão sobre o papel masculino foi mais explícita. As mulheres reivindicaram o direito ao orgasmo e alterações nos papéis femininos e masculinos no casamento, família e sexualidade.

No período iluminista do séc. XVIII houve um forte abrandamento dos valores viris, com uma valorização das qualidades femininas em detrimento do status das guerras. Foi o período mais feminista da História da França antes do séc. XX. Este cenário mudou na era napoleônica, quando as mulheres foram novamente segregadas e excluídas do espaço público, durando até o início da nova crise da masculinidade do fim do séc. XIX. A crise deste período projetou-se por toda a Europa e Estados Unidos por conta das alterações socioeconômicas resultantes da industrialização. A partir deste momento, inicia-se uma nova transformação no cenário feminino, tendo como um dos frutos, o alcance da mulher à formação universitária.

Uma ansiedade masculina apresenta-se como resposta desta aproximação feminina (Badinter, 1993).

A autora explica que as mudanças econômicas nos países ocidentais forçaram o homem a se ausentar mais da vida doméstica em nome do trabalho. Seu sucesso financeiro foi identificado como a nova forma de virilidade. Uma nova crise masculina despontou quando as mulheres se recusaram a permanecer restritas no ambiente doméstico e avançaram rumo ao trabalho fora de casa.

Embora alguns autores (Oliveira, 1998, Souza, 2010) não enfatizem a liberação feminina como o principal precursor da transformação da masculinidade contemporânea, é evidente seu valor e influência como fator histórico nas alterações das relações e concepções de gênero que vemos atualmente.

## **1.2 A ASCENSÃO FEMININA**

Antes de nos adentrarmos na influência da emancipação feminina na dinâmica masculina e nas relações de gênero, vale acompanharmos o histórico do papel das mulheres nestas relações. Veremos que a estrutura da masculinidade foi construída em grande parte sobre a discreta e silenciosa participação feminina, o que nos ajuda a compreender o quanto sua revolucionária ascensão provocou as atuais concepções de gênero e a sexualidade masculina.

Perrot (2012) diz que investigar a história das mulheres é algo desafiante, pois durante muitos séculos elas estiveram ocultadas pelo silêncio. O motivo desta quietude tem suas razões: pelo fato das mulheres terem ocupado quase nenhum lugar no espaço público, o qual foi considerado como único merecedor de destaque e relato; o ambiente doméstico, espaço reservado para as mulheres, era marcado pela sua invisibilidade. O silêncio e a invisibilidade femininos faziam parte da ordem do sistema e garantiam sua tranquilidade. E por terem sido pouco vistas, pouco se falou delas. Esses dados mostram o quanto o poder masculino estava garantido e livre de ameaças ou concorrência.

Somente por volta de 1970 é que se levantam questões sobre a história das mulheres, tendo seu estudo iniciado pelo antropólogo Georges Duby. Fatores políticos e sociológicos favorecem a aparição das mulheres no contexto científico, como sua inserção no meio acadêmico e sua liberação proporcionada pelos movimentos feministas da mesma época.

Antes disso, existem poucos registros de sua história, sua existência e pensamentos (Perrot, 2012).

Segundo Duby (1992), temos dados mais precisos sobre a condição feminina a partir do séc. XII. Essas informações dizem respeito às mulheres da nobreza e são advindas da perspectiva dos homens. No entanto, seus papéis não diferiam das mulheres camponesas, definidos apenas como as esposas dos homens, com perfil submisso e sua função era basicamente a procriação.

Se tomarmos como parâmetro os dados trazidos por Perrot (2012) e Duby (1992) e associarmos com a análise de Bourdieu (2002) feita em sua obra *A Dominação Masculina*, nos inclinaremos a concordar com este último em seu pressuposto de que estamos inseridos em padrões inconscientes de estruturas históricas da ordem masculina. Este parece ser um argumento plausível para explicar as informações escassas sobre a história das mulheres. No entanto, para Bourdieu, todo nosso olhar e análise continuarão sob o viés dessa ótica, mesmo nos dias atuais. Tal raciocínio foi rebatido por Lazdan, Reina, Muzzeti e Ribeiro (2014) por entenderem que o sociólogo terminou por desqualificar a natureza, poder e influência da mulher em épocas ulteriores.

Exemplo oponente à visão bourdieuniana encontramos em Kolontai (2003). Dotada de uma direção socialista, essa feminista russa trouxe uma visão revolucionária para a época (transição entre os séculos XIX e XX), discutindo a posição da mulher na sociedade e, conseqüentemente, questionando a forma como as relações de gênero eram estabelecidas. Além disso, toda sua leitura sobre a condição feminina é considerada extremamente atual e explica muito do comportamento da mulher contemporânea.

Kolontai (2003) defendia que a mulher moderna era fruto da força do trabalho feminino assalariado. Isso quer dizer que a realidade do mercado de trabalho exige da mulher posturas com mais firmeza, decisão e energia, qualidades antes exclusivas masculinas, não favorecendo a permanência dos valores propagados até então, como a submissão e a passividade. Completa afirmando que este perfil de mulher é consequência de sua participação na vida econômica e social, sendo este modelo valorizado e selecionado pelo mundo capitalista. Criou-se uma seleção natural das mulheres mais fortes e resistentes.

Mesmo esse modelo não sendo generalizado, ela considerava que a energia da nova mulher independente e celibatária tinha o dom de refletir nas demais mulheres que se mantinham vinculadas ao antigo modelo feminino. Gradativamente, a mulher trabalhadora vai

configurando o tom da nova era e modelando um novo perfil. “São estas mulheres do novo tipo que rompem com os dogmas que as escravizavam.” (Kolotai, 2003, p.24).

Todavia, Kolontai reconhecia que os valores que perduraram por séculos em relação à mulher influenciavam mesmo no novo modelo que se construía, sobre aquela que buscava por libertação. Referia que o antigo e o novo se misturavam e se conflitavam na consciência feminina. Sua percepção sobre as ambiguidades dos padrões femininos pode ser verdadeira ainda nos dias atuais, tal qual ocorre nos padrões de comportamento masculino, como veremos na seção 1.3.

Embora grandes mudanças na condição feminina já vinham ocorrendo por conta do trabalho assalariado entre o fim do séc. XIX e início do séc. XX, existem registros de movimentos isolados de reivindicações femininas em diversos momentos da História. Mas é a partir do séc. XIX que eles começam a se caracterizar como movimentos feministas de fato, configurado em três momentos. O primeiro deles, ou a primeira onda, focou-se na reclamação pelo direito ao voto das mulheres e abrangeu vários países do Ocidente (Pinto, 2010, Louro, 1997).

A segunda onda, no final da década de 1960, foi quando o feminismo se fortaleceu, preocupando-se, além das causas políticas e sociais, com construções teóricas, sendo a principal delas o conceito de gênero. Tornar a mulher e seu trabalho visíveis foi um dos principais focos das primeiras estudiosas feministas. O destaque dado à mulher na História, literatura e Psicologia revela a importância destes primeiros trabalhos, considerando que antes lhe era reservado apenas um espaço secundário e subjacente à perspectiva masculina (Louro, 1997).

De acordo com Perrot (2012), o direito à educação e à instrução era uma das reivindicações mais antigas, sendo considerado o meio pelo qual se podia conquistar a emancipação, o trabalho, a criação e o prazer. Todavia, a reclamação pelo direito ao trabalho e ao salário recebia conotação diferente na classe burguesa. Para a mulher burguesa, o trabalho significava mais sair de seu posto nobre de nada fazer do que uma conquista em si. No entanto, a conquista pela liberdade econômica foi um dos principais fatores que garantiu sua independência em relação aos homens.

Narvaz e Koller (2006) explicam a segunda onda do feminismo a partir de duas frentes distintas: enquanto que as feministas americanas lutavam pela igualdade entre homens e mulheres, as francesas voltavam-se para a valorização de suas diferenças, com ênfase para o reconhecimento das atividades femininas. Esta segunda vertente foi o que diferenciou a

terceira onda, que teve como foco primordial a “análise das diferenças, da alteridade, da diversidade e da produção discursiva da subjetividade” (Narvaz & Koller, 2006, p.649). Os Estudos de Gênero ganham relevância, cujo foco é embasado na análise do gênero dentro da perspectiva relacional (Scott, 1995). Neste momento, as relações de gênero se colocam à frente das questões femininas exclusivamente, o que não exclui a continuidade de suas lutas.

Na visão de Perrot (2012), o feminismo contemporâneo é reconhecido mais pelos direitos do corpo e pelas lutas às penalizações contra a violência física e sexual. A consequência disso foi a formulação de inúmeras leis e o aumento de denúncias na justiça.

### **A ascensão feminina no Brasil contemporâneo**

Atualmente, a ascensão feminina nas diversas esferas da sociedade brasileira é digna de nota: o nível educacional feminino supera o masculino, sua participação no mercado de trabalho só aumenta, assim como sua atuação no cenário político. Contudo, tais conquistas não têm contribuído para um nivelamento mais significativo das desigualdades de gênero no país. Encontramos desigualdades inclusive entre as próprias mulheres, principalmente no tocante à classe e à raça (Simões & Matos, 2010).

Além do nível educacional, um dos fatores que tem contribuído para o exercício feminino no mercado de trabalho se deve à diminuição da taxa de fertilidade. Esta taxa é menor conforme aumenta o nível socioeconômico. O número de mulheres responsáveis pelo sustento da casa também aumentou de 22,9% para 30,6% entre 1995-2005. “Tais mudanças são vistas não apenas como culturais ou relacionadas à conformação de novas estruturas familiares, mas também como um crescimento significativo da ‘responsabilidade compartilhada’ entre os casais.” (Simões & Matos, 2010, p.21). Apesar do aumento da responsabilidade feminina no sustento da casa, o contrário, ou, o aumento da participação masculina no trabalho doméstico, foi muito discreto, 5,1% entre a população trabalhadora masculina. Enquanto as mulheres gastam 25,2 horas semanais para esta função, os homens ocupam 9,8% de seu tempo.

Contrapondo-se a esses dados, essas autoras trouxeram duas pesquisas que abordaram de maneira mais aprofundada a questão da divisão do trabalho doméstico. A análise geral dos resultados demonstrou a coexistência de valores tradicionais e modernos, assim como observou Kolontai (2003) no fim do séc. XIX. As respostas que mais se inclinavam para uma atitude mais moderna referiam-se ao grupo de mulheres com nível educacional mais elevado,

ao de homens e mulheres que trabalhavam fora e às novas gerações. Concluíram, portanto, que embora haja a existência simultânea de valores tradicionais e modernos, e também do confronto entre eles, a população brasileira caminha para um posicionamento mais moderno e pós-moderno na questão dos valores culturais e da divisão do trabalho doméstico.

Segundo a análise de Perrot (2012), os trabalhos domésticos foram amenizados para a mulher, mas as ocupações com os filhos ocuparam esse espaço. Contudo, este trabalho parece ainda fazer parte da agenda da mulher e não dos homens. Estes se mostram resistentes a tais tarefas, assim como à repartição dos papéis sexuais do cotidiano. “Há aí uma estrutura de longa data, material e mental, que desafia a história” (Perrot, 2012, p.119).

Whitaker (1988) pensa que a libertação feminina, por ser um processo histórico, é um processo lento e ainda em transformação. Para esta autora, a emancipação feminina depende da libertação masculina, concepção não corroborada pelos autores supracitados. Defende que os valores femininos como a sensibilidade e a expressividade precisam ser conservados e que tais valores estão sendo absorvidos também pelos homens.

A autora reconhece algumas alterações na legislação brasileira como positivas e favoráveis a uma minimização da desigualdade entre os gêneros, como a licença paternidade, que concede cinco dias de licença quando do nascimento do filho. Embora seja pouco, já é um avanço em direção ao incentivo da participação do pai na criação e educação dos filhos. Também visualiza na cultura masculina uma maior abertura para a sensibilidade e o prazer no processo de criação dos filhos.

Como vimos nesta sucinta exposição, houve uma transformação muito intensa em um curto espaço de tempo do lado feminino. É inevitável que a liberação das mulheres altere a dinâmica masculina e das relações de gênero estabelecidas até então. Tomaremos conhecimento na seção seguinte de que maneira as reformas femininas têm afetado a masculinidade. Veremos também que por parte dos homens, as transformações têm ocorrido de maneira muito mais lenta em comparação com a velocidade daquelas ocorridas com as mulheres.

### **1.3 MASCULINIDADES ATUAIS: PERSPECTIVAS E TRAJETÓRIAS**

No início do séc. XX, o movimento de libertação feminina trouxe um contratipo de sexualidade para homens e mulheres, denominados os anormais, levantando, com isso, um questionamento sobre a essência da masculinidade. “O ideal de masculinidade era posto em

risco por uma decadência geral, uma desorientação anunciada pela doença e pelos doentes.” (Mosse, 1998, p.293). A masculinidade parecia ser o alvo principal com o qual o movimento decadente iria se contrapor.

O caos estabelecido pela quebra da ordem de um sistema primordialmente patriarcal pelo movimento decadente foi marcado pelo nervosismo e histeria, decorrente da falta de contenção do antigo sistema que se destituía. A masculinidade rígida era o principal diferenciador entre os gêneros, e era considerado fundamental para o estabelecimento da ordem na sociedade. Este pode ser o principal fator para o repúdio da aceitação da homossexualidade, pois ameaçava a ordem conhecida e que dava segurança à sociedade (Mosse, 1998).

Posteriormente, a maioria dos sexólogos transformou a ideia da masculinidade construída como contraposto da homossexualidade e da feminilidade, incluindo em sua configuração elementos até então rejeitados (Mosse, 1998). Veremos mais adiante que o reconhecimento de que a natureza masculina pode conter elementos mais brandos continua a ser o desafio para o homem contemporâneo na harmonização com sua própria identidade.

Nolasco (1993) entende que a mudança que vem ocorrendo no universo masculino faz parte de uma autorização social para que os homens vivenciem aquilo que fazia parte até então somente da dimensão feminina. Ele alerta ser um equívoco delegar a reforma masculina somente a partir do movimento e transformação feminina. Os homens por eles próprios já vinham demonstrando incômodo com sua própria condição.

Podemos identificar os primeiros sinais da reação masculina contra a ordem estabelecida em algumas manifestações, tais como na formação dos Grupos de Homens em diversos lugares do Ocidente, que buscavam se diferenciar dos conceitos heteronormativos, e também pelo movimento hippie dos anos 60, que tinha como ideal desconstruir e reinventar os papéis de gênero. Esses grupos tiveram como impulso norteador a cultura moderna que enaltecia a individualidade e a subjetividade, e que, conseqüentemente, questionava os valores propagados pela tradição e religião (Nolasco, 1993).

A cultura androcêntrica concebeu o homem na ilusão de serem portadores de tantos potenciais que prometiam garantias de sucesso nos desafios e revezes da vida, que os afastou da possibilidade humana da falha. Por isso, o autor acredita que o caminho para o estabelecimento de uma nova condição masculina poderia estar pautado em crenças menos literais e unilaterais, como vinham desde então (Nolasco, 1993). A possibilidade de viver uma trajetória que incluía experiências como incerteza, inexatidão e tantas outras qualidades que

sustentem os homens em uma forma mais real e consciente diante da realidade, poderia prepará-los de forma mais integral para as responsabilidades e riscos que a vida naturalmente apresenta.

De acordo com a pesquisa de Garcia (2006), houve uma gradativa mudança de valores e de funções dos papéis de gênero no decorrer das décadas de 60, 70 e 80 do último século, sendo tais alterações mais evidentes nas camadas médias urbanas. Essas transformações abrangeram as dimensões familiares, no casamento e na relação entre pais e filhos, tendo como mote originário o ideal de igualdade entre os gêneros.

No entanto, a autora acautela sobre o fato de que o processo de transformação envolve complexidades que não permitem que este seja um processo linear, nem completo. Ou seja, a autora lembra que uma transformação envolve processos de desconstrução e construção, o que gera conflitos e contradições. Assim, o resultado “final” seria um misto ou uma coexistência entre o padrão velho e o novo, ou o tradicional e o moderno, como alguns autores costumam nomear. Os principais conflitos deste encontro de gerações se dão por conta do confronto de símbolos e códigos de valores distintos para cada instância. E mais: sua pesquisa aprofunda a existência dos conflitos até o nível individual, ao lembrar que os confrontos de valores e orientações ocorrem igualmente *dentro* de cada indivíduo. Isso quer dizer que podemos ser orientados tanto pelos ideais igualitários, como em outro momento, pelos ideais da antiga construção social de gêneros. Esse pensamento faz todo sentido uma vez que a transformação social ocorre em processos e processamentos, tanto em nível coletivo como individual.

Garcia (2006) corrobora outros autores, como Welzer-Lang (2004), na ideia de que não existe uma “entidade única masculina”, que os homens não formam uma classe homogênea. A autora traz dados que mostram uma maior flexibilidade masculina em revelar que existem inúmeras perspectivas dos homens verem e entenderem as mulheres, que suas identidades são constantemente reavaliadas e dialogadas com as perspectivas femininas e masculinas no percurso de suas relações. Este panorama contribui para desconstruirmos o “[...] conceito de homem genérico e monolítico de que o feminismo e a Demografia falam.” (Garcia, 2006, p.70). Principalmente as gerações de 70 e 80 passaram a questionar muito os valores e conceitos das gerações que os antecederam. Embora o feminismo tenha se embasado numa visão estereotipada masculina, Nolasco (1993) afirma que o movimento contribuiu para muitos homens que se identificaram com as queixas reverem a própria postura.

De um outro panorama, Welzer-Lang (2004) diz que as primeiras desconstruções do masculino ocorreram primordialmente em duas frentes: em grupo de homens antissexistas,

que desenvolviam reflexões críticas a partir da heterossexualidade, e no campo acadêmico, mais especificamente nas Ciências Sociais na École des Hautes Études, área em que se discursava sobre a homossexualidade masculina e se questionava sobre os papéis masculinos na sexualidade.

Welzer-Lang (2004) recomenda que para o estudo dos gêneros, é preciso estar consciente do viés androcêntrico que norteia de modo limitado o olhar sobre cada gênero. Ele explica:

[...] homens e mulheres, dominantes e dominados/as não têm as mesmas informações e o mesmo conceito sobre o sentido, as formas e as linguagens da dominação. Sem falar aqui das diferenças de aprendizagem social ratificadoras do paradigma de pensamento naturalista que nos faz ver os homens como superiores às mulheres [...] (p. 111).

Dessa forma, nos estudos da masculinidade, nos ocuparemos da perspectiva masculina, considerando o panorama de seu olhar e reflexão. O autor ainda alerta para os pesquisadores da área estarem atentos não apenas às formas distintas de dominação para cada gênero, mas para a forma como elas são construídas.

Considerando a distinção de perspectiva das trajetórias de cada gênero, Nolasco (1993) observou diferenças nas naturezas dos movimentos feministas e da reforma masculina; enquanto o primeiro se pautou primordialmente em mudanças políticas e sociais, ou seja, ocorreu fundamentalmente para uma dinâmica externa, o segundo vem ocorrendo, sobretudo ou a partir de reformas internas, na medida em que se baseia na revisão de valores, posturas e do entendimento do que venha a ser um homem no momento histórico atual.

Veremos a seguir dados de pesquisas brasileiras das três últimas décadas que retratam a dinâmica das relações masculinas e seu reflexo na construção de sua subjetividade.

Embora a pesquisa de Garcia (2006) mostre uma alteração gradual conforme as gerações que viveram suas juventudes nos anos 60, 70 e 80, para a maioria dos entrevistados das três gerações o modelo de pai conhecido foi o tipo ausente, distante afetivamente e autoritário. O interessante é a existência de uma “justificativa” para este modelo paterno, sendo sua dedicação ao trabalho a explicação para tal comportamento. Ainda, a rigidez com os filhos foi entendida como parte da função paterna. A função materna era percebida como o meio integrador das relações familiares, desenhada também pela articulação e organização das relações.

Os códigos de valores eram bem claros na distinção da educação para meninos e meninas. A eles era direcionado o preparo para o mercado de trabalho, enquanto que para

elas, era incentivado o cuidado com a família e com a casa. No tocante à sexualidade, a dupla moral esteve marcada inclusive para a geração de 80, estando claro que a expressão da sexualidade masculina era livre, ao passo que a feminina era restrita ao casamento.

O mesmo estudo ainda apontou a necessidade dos meninos seguirem os modelos de comportamento esperado pelos homens a fim de se distinguirem dos afeminados, como meio de afirmarem a identidade masculina. Ou seja, o que se via no início do séc. XX como apontado por Mosse (1998) e Welzer-Lang (2004) se manteve no fim do mesmo século. O segundo autor acrescenta o valor da força, atividade e competição para a concepção de masculinidade entre os homens. Do lado feminino, a prática de atitudes masculinas não se apresenta como um problema. Num exemplo mais extremo, Badinter (1986) afirma que a experiência da bissexualidade é muito mais tranquila para as mulheres do que para os homens. Isso porque elas estão mais seguras de sua identidade. Com a possibilidade de vivenciar momentos de virilidade, seja em períodos da vida ou mesmo do dia, elas não entram em conflito com sua identidade feminina. Refere ainda que as mulheres esperam a mesma flexibilidade por parte dos homens. A dificuldade encontrada na parte masculina reflete não apenas na sua identidade, mas também nas relações com as mulheres. A autora explica o fato pelo temor sentido pelos homens de uma excessiva semelhança entre os gêneros e o receio da perda de sua singularidade. Embora concorde que as especificidades de gênero não devam ser excluídas, ela entende que o afastamento cada vez maior dos modelos estereotipados da coletividade, move os sujeitos a uma escolha mais livre para outras formas de ser, que podem incluir toques masculinos ou femininos dentro das particularidades de cada um.

A pesquisa de Nolasco (1993), realizada em 1985 com 25 homens da classe média, com idade entre 25 e 35 anos, que teve o intuito de investigar a autorreferência da masculinidade a partir do impacto da cultura machista sobre os homens, identificou o desconforto sentido na exigência social de ter que se sustentar a imagem de virilidade e atividade do ponto de vista sexual. Ao analisarmos a articulação entre essas pesquisas, notamos o conflito vivido pelos homens na atualidade no impasse entre a crença da necessidade de manutenção do status viril e o incômodo na realização deste papel.

Badinter (1993) identifica os sintomas sexuais masculinos, como as disfunções sexuais e os fetichismos, como manifestação de parte de sua crise na identidade de gênero. “Para quebrar a identificação entre desempenho sexual e masculinidade é preciso aprender a dissociar sexualidade e sentimento de virilidade.” (p.129). Badinter (1993) e Nolasco (1993) colocam como urgência a necessidade dos homens compreenderem o alto custo que lhes

demanda o ideal de virilidade, assim como desvincular a construção da masculinidade como oposição da feminidade. Para ela, é imprescindível ensinar aos garotos um novo modelo de virilidade que contenha em si espaço para a vulnerabilidade.

Ela expõe que em alguns países, como Estados Unidos, Alemanha e outros de origem anglo-saxã, houve a tentativa da construção de outro tipo de homem, denominado o “homem mole”. Como opositor do modelo contestado pelas feministas, este novo tipo acreditou que deveria menosprezar a virilidade e adotar comportamentos considerados femininos. Foi um modelo fracassado por onde se apresentou (Badinter, 1993). A confusão desta tentativa parece ser reflexo da incompreensão masculina do que venha a ser uma masculinidade vulnerável.

A iniciação sexual foi outro ponto abordado por Garcia (2006). Entre seus pesquisados, os jovens das gerações de 60 e 70 tiveram sua primeira experiência com prostitutas, diferente da geração de 80, que tiveram a primeira relação com a namorada. Inserido nesse contexto, outro ponto chave que diferencia esta última geração das anteriores, é a inscrição da afetividade como um valor a ser agregado nas relações sexuais.

Apesar do maior acesso aos conteúdos sexuais por meio dos programas de televisão e da internet, o mesmo estudo constatou a falta de preparação e informação dos jovens para o exercício de sua sexualidade. Diante desses dados, levanta-se a questão se os reais interesses dos jovens na busca por esses meios de comunicação estariam mais voltados para sites pornográficos, que fariam substituição às revistas das gerações anteriores, ao invés da preocupação com informações de saúde e comportamento. De acordo com Garcia (2006), estas inquietações se revelam nas questões levantadas pelos jovens nos chats da internet, as quais são permeadas por dúvidas e angústias acerca do universo sexual, fisiológico e comportamental que envolvem as dimensões masculinas.

Segundo Nolasco (1993), a ênfase do público masculino nas questões sexuais é em parte decorrente da supervalorização de todo assunto relacionado a seu pênis em detrimento dos sentimentos despertados alheios a esse tema, o que foi nomeado como a sexualização dos afetos. De acordo com a análise do pesquisador, esta dinâmica explicaria a dificuldade encontrada pelos homens em estabelecer laços de intimidade entre si, tal qual comumente ocorre entre as mulheres. Deste modo, o domínio masculino reduziu o conceito de intimidade para a questão sexual. A proximidade mais estreita entre homens passa a ser confundida com aproximação sexual e, portanto, ser cautelosamente evitada. Atribuiu-se a afetividade ao universo feminino, sendo sua natureza entendida como caótica, difusa e instável e, assim, não merecedora de crédito. O atrofiamento da afetividade na socialização masculina trouxe aos

meninos uma série de frustrações, desencontros e relações superficiais. O resultado desta pesquisa mostrou a dificuldade dos homens em mapear e transitar sobre a dinâmica subjetiva.

Outro questionamento que fazemos a partir de pontos levantados por Nolasco se refere ao significado da entrega afetiva nas relações com as mulheres. O pesquisador afirma suscitar dúvidas entre os homens quanto à sua identidade masculina na experiência da entrega amorosa. A questão que surge é se tais dúvidas ocorreriam ainda nos dias atuais.

#### 1.4 A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA PERSPECTIVA MASCULINA

A partir da alienação da subjetividade masculina, Nolasco (1993) considerou a hipótese da imagem da mulher ter sido construída pelos homens a partir desta condição e das fantasias projetadas nela. Conjecturou também, que seu comportamento frente a ela estaria mais embasado na projeção desta imagem simbolicamente construída do que no resultado da experiência de trocas e contatos com a mulher propriamente dita. Ele segue dizendo: “Para um homem, a mulher é um ‘ente’, e como tal se revela como a *categoria mulher*, identificada a partir da elaboração de informações e imagens obtidas por meio do senso comum, referendadas tanto pela mídia quanto pelo juízo de valor moral.” (Nolasco, 1993, p.131).

Neste sentido, o autor pensa ser um desacerto nomear o inconsciente masculino de “porção feminina”, como se inclina o pensamento original de C. Jung (1987), por exemplo. Este conceito leva à ideia de que os traços subjetivos seriam privilégio do gênero feminino apenas, o que não é verdade. Samuels (2000), autor pós-junguiano, concorda com essa crítica, mesmo porque esta correlação limitaria o universo feminino apenas ao campo da subjetividade, o que também seria ultrajante para com as mulheres<sup>2</sup>.

Ao associar a subjetividade masculina à sua “porção mulher”, Nolasco (1993) entende que esta concepção reforça o poder das mulheres, intensificando o temor ou a rejeição masculina para com elas. O que é pior, afastaria os homens da apropriação de sua subjetividade e das transformações a partir dela decorrentes pelos mesmos motivos. O apontamento que Jung (1987) faz, independentemente da nomeação conferida, é o temor que o homem apresenta do enfrentamento com os próprios conteúdos subjetivos, que na cultura ocidental e patriarcal, foram recalcados na psicologia masculina. Devido à projeção da subjetividade nas mulheres, seu contato mais íntimo com elas os aproxima com seu próprio inconsciente, universo do qual os homens foram socialmente excluídos e que, posteriormente,

---

<sup>2</sup> Essa discussão encontra-se particularmente pormenorizada na seção 3.

passaram a temer. O trabalho que se apresenta neste âmbito, seria tanto a desassociação da subjetividade ao campo feminino, quanto o contato e diálogo masculinos com as próprias questões subjetivas.

Nolasco (1993) salienta que a crença disseminada ao longo das últimas décadas sobre a incompatibilidade e conflitos entre homens e mulheres associou-se com a busca por um individualismo crescente que parece visar o abrandamento da angústia decorrente dos desencontros amorosos.

Na percepção dos homens, o papel opressor da dimensão feminina por conta de seu grau de abstração explicaria, para o pesquisador, o motivo precursor da traição masculina. Ao trair, os homens autenticariam seu poder de escolha, experimentariam sua liberdade, fugiriam do encarceramento da relação com o feminino. Seriam “pequenos ensaios de liberdade” (Nolasco, 1993, p.142). Uma visão um tanto simplista para tamanha complexidade que envolve a dinâmica das relações interpessoais. Para Oliveira (1998), uma leitura que confere aos homens uma perspectiva vitimatória que exclui as relações de poder entre os gêneros.

## **1.5 O NOVO HOMEM**

Nolasco (1993) toma o cuidado para não associar a imagem do novo homem a de um ser fragilizado e em crise. Para ele, este que se apresenta está mais diante de um ser que está em busca de integrar seus pensamentos, sentimentos e ações, assim como de construir formas menos enrijecidas de viver a própria individualidade. É também aquele que busca costurar suas contradições, fruto das experiências com os pais e consigo mesmo.

Ressalta que as críticas feitas aos conceitos masculino e feminino foram importantes como impulso inicial de todo o movimento que se segue, mas que hoje não sustentam a diversidade que se abriu para o universo masculino. “A transformação da identidade masculina [...] passa, também, pela construção de um projeto no qual estarão sendo repensados o próprio modelo de funcionamento político e social em que estão inseridos homens e mulheres. [...] só que agora como homens comuns.” (Nolasco, 1993, p.181).

Assim como Tacey (2011), Nolasco (1993) concorda que os homens estão perdidos entre um modelo que se desconstrói e outro que está sendo construído, mas não apresentam parâmetros nítidos nos quais possam se sustentar. Muitos dos relatos da pesquisa de Garcia (2006) seguem a mesma linha.

Se antes a troca de experiências entre os homens circulavam preponderantemente sobre suas vitórias e se silenciavam em torno da própria intimidade (Nolasco, 1993), em seu trabalho posterior, intitulado *Um “homem de verdade”*, Nolasco (1997) atualiza esta noção ao afirmar que o homem de hoje se aproxima mais daquele sustentado igualmente no aprendizado de suas frustrações e fracassos, exercício do qual se valerá para os desafios da vida que se segue. Buscamos investigar na presente pesquisa se estas alterações permanecem e se tais experiências têm auxiliado na construção da própria subjetividade.

Oliveira (1998) nos alerta para uma questão, baseado em questionamentos de alguns autores, que muitos daqueles que defendem a formação do novo homem, estão alheios à permanência das dinâmicas de poder, havendo somente uma flexibilização dos papéis, e não uma transformação destes propriamente dita. Bourdieu (2002) defende o mesmo argumento.

Oliveira (1998) aponta que nas classes sociais mais baixas os padrões masculinos são ainda mais rudimentares e opressivos. Nestes casos, a flexibilização dos papéis se mostra mais difícil, uma vez que nestas classes o poder masculino nas relações de gênero é o único poder que lhes resta, por não encontrarem sucesso nas demais escalas sociais para se autoafirmarem. Portanto, ao se referir ao novo homem, este diz respeito mais às classes mais privilegiadas, àqueles que têm mais opções de status nas esferas sociais. O autor também revela que os homens, enquanto grupo, não são oprimidos pelas relações de gênero, mas isso não impede que se sintam ameaçados às conquistas femininas.

Na opinião de Souza (2010), os estudos sobre o chamado “novo homem” pouco estenderam suas discussões para além da questão da sexualidade. Porém, têm ocorrido vários desmembramentos deste campo de estudo, o que tem levado ampliarmos o tema para “masculinidades” no plural, haja vista a diversidade de contextos e possibilidades de manifestação da masculinidade na contemporaneidade. O autor contextualiza as discussões sobre o “novo homem” a partir de uma compreensão de uma transformação geracional, que corresponde à construção de um novo padrão calcado em um novo tempo. Isso não se relaciona necessariamente ao desenvolvimento da polaridade feminina no homem, como algumas teorias sobre o tema têm defendido.

Na pesquisa de Souza (2010), que abordou a representação e as transformações da masculinidade na vida cotidiana, com dados obtidos em reuniões com grupos focais com homens e mulheres casados, constatou-se uma percepção de ambos quanto à falência da hegemonia do modelo masculino. Ele concluiu a coexistência de valores tradicionais com os novos padrões emergentes. Para ele, o processo de transmutação do tradicional para os novos

valores se mostra um caminho irreversível. Isso porque o panorama da vida conjugal se transformou, criando-se a “necessidade da entrada de novos personagens no cenário da vida social” (Souza, 2010, p.262).

Uma das variáveis apontada por Garcia (2006) é de ordem econômica, que incentiva o trabalho feminino fora de casa nas classes médias. O padrão de consumo e o desejo de crescimento social desta classe também contam com a participação financeira da mulher. Nesta pesquisa, a maioria dos entrevistados tinha empregada doméstica, o que, na visão da pesquisadora, é um diferencial entre as camadas médias e populares da sociedade. “A empregada doméstica funciona como um ‘amortecedor’ das relações de gênero, permitindo que muitas questões envolvendo os papéis sociais de gênero não entrem em disputa e sejam diluídas pela figura da empregada.” (Garcia, 2006, p.81).

Quanto ao papel do provedor que (ainda) é esperado deles no casamento, existe forte conflito no não desempenho dessa função numa situação de desemprego, por exemplo. Em contrapartida, existe por parte dos homens grande incentivo pela independência e contribuição financeira da mulher no casamento. Esse ponto mostra o quanto o papel maçante do provedor pode estar sendo aliviado pela autonomia feminina, e “aproveitado” para o redirecionamento das funções de gênero nas relações conjugais. Porém, um dos relatos mostrou que, se não bem direcionado, o que poderia ser um equilíbrio no relacionamento pode causar, ao invés, um desequilíbrio na relação, se a divisão das responsabilidades começar a causar competição entre o casal, como eventualmente acontece nas relações profissionais (Garcia, 2006).

Em relação à participação masculina nas atividades domésticas, a pesquisa de Souza (2010) mostra uma contradição nos discursos, manifestando-se na opinião de que os homens devem participar (e que esta função não é especialmente feminina), mas que este ambiente é preferencialmente das mulheres. O papel masculino do provedor também se sobressai de maneira semelhante, embora a responsabilidade da administração financeira e da educação dos filhos seja compartilhada. Na análise do pesquisador, esses dados revelam uma maior permanência dos valores tradicionais na sociedade brasileira, o que pode vir a corroborar a opinião de Oliveira (1998) quanto à flexibilização dos papéis.

Welzer-Lang (2004) traz uma análise diferente quanto às diferenças de gênero no trabalho doméstico. Ele diz que a mulher, devido ao seu aprendizado que se inclina para o ambiente doméstico, tende a qualificar a si mesma de acordo com a organização de sua casa. Assim, precaver-se da limpeza e organização corresponde às características de uma boa esposa e mãe. Ao passo que para o homem, a importância de sua participação nesta área se faz

necessária quando a desordem ou sujeira já está instalada. Por esse motivo, as mulheres tendem a ser mais preventivas e os homens mais curativos.

É possível visualizar que o momento histórico atual traz novas questões para homens e mulheres. Da parte masculina, as novas exigências recaem sobre sua participação na vida doméstica e familiar, principalmente no estreitamento da relação com os filhos. Ou seja, “As novas demandas apresentadas a um homem se situam particularmente no âmbito das relações interpessoais e problematizam o modo como ele aprendeu a construir seus vínculos afetivos.” (Nolasco, 1997, p.21).

Em síntese, o conceito de masculinidade aborda questões complexas e ambíguas, decorrentes da própria trajetória na qual foi consolidada e que vem sendo desconstruída nas décadas mais recentes. Os homens de hoje se esforçam para reverem e reverterem conceitos nos quais foram socializados, baseados na antiga hegemonia masculina. Porém, como mostrou muitos pontos desenrolados ao longo desta exposição, a reconstrução subjetiva não acompanha a mesma velocidade das transformações sociais. Há de se reconhecer que muitos homens estão no seu empenho em integrar aspectos delegados antes ao universo feminino (Garcia, 2006). Na opinião de Badinter (1993), o esforço masculino em se mostrar distinto do modelo tradicional não significa dizer que haja uma transformação efetiva. Como consequência, podem oferecer aos filhos uma imagem contraditória de masculinidade. Para ela, seria uma ingenuidade acreditar que uma geração de homens nascida e educada no modelo tradicionalmente patriarcal conseguisse repentinamente defrontar-se com a temida feminidade, transformar a concepção de virilidade e reinventar um novo modelo de masculinidade. Garcia (2006) acredita que esta reconstrução não depende apenas dos indivíduos isolados ou de um grupo, mas da contribuição da sociedade em geral, inclusive das mulheres.

E, de acordo com o primeiro trabalho de Nolasco (1993), as mulheres parecem estar com dificuldade em lidar com o novo homem, alguém não tão seguro como antes. Para Badinter (1993), as mulheres se atrapalharam tanto quanto eles neste processo de transformação de identidade. Ao se revelarem mais conquistadoras e combatentes, adotaram atitudes ambíguas enquanto pediam que os homens fossem mais gentis e menos agressivos. Numa postura expansiva, individualista e menos dependente, as mulheres preferem enfrentar a solidão a curvar-se ao modelo feminino idealizado pelos homens. Por sua vez, eles responderam com fuga, angústia ou insensibilidade.

Na seção seguinte, veremos de que maneira as relações entre homens e mulheres tem se configurado no campo afetivo diante de tais transformações.

## **2 AS RELAÇÕES AFETIVAS: RESGATE HISTÓRICO ATÉ A CONTEMPORANEIDADE**

Nesta seção, veremos que ao longo da História, os relacionamentos conjugais estiveram regulados tanto pelas concepções de gênero, como pelos princípios e convenções religiosos, evidenciando-se a dominação masculina e a submissão feminina como dinâmicas estruturantes na composição desses relacionamentos.

### **2.1 HISTÓRICO: AS RELAÇÕES CONJUGAIS NAS DIFERENTES ÉPOCAS**

De acordo com Duby (1992), no séc. XII, apesar de uma posição tão desvalorizada e lânguida, a mulher era vista também como portadora de uma natureza perversa, com um lado obscuro, maléfico e suspeito. Toda essa vertente é consequência da perspectiva cristã, ao se pensar que a mulher foi responsabilizada pela inserção do pecado ao mundo. Com isso, ela recebe denotações ambíguas, oscilando entre tolas e corrompidas a corruptoras. O autor coloca que, desta forma, os homens se orientavam mais pelo medo do que pelo desejo em relação à mulher. Por isso, o casamento tinha a função de esgotar a lascívia feminina, enquadrando-a numa posição de mãe. A subordinação feminina à ordem masculina era entendida como natural e posta como decreto divino. Porém, sua submissão era explicada apenas por seu pecado e não por sua natureza.

É dito comumente que o cristianismo impôs uma restrição na liberdade sexual como observada desde a Antiguidade. Le Goff (1992), por meio do estudo de Foucault e Paul Veine, diz que essa inibição ocorreu anteriormente ao cristianismo, mas seu papel foi determinante. Com esta doutrina, o corpo passou a ser fonte de pecado, sobretudo com as intervenções de Agostinho. O casamento foi a instituição que mais sofreu dentro deste cenário. De acordo com Cabral (1999), o cristianismo foi se estendendo ao longo dos séculos como força religiosa e social. Corroborada por Flandrin (1987), a autora destaca a interdição de envolvimento afetivos e sexuais fora do casamento, e a restrição do ato sexual dentro do mesmo apenas para fins de procriação (ou para cumprir o “contrato” da união) como reflexos daquela doutrina nas relações amorosas e conjugais no início da civilização cristã. Era interdito ao homem tocar na mulher e a paixão deveria ser igualmente evitada. Flandrin (1987) acrescenta a proibição do prazer durante a relação, sendo este conceito mudado somente em meados dos séculos XVI e XVII, quando sua busca passa a ser aceita, desde que não houvesse impedimentos para a concepção. O prazer feminino era pouco conhecido,

acreditando ocorrer junto com a ejaculação. Em outro momento, acreditou-se que ele poderia ser prolongado, na ideia de que ele auxiliaria na fecundação.

No período medieval, o amor não era associado ao casamento. O amor era entendido como sinal de fraqueza e não correspondia à resistência e bravura esperadas do homem. Pelo fato da Igreja condenar o afeto no casamento e na relação sexual, ela acabava por propiciar a brutalidade nas relações sexuais. A associação entre o amor e casamento acontece em meados dos séculos XIV e XV junto com a moral burguesa. Além disso, o casamento deveria ser indissolúvel e conferia ao homem a autoridade máxima, devendo, neste caso, a mulher obediência ao marido (Cabral, 1999).

De acordo com Ussel (1980), as uniões no meio burguês, nobre e entre os camponeses ricos deste período eram orientadas por razões econômicas. O amor deveria ser subordinado aos interesses financeiros ou por títulos da nobreza.

O autor aponta que o aburguesamento da sociedade, a partir do séc. XII, promoveu uma transformação nas relações sociais, o que correspondeu a uma expansão dos contatos, porém de intensidade superficial. Parte das consequências dessa expansão foi o afastamento e a minimização das dependências entre os indivíduos, uma vez que a rede social se tornou mais ampla.

A partir da Idade Moderna, o padrão das relações sexuais sofre alterações em consequência dos novos ideais sociais, que tiveram sua origem com o Renascimento e a Reforma, movimentos que levaram a sociedade a questionar as normas vigentes até então. No entanto, estas transformações levaram a uma divisão de valores da moral sexual seguidos pela sociedade com a mistura daqueles advindos do feudalismo e os surgidos na nova sociedade burguesa. A nova moral preconizava o culto ao eu e a concepção da propriedade individualista. Seu reflexo se deu principalmente nas relações entre os gêneros, intensificando a hierarquia masculina sobre as mulheres e a desigualdade entre eles. Diferentemente do sistema aristocrático, onde a mulher era propriedade do homem considerando seu aparato físico apenas, na sociedade burguesa a ordem masculina se apropria da mulher do ponto de vista psicológico e espiritual. Isso significa que as qualidades masculinas eram enaltecidas em detrimento das femininas (Cabral, 1999).

Segundo Ariès (1987), o individualismo presente na ideologia burguesa do período moderno favoreceu o amor por si mesmo. A valorização do amor individual se estendeu ao casamento, trazendo o erotismo para a relação conjugal. Um fator contraproducente nesta nova configuração foi a expectativa criada em torno do amor e da felicidade no matrimônio,

tendo como consequência, conflitos resultantes da frustração pelo não atendimento destas projeções.

Cabral (1999) aponta o puritanismo como outra característica marcante desta época, o que veio a impor uma rigorosa moral social e sexual. Os casamentos seguiam essa convenção, que era evidenciada também pela expectativa do homem ser o chefe e provedor da família e a mulher ser a dona do lar e cuidadora dos filhos. O casamento passou a ser concebido por noivos pertencentes à mesma faixa etária, sendo esperado cumplicidade e afeição mútuas.

Descreve o séc. XVIII como o marco da descoberta sobre a participação da mulher na fecundação, retirando-a da posição passiva na reprodução. Ainda assim, seu lugar no casamento permaneceu o de reprodutora e de dona do lar, levando ainda dois séculos para esse panorama começar a mudar. Apesar dos avanços científicos, a Idade Moderna permaneceu seguindo com a postura contida e dissimulada, próprias do puritanismo. Garton (2009) traz dados distintos deste século. Diferentemente dos séculos XVI e XVII, aponta que o casamento tornou-se o local de satisfação dos desejos sexuais, embora o adultério e os filhos ilegítimos tornaram-se mais comuns. Pressupomos que tais contradições podem ser características decorrentes de um período de transição, no qual existia a conquista de maior liberdade sexual, paralelo às influências do puritanismo e convenções morais religiosas, que restringia as práticas sexuais no casamento.

A partir do final do séc. XVIII surge a concepção do amor romântico, ideia que permeia os padrões de relacionamento deste então. Neste enfoque, o desejo sexual é subjacente ao amor sublime. O amor romântico não faz ligação direta com a sexualidade, embora a abarque. O parceiro é idealizado e suas qualidades são evidenciadas (Giddens, 1993).

Segundo os referenciais de Ussel (1980), neste mesmo século notou-se um processo de dessociabilização, tendo sua principal marca a experiência da solidão. O autor questiona se a criação do casamento como forma de união, a valorização do amor como condição para o mesmo e o fortalecimento da estrutura familiar não seriam respostas da dessociabilização como forma de resgatar a dependência num núcleo mais próximo. No entanto, a propagação da prostituição e o aumento da prática da masturbação – ambas atividades de cunho individual – também entram como consequências do mesmo processo.

Ao longo do séc. XIX, a Igreja e o Estado fortaleceram a ideia de planejamento familiar, evidenciando a família no modelo burguês como a base da sociedade. O celibato era cada vez mais repudiado pela Igreja. O amor do séc. XVIII foi desintegrado no séc. XIX,

sendo segregado o erotismo e a sensualidade para fora do casamento. Neste período o orgasmo feminino foi negado e visto como perverso (Ussel, 1980).

Giddens (1993) aponta que o poder patriarcal no meio familiar no final deste século começou a reduzir por conta de sua dedicação quase que exclusiva ao trabalho. Assim, a criação dos filhos ficou sob o domínio da mãe, e o cuidado dos sentimentos e emoções passou a ser valorizado, tomando-se as crianças como seres frágeis. Fruto dessa nova cultura foi a idealização materna, com sua extensão para os valores disseminados na mulher romântica. A feminilidade tornou-se característica da mulher maternal, qualidade esta igualmente presente na sexualidade feminina. Este foi o padrão a ser conhecido e esperado pelos homens nas mulheres, abarcando ainda as qualidades de sensibilidade e cuidado. Como veremos adiante, a insegurança e conflito de muitos homens na atualidade explicam-se pela dependência masculina à imagem da mulher romântica, que muitas vezes não corresponde à mulher independente de hoje.

O cenário que compunha a mulher romântica era o lar, uma vez que suas qualidades eram voltadas para os cuidados domésticos e dos filhos, mantendo-a afastada ativamente da vida pública (Giddens, 1993). Entretanto, Cabral (1999) ressalta que este papel era “privilegio” para as mulheres das classes mais altas. Nas camadas mais pobres, elas eram obrigadas a ter um trabalho assalariado para complementar a renda doméstica. No lado masculino, Giddens (1993) refere que ocorreu uma cisão entre o amor romântico e o ato sexual, reverberando na procura do sexo carnal nas amantes e prostitutas. Segundo Cabral (1999), a função do clitóris e o orgasmo feminino eram delegados às mulheres libertinas, sendo a ignorância e a compostura resguardadas para as mulheres da classe média. A repressão sexual refletia indiretamente nos homens, apresentando certa inibição e lidando com o sexo conjugal como forma de exercer um dever no casamento. Neste aspecto, os preceitos de Agostinho eram seguidos criteriosamente. A própria medicina aconselhava o sexo com excitação com as prostitutas.

No final do séc. XIX, os ideais burgueses, que se pautavam na moral vitoriana, entram em choque com a Psicanálise e com as ondas de emancipação da mulher, consideradas como movimentos de subversão da ordem vigente (Cabral, 1999).

Pode-se perceber, neste breve histórico, que a sexualidade teve suas restrições em cada período histórico e que as relações amorosas e conjugais estiveram subordinadas tanto aos preceitos religiosos quanto à ordem masculina, tendo como norteador nas relações o lugar e a função da mulher, tanto no âmbito doméstico como na sociedade.

No séc. XX, a independência feminina, em grande parte proporcionada pelo trabalho, aparecerá como o maior diferenciador das relações. O sociólogo Eli Ginzberg (citado por Fisher, 1994) concorda ao dizer que este foi o acontecimento mais importante deste século.

Partindo de uma perspectiva marxista, Kolontai (2003) analisa as consequências deste fenômeno para as questões sexuais e de relacionamento conjugal no séc. XX. De acordo com sua leitura, a humanidade se adentrou em uma crise sexual, uma crise longa e de complexa resolução. Embora considere outras transformações ao longo da história, analisa que os parâmetros sexuais nunca estiveram tão desestabilizados como no início daquele século. Este fato fora distinto, uma vez que abrangeu todas as classes sociais. “As relações entre os sexos e a elaboração de um código sexual que regulamente estas relações aparecem na história da humanidade, de maneira invariável, como um dos fatores da luta social.” (Kolontai, 2003, p.54).

Ela cita o trabalho de Meisel-Hess, que descreve a humanidade atual como “pobre em potencial de amor” (Kolontai, 2003, p.56). As relações são baseadas na autossatisfação, em que o outro é usado como meio para tal. Espera-se que o outro supra a solidão moral sentida, mas não é devolvido nada em troca. O indivíduo, com o desenvolvimento do individualismo e do culto ao eu, cultiva a ilusão da conquista do parceiro sem nenhum sacrifício ou doação de si próprio. É espantoso observar como as mesmas condições se perduram um século depois.

A situação é agravada com dois fatores que compõem as relações contemporâneas: a concepção de se ter direito de propriedade sobre o outro (surgida a partir da concepção individualista de propriedade privada burguesa, a priori do homem sobre a mulher) e a divisão e desigualdade entre os gêneros nas várias alçadas, como a dupla moralidade (Kolontai, 2003). Embora esse panorama tenha mudado bastante após as conquistas do movimento feminista, este dado continua sendo atual na subjetividade das relações.

A autora ainda percebe a existência, mesmo na época em que foi escrito seu trabalho, de ao menos dois padrões de relacionamento na contemporaneidade. De um lado, um formato aparentemente igual ao burguês, com a manutenção do casamento indissolúvel, mas em seu conteúdo a conscientização da liberdade entre os parceiros; e por outro, visualiza-se uma forma mais livre de se relacionar, mas em seu interior a manutenção do direito de propriedade de um sobre o outro. Sua análise mostra que a humanidade parece estar procurando se adaptar às novas condições da economia social transformada.

E o que seria mais novo no séc. XXI, que não há evidências em épocas anteriores, é o hábito da vida solitária. Hoje as relações parecem mais girar em torno das associações

(amigos) do que nos casamentos. A liberdade financeira proporcionou maior individualismo e menor propensão ao casamento (Fisher, 1994).

Na análise de Bauman (2004) a atual disposição dos relacionamentos se configura por maior liberdade e trocas entre os envolvidos, o que não exclui a ocorrência de dificuldades, conflitos e angústias, recorrentes nos envolvimento afetivos. Corrobora com as autoras supracitadas ao afirmar que os indivíduos contam com maiores possibilidades de esquiva do enfrentamento das próprias fragilidades reveladas na eclosão dos seus entraves nos relacionamentos, e optam em substituir um compromisso recheado de prazeres e dor por relacionamentos voláteis, nomeados pelo autor de amores líquidos. O relacionamento líquido, como trabalha Bauman (2004), é estabelecido por encontros flexíveis e abreviados, embasados na crença ou tentativa de se usufruir de satisfações imediatas na exclusão do ônus das ambivalências e inseguranças abarcadas pelo amor.

Araújo (2002) entende que as novas formas de relacionamento amoroso, sejam elas heterossexuais ou não, são frutos da construção de relações amorosas e sexuais mais democráticas, igualitárias e principalmente plurais, conquista esta de homens e mulheres. As uniões informais, consensuais, sem filhos ou sem coabitação coexistem com o casamento formal, heterossexual com fins de constituição de família, ainda valorizado na contemporaneidade. Para a pesquisadora, a tendência da sociedade é tornar-se cada vez mais flexível para acolher essas novas configurações das relações amorosas.

## **2.2 PESQUISAS SOBRE AS RELAÇÕES AMOROSAS**

A análise de alguns artigos sobre o tema nos mostra de que forma essas transformações na consciência masculina e nas relações de gênero estão sendo refletidas nos relacionamentos afetivos.

Ferrand (2004) compara a análise de duas pesquisas feitas com intervalo de 20 anos sobre a representação e a sexualidade de homens e mulheres. A primeira foi feita em 1970 por Simon e seus colaboradores e a segunda realizada em 1993 pelo grupo ACSF de Spira, Bajos et al. Embora o comportamento sexual das mulheres tenha se aproximado muito ao dos homens, ela nota ainda algumas especificidades.

A primeira grande mudança registrada foi a maior atividade e grau de satisfação no tocante à atividade sexual por parte das mulheres. Há poucas décadas, sua iniciação sexual se dava na maior parte no casamento. Da primeira pesquisa para a segunda já houve um declínio

da faixa etária para a iniciação sexual feminina, de 21 anos para 18 anos. A autora defende a invenção da pílula anticoncepcional para justificar a redução da idade. O que fica claro é que a sexualidade feminina passa a ser mais diversificada e independente da procriação.

A precocidade da vida sexual nas décadas mais recentes se articula também com o prolongamento da dependência da casa dos pais pelos jovens, diferença percebida principalmente entre os rapazes. Por conta do desemprego e da extensão dos estudos, os pais acabam por ter maior tolerância com a vida sexual dos filhos. Em contrapartida, do lado feminino as mudanças tendem para a autonomia. Elas agora abandonam a casa dos pais para viver com o parceiro ou mesmo sozinhas, para trabalhar ou estudar, tendência cada vez maior devido ao crescimento feminino no nível superior (Ferrand, 2004).

No que se refere à ascensão feminina no campo de trabalho, a pesquisa de Garcia (2006) mostrou que a maior parte dos homens pesquisados (gerações que viveram suas juventudes nas décadas de 60, 70 e 80) confessou sentir insegurança e inquietação, mas reconheceram que tal equidade favoreceu para a desconstrução das distinções subjetivas em torno dos gêneros. Alguns depoimentos daquela pesquisa revelou que a flexibilização dos papéis de gênero permitiu a discussão e questionamento dos valores de sua construção social.

Esta mesma pesquisa revelou que o reflexo da autonomia feminina para o relacionamento afetivo-sexual também provocou insegurança para a parte masculina, uma vez que estavam acostumados a terem o domínio quase que exclusivo neste campo. Giddens (1993) ratifica essa ideia ao notar certa tendência de controle sexual dos homens sobre as mulheres nas sociedades modernas. Desperta-se o interesse em investigar se esta disposição permanece na geração masculina mais recente.

Barasch (1997) também afirmou que a mulher estendeu a autonomia adquirida no campo profissional para as relações afetivas, tornando-se atuante nas exigências dos prazeres e sensações. Dessa forma, “começam as cenas e os jogos no campo das relações afetivas e do amor” (Barasch, 1997, p.96). Ela diz que parte dos homens que acompanham as transformações femininas mostra-se mais atenta, sensível e disponível para esta dinâmica.

Eles se tornam cúmplices da mulher e de seu desenvolvimento, complementam seus novos papéis e ainda fazem uso disso como uma fonte de crescimento pessoal e mútuo. Para esses homens, a consciência da constância da mudança faz a busca ficar mais interessante e misteriosa (Barasch, 1997, pp.96-97).

Outra parcela de homens igualmente existente é aquela mais resistente, que não se dá conta da inadequação de seu pensamento, enraizado nos velhos valores, para os dias atuais.

Mesmo que se esforcem para se sintonizar à nova realidade, se perdem nas relações. Como tentativa de adaptação, entram num jogo de poder, ignorando as transformações das relações (Barasch, 1997, Almeida, 2009).

Ao considerar o aspecto integral do homem, Barasch (1997) afirma que toda essa configuração e conflitos afetam diretamente a sexualidade masculina. Principalmente na camada que engloba os homens mais resistentes às transformações, a autora entende que a velocidade das mudanças criou um distanciamento entre aquilo que os homens aprenderam como função sexual e papel social e o que eles de fato vivem.

Um exemplo do antigo aprendizado sobre os papéis sexuais dos gêneros encontramos na famosa dicotomia santa/vadia. De acordo com a pesquisa de Lillian Rubin realizada em 1989 (citado por Giddens, 1993), muitas adolescentes têm ultrapassado este conceito e usufruindo de seu direito de iniciar sua vida sexual na idade que sentem apropriada. Ainda assim, observou-se rejeição da maioria dos rapazes em relação às garotas que disputavam o comportamento sexual masculino, justificando esta atitude por preferir a inocência feminina. Embora a maior parte dos homens referisse aceitação e preferência quanto à maior independência e disponibilidade sexual por parte das garotas, eles mostravam certa indisposição a adaptar-se às consequências dessa transformação, alegando que as mulheres “perderam a capacidade para a bondade” e que “não sabem mais como entrar em acordo” (Giddens, 1993, p.21).

Uma pesquisa mais recente (Malcher, 2002) mostrou a continuidade desse conflito. Os rapazes entrevistados (jovens entre 18 e 25 anos das camadas médias de Belém) chegaram a nomear como “putas” as garotas que aceitaram sair com eles sem antes terem conquistado-as. Esses discursos e impressões masculinas acentuam a hipótese de Giddens (1993) sobre a dificuldade dos homens em perder sua hegemonia no controle das relações. Há uma incongruência nos rapazes entre o desejo de independência da mulher e sua consequência nas relações.

Por falta de conhecimento ou exercício da relação com a mulher atual, os homens acabam falhando e frustrando-se na tentativa de estabelecimento de uma relação com o gênero feminino. De acordo com Barasch (1997), o fracasso cria o medo para as próximas relações. “Assim, torna-se angustiado, coloca em dúvida suas capacidades e se afasta pouco a pouco da possibilidade de um novo relacionamento.” (p.101).

Esta análise é confirmada na pesquisa de Leonini (2004), na qual os homens assumiram se esquivar das exigências femininas, do risco da rejeição e do esforço da sedução

e atração ao gênero feminino na procura pelas prostitutas. Podemos entender essas características como uma vulnerabilidade dissimulada. Sua esquivia é percebida pelos homens como positiva ao contratar uma prostituta, meio pelo qual podem exercitar suas fantasias de domínio e poder, conferidos logicamente pelo dinheiro. Também reconfiguram momentaneamente o cenário típico patriarcal, no qual a mulher encontra-se disponível, receptiva e submissa aos desejos masculinos.

Ao fazer um paralelo com o apontamento de Giddens (1993) sobre o amor confluyente, no qual existe uma reciprocidade de interesse e cultivo do relacionamento, Leonini (2004) se utiliza dessa análise para compreender a relação do homem atual com o ato sexual com suas parceiras. Se antes havia a conotação prioritária de satisfação pessoal das próprias pulsões, hoje existe a exigência, e conseqüentemente o “compromisso” de satisfação da parceira. “O homem sente-se colocado à prova e pode experimentar o fracasso, resultando disso um sentimento de ansiedade e medo de não conseguir realizar ou não estar à altura das expectativas da sua companheira.” (Leonini, 2004, p.88). Neste contexto é que o contato com a prostituta pode representar uma vivência menos ansiosa. A pesquisadora vai além, entendendo que para o homem, estar numa relação conjugal pode representar uma exposição de si mesmo e correr o risco de avaliação, colocando à prova sua identidade masculina.

Na opinião de Barasch (1997), o que possibilitaria uma aproximação do homem com a atual realidade e com a nova mulher seria o diálogo mais efetivo. No entanto, a dificuldade da exposição masculina para o diálogo dificulta essa aproximação e resolução do conflito. Porém, a pesquisadora não justifica a fragilidade masculina apenas pela mudança da mulher. Para ela, outra variável seria o direcionamento unilateral do homem para seu desempenho profissional. Quanto a este último ponto, pensamos que a tendência à unilateralidade masculina para o trabalho não se justifica mais como inadequação do homem para as questões afetivas na atualidade, tendo em vista a maior divisão do campo profissional com as mulheres e a exigência delas para seu maior comprometimento nas relações.

Para Giddens (1993), a atualidade obriga os gêneros a se conciliarem, levando-se em conta a crescente tendência à igualdade sexual. As mulheres, de forma geral, não se submetem mais à dominação sexual masculina, o que leva a conseqüências que ambos terão que lidar. Acertadamente, o autor inclui as mulheres junto aos homens na necessidade de revisão dos pontos de vista e atitudes no tocante aos relacionamentos, a fim de se adequar às transformações das relações afetivas. A nova configuração das relações pede a reformulação de conceitos como compromisso e intimidade.

Giddens (1993) comenta que a resistência masculina e sua lentidão em acompanhar a transformação feminina inibiram o homem no desenvolvimento da intimidade. Este quadro é acentuado na inconsciência de sua dependência emocional, não se permitindo, assim, a abertura para o estado de vulnerabilidade, condição esta para o desenvolvimento da intimidade, segundo o autor.

Um ponto importante, nada inovador, mas ainda atual, se refere ao imaginário masculino da possível expectativa feminina em relação a eles. O ideal de força, potência e providência sobrecarregam a dinâmica e fluxo masculino nas relações com as mulheres. A consequência dessa fantasia (na maior parte das vezes, ainda real) é expressa em sentimentos de insegurança e desconfiança em relação ao gênero feminino (Garcia, 2006). Embora os ideais de potência e virilidade continuem subjetivamente vigentes, eles se mostram um tanto contraditórios e deslocados se tomarmos como referência o desconforto sentido por parte dos homens em relação ao maior grau da atividade feminina no campo das relações.

A pesquisa de Garcia (2006) ainda revelou um dado conhecido de modo contrário no senso comum, o qual costuma segregar a afetividade para o campo feminino: a maior parte de seus entrevistados, *independentemente da geração*, declarou buscar a integração do sexo e afetividade nas suas relações. Contudo, tal inclinação não impediu que muitos deles buscassem sexo fora do casamento com prostitutas, seja por curiosidade sexual, ou por conta de falta de interesse sexual por parte da parceira. A pesquisadora entende este ponto como dupla moral sexual, ou seja, como uma distinção de valores para homens e mulheres, entendimento este discordado pela autora do presente trabalho. Nossa discordância é mesmo validada por informações de um entrevistado da mesma pesquisa, ao não excluir o direito de sua parceira a fazê-lo o mesmo caso desejasse, o que não significaria que isto fosse incentivado, “*Eu poderia me fingir de morto, se eu soubesse, mas não que eu iria incentivá-la a valer*” [itálicos do autor] (Garcia, 2006, p.87).

A pesquisa de Leonini (2004) sobre os clientes das prostitutas na Itália aborda diversos aspectos que levam os homens a buscar por prostitutas. A procura dos mais jovens por este serviço pautava-se ainda na afirmação da própria virilidade.

Este conceito se estende para a significação da primeira relação sexual. O significado desta experiência para os gêneros é algo que se manteve nas décadas de 70 e 90. Para os meninos, a perda da virgindade tem uma conotação de aprendizagem da prática sexual, ao passo que para as garotas essa experiência está vinculada ao relacionamento e comprometimento afetivo (Ferrand, 2004). Giddens (1993) e Leonini (2004) concordam que o

significado da perda da virgindade para os homens significa mais um ganho, algo que os introduz para a vida futura, mas que não se relaciona com aspectos da intimidade. Por isso, segundo Leonini (2004), o aprendizado sexual masculino é muitas vezes realizado por grupo de jovens na visita às prostitutas, com caráter de uma experiência emancipatória e ritualística da afirmação da identidade masculina.

Embora Ferrand (2004) tenha constatado que a atividade sexual tenha sido concebida como uma experiência pessoal, mais voltada para o desenvolvimento pessoal e da afetividade, que é consequência de um modelo amoroso inscrito num novo parâmetro de relação indivíduo/sociedade, com maior autonomia e compreensão sexual, ainda assim homens e mulheres parecem buscar sentidos diferentes na relação sexual; eles buscam afirmar sua virilidade e elas confirmar a qualidade da relação.

O sentido de autonomia na relação afetiva faz com que haja maior exigência de reciprocidade e compartilhamento, ao passo que a relação tende a ser menos fusional, e mais voltada para o prazer individual (Ferrand, 2004). Bauman (2004) descreveria esta dinâmica com tendências efêmeras como os amores líquidos, como exposto na seção anterior.

Malcher (2002) analisou de que forma as noções de amor e as práticas amorosas são constituídas no contexto da construção das masculinidades. De acordo com esta pesquisa, o amor não foi tematizado durante um longo período por ter sido considerado um dos grandes fatores da ordem na divisão dos gêneros ou o domesticador das mulheres nas relações. Entre suas observações de campo, constatou-se que o amor é um tema abordado entre os jovens masculinos e femininos. Porém, entre os homens este assunto não é algo ainda muito confortável ou natural de ser tratado, sendo sua confissão reservada para poucos colegas. O autor analisou que mesmo existindo na atualidade uma maior visibilidade sobre as questões afetivas para homens e mulheres, a divisão cultural entre os padrões emocionais femininos e racionais masculinos permanece. Alguns dos relatos mostraram que os padrões de relacionamento amoroso são delimitados por parâmetros desiguais de atitudes, como corroborado por Giddens (1993), na abordagem do duplo padrão sexual. Entretanto, o ideal do amor romântico esteve evidente na expectativa das relações.

Outra característica marcante nos resultados da pesquisa de Malcher (2002) se refere a uma tendência dos rapazes em voltar-se para si mesmos no intuito de reverem suas formas de se relacionar e analisar o próprio relacionamento, o que Giddens (1993) chama de reflexividade, o que corresponde uma das características da modernidade. Malcher (2002) entende que as ideias a respeito de relacionamentos e afetividade entre os jovens pesquisados

ainda não configuraram uma forma mais definida, talvez pelos relacionamentos apresentarem um modelo mais dinâmico atualmente.

Pires (2009) pesquisou de que forma as relações de gênero são veiculadas nas obras da literatura infantil. Os resultados apontaram que na maior parte das obras literárias infantis o sentimento amoroso ainda aparece associado à ideia de casamento; à mulher fica a responsabilidade da criação dos filhos; algumas histórias apresentam o amor romântico coligado à dor e à dificuldade de conquista. Comumente, de acordo com a observação da autora, a forma de referir-se à mulher nas obras literárias infantis pode ser vista principalmente na representação visual das mães, pois elas são identificadas como exemplos de proteção, carinho e ternura. Frequentemente é associada a imagens femininas uma ideia leve, suave, meiga, comportada, como o tipo ideal de feminilidade. Em poucas histórias as mulheres já se arriscam a ter comportamentos explosivos, mostrando raiva, indignação, medo e indiferença, diferenciando-se da grande maioria. Esses dados nos levam a compreender a dificuldade encontrada nos homens em lidar com comportamentos mais ativos nas mulheres (como já relatado anteriormente), dado a idealização materna projetada nelas no imaginário infantil.

Chaves (2010), que analisou as percepções de jovens sobre os relacionamentos amorosos na atualidade, observou que não há uma homogeneidade de opiniões nem uma clara e forte dominância de alguma delas. O que existe são diversas opções, e o trabalho do indivíduo é escolher uma delas, aquela que mais o satisfaz no momento específico de sua vida. Para aqueles que percebem e nomeiam as transformações ocorridas nesse campo, enxergam nele aspectos negativos e complexos, causando indignação e mal-estar com a fragilidade dos vínculos humanos, como a falta de confiança e respeito em relação ao outro.

Embora, muitas vezes, os jovens indignados se sintam desorientados e céticos, alguns deles acreditam que algo pode mudar. No entanto, a perspectiva de mudança sinalizada por eles é frágil e nebulosa como se, na verdade, acreditassem pouco nisso. Podemos entender esses dados como sintomas do pouco cultivo do vínculo e preservação das relações. O padrão fornecido pela configuração patriarcal anterior, que normatizava e direcionava qualquer relacionamento, parece não ter sido substituído por nenhuma outra forma.

No entendimento de Chaves (2010), as formas das relações amorosas da atualidade se caracterizam, em grande parte, pela flexibilização de normas e regras que passam a ser autorregulamentadas e avaliadas constantemente; pelo valor atribuído à autossatisfação e autorrealização; pela ênfase dada ao tempo presente, à novidade e à liberdade individual; e

pelo maior pragmatismo e contextualização dos relacionamentos, parâmetros estes confirmados por Ferrand (2004) e Bauman (2004). Tais relações se mostram com pouco desprendimento para o outro e mais afastadas do que Giddens (1993) nomeou como o amor confluyente.

Menandro, Rolke e Bertollo (2005) realizaram um interessante estudo sobre as concepções das relações amorosas por meio da análise de provérbios populares. Em provérbios cujo tema principal era a mulher, notou-se uma ideia consolidada desta como ser frágil e exigir vigilância e controle na relação conjugal, justificando o casamento em que a assimetria de poder é vista como natural, configurando a dominação masculina, tal qual defendida por Bourdieu (2002). Fica claro que no ambiente cultural espelhado nos provérbios predomina a velha perspectiva masculina. No entanto, muitos provérbios captaram o drama masculino da dificuldade de lidar com as incertezas e inseguranças relacionadas com o comportamento feminino.

Toda a gama de transformações nas relações afetivas entre homens e mulheres não parecem ser decorrentes apenas da ascensão feminina no nível pessoal e público. Como vimos ao longo deste trabalho, seu desenvolvimento refletiu em toda uma estrutura social e política, com repercussões no cenário familiar. Como aponta Almeida (2009), experimentamos hoje uma grande diversidade de formas e composições familiares que estão sendo criadas com foco em uma maior realização pessoal e emocional. Como contraponto, contradições e ambiguidades são observadas nas atitudes no microcosmo das relações, uma vez que a mudança de hábitos, valores e comportamentos convivem em conflito com forças resistentes a essas transformações históricas que, no âmbito da psique pessoal e coletiva, se processam muito lentamente.

Na seção seguinte, apresentaremos os fundamentos da Psicologia Analítica, norteador teórico que nos sustentará em uma análise mais profunda e delineativa dos processos psíquicos intra e interpessoais, os quais se apresentam como subliminares às dinâmicas de relacionamentos trabalhadas pelos autores até aqui expostos.

### 3 A PSICOLOGIA ANALÍTICA E OS ESTUDOS DE GÊNERO

Em sua elaboração original, Carl Gustav Jung (1981, 1987), pai da Psicologia Analítica, qualificou como feminino e masculino características particulares presentes em homens e mulheres, os quais denominou como as funções arquetípicas<sup>3</sup> de *anima* e *animus* respectivamente. Inicialmente, delegou a *anima* como o componente feminino do homem, o qual fazia parte de sua camada inconsciente. Ele a considerou como o referencial de toda a experiência do homem com a mulher, não só a partir de sua experiência individual, mas também do acúmulo da experiência de gerações. Foi entendida também como a complementaridade da consciência masculina. Segundo as palavras do próprio autor:

Não há homem algum tão exclusivamente masculino que não possua em si algo de feminino. [...] O homem considera uma virtude reprimir da melhor maneira possível seus traços femininos. A repressão de tendências e traços femininos determina um acúmulo dessas pretensões no inconsciente (C. Jung, 1987, p.65).

O princípio feminino comporta as qualidades de Eros, identificado como os princípios de relacionamento psíquico, passividade, submissão, caráter emocional e receptividade (Samuels, 1989). Por sua vez, a dimensão masculina, ou o *animus*, seria responsável pelo poder da razão e discriminação (C. Jung, 1981), e de outras qualidades do Logos, como a assertividade, intelectualidade, objetividade e a direção penetrante (Samuels, 1989). O *animus* também é qualificado pela ação, progresso e participação do indivíduo na cultura (E. Jung, 2003). De forma recíproca, C. Jung (1981) identificou o *animus* como a parcela inconsciente da psique da mulher.

Jung fala sobre os arquétipos masculino e feminino em dois contextos distintos. Em um primeiro momento ele os apresenta como arquétipos universais presentes em homens e mulheres. Em outro contexto, Jung tende a relacionar certos arquétipos a determinado gênero. Coloca Eros como determinante na psicologia feminina, reconhecendo-o como referencial de vínculo e relação; e Logos para a psicologia masculina, determinando-o com os princípios da razão e diferenciação. Ao mesmo tempo em que ele propõe uma possibilidade mais dinâmica de constituição dos gêneros ao considerar polos antagônicos como instâncias masculinas e

---

<sup>3</sup> Arquétipo é um dos conceitos centrais na psicologia junguiana. Refere-se a tendências à reprodução de experiências humanas, constituídas a partir dos registros das impressões subjetivas fixadas no inconsciente coletivo com base nas repetições destas experiências ao longo do desenvolvimento da humanidade (C. Jung, 1999).

femininas constituírem o mesmo indivíduo, Jung tende a aderir à cultura ao fixar arquétipos distintos para os gêneros (Tacey, 2011).

Douglas (2002) explica que as qualidades de irracionalidade, profundidade e emotividade conferidas ao domínio feminino não foram frutos de elaborações junguianas apenas, mas uma extensão do viés romântico da época.

Como seus colegas Românticos, Jung permaneceu profundamente atraído pelo feminino, ainda que igualmente ambivalente em relação a ele. Ele reconheceu seu próprio lado feminino, estudou a ele e as mulheres a sua volta através das lentes embaçadas do Romantismo e formulou suas ideias sobre as mulheres de maneira correspondente (Douglas, 2002, p.43).

Instaura-se um debate em torno da segunda proposição junguiana, aquela que vincula determinados arquétipos para os gêneros, os quais levam a determinações para a sexualidade e construção de papéis sexuais (Paiva, 1990). Guggenbül-Craig (1980) pensa que o equívoco do pensamento de Jung foi não ter se atentado para a multiplicidade de arquétipos existentes na psique coletiva. Explica que cada período histórico é dominado por certo número de arquétipos femininos e masculinos. E, de acordo com as qualidades daqueles que o regem, qualifica-se o que se chama de feminilidade e masculinidade. “Esta asserção ingênua deve ter sido feita apenas porque os arquétipos masculinos e femininos que eram dominantes naquele tempo e naquela cultura foram compreendidos como os *únicos* válidos.” (Guggenbül-Craig, 1980, p.59).

McKenzie (2006) é outra autora que vem criticar esta rigidez na postura de Jung: “*Anima/animus* de Jung nos conduz a uma armadilha de ordem linear, identidades fixas, simetrias andróginas e arquétipos que são diferencialmente herdados, baseados na anatomia sexual, uma brecha na universalidade do inconsciente coletivo.” [tradução nossa] (p.407). Embora diga que tais arquétipos pertençam aos gêneros femininos e masculinos, para o teórico existia uma lenta apropriação de cada gênero de sua contraparte sexual. A autora alerta para a inadequação de tal perspectiva levando-se em conta as transmutações de valores de gênero nos dias atuais.

Na opinião de Samuels (1989), Logos e Eros podem ser tomados como excelentes elementos para o trabalho com a psique, desde que desvinculados das questões de gênero. Defini-los como característica de gênero foi consequência de seu uso habitual pela cultura.

Para McKenzie (2006), Jung se salva na revisão da própria teoria, quando apresenta o arquétipo da função transcendente<sup>4</sup>, ou quando escreve sobre o movimento psíquico e o diálogo entre a psique e o mundo. Esta visão sim, se mostra apropriada para uma discussão mais contemporânea no campo da sexualidade. A autora defende uma revisão da teoria junguiana através de uma releitura do conceito de arquétipo. Isso se faz necessário para atualizar a compreensão desta teoria e trazê-la para as discussões contemporâneas acerca da sexualidade.

James Hillman foi o autor pós-junguiano que revisou e ampliou os conceitos arquetípicos iniciados por Jung. Ele saiu do reducionismo junguiano, que atrelava o arquétipo ao gênero e trouxe uma perspectiva mais fluida dos arquétipos e de sua dinâmica com a psique. Também foi além da dicotomia da luta dos opostos e ofereceu uma visão mais aberta e flexível, considerando a multiplicidade e simultaneidade das dimensões arquetípicas. Hillman retomou o caráter universal dos arquétipos, defendendo sua existência de maneira indiscriminada nos gêneros. Este novo olhar nos permite considerar aspectos mais múltiplos e dinâmicos na teoria dos gêneros (McKenzie, 2006, Tacey, 2011).

Hillman (1990), em seu livro *Anima*, buscou desvendar os significados que esse termo comporta, recortando diversas passagens das obras de Jung, diferenciando-a de temas dos quais normalmente ela vem associada. Inicialmente, ele confessa a dificuldade em conceituar *anima*. “Pode-se argumentar que a incerteza é própria da *anima* e que clarificação conceitual significa usar o intelecto onde ele não cabe. Quanto mais vagos forem nossos conceitos, melhor refletem a *anima*.” (Hillman, 1990, p.17).

O primeiro foco onde a *anima* se revela, e primeiramente assinalado por Jung, encontra-se no ponto da contrassexualidade masculina, como descrito no início desta seção. Ao mesmo tempo que Jung a define como o arquétipo que engloba todas as experiências do homem com a mulher, a coloca como a parte inferior da psique masculina, colocando-a em paralelo com o aparato biológico, ou seja, como uma representante da minoria dos genes femininos do corpo do homem. Neste aspecto, Hillman desarticula essa exclusividade da *anima* com o inconsciente masculino, ampliando-a para a dinâmica psíquica da mulher também (Hillman, 1990). Este novo panorama alivia a identificação maciça deste arquétipo com o gênero feminino, possibilitando à mulher a construção de uma subjetividade mais diversificada.

---

<sup>4</sup> Função mediadora da tensão de polos opostos da psique (Jung, 1991).

Em um nível menos lógico, *anima* é o elemento que qualifica a individualidade de cada indivíduo. Independente do período histórico em que se situa, ela é responsável por aquilo que separa a identidade pessoal daquela construída para a adaptação do ser ao meio social, chamada por Jung de *persona* (Hillman, 1990). Para C. Jung (1987), a *persona* é uma função psíquica que visa articular o indivíduo com a cultura. Trata-se de um recorte da psique coletiva, colocando-se como uma máscara social, “um papel no qual fala a psique coletiva” (Jung, 1987, p.32). Uma das questões levantadas pelo teórico diz respeito às identificações do indivíduo com a *persona*, ou seja, um espelhamento de si mesmo nos papéis coletivos em detrimento do reconhecimento e expressão de sua individualidade. Quando isso ocorre, o homem projeta de forma intensa as funções anímicas na mulher, uma vez que neste cenário, estas se tornam inteiramente inconscientes para ele. No âmbito coletivo, dentro de uma cultura patriarcal, pensamos que os papéis sexuais expressos pela *persona* corresponderiam a uma divisão sexual mais acentuada, o que equivaleria, no conceito junguiano, às características mais lógicas e racionais para o homem e eróticas e emocionais para a mulher.

Em nossa análise, a diferenciação dos papéis sociais possibilitados pela *anima* só é possível a partir do reconhecimento deste elemento na consciência masculina, o que levaria a uma menor projeção, ao menos de menor intensidade, na mulher. A transformação em que vive a sociedade contemporânea ocidental tem obrigado os homens ao enfrentamento com as perspectivas femininas, principalmente por conta das transformações na forma de se relacionar com as mulheres na esfera pública. Como consequência, os papéis masculinos nas relações afetivas também passam a ser reformulados.

Neste ponto de vista, C. Jung (1981) vê no relacionamento conjugal um campo fértil para o desenvolvimento psíquico, quando, na ocorrência de conflitos entre o casal, os indivíduos têm a oportunidade do enfrentamento e diferenciação da sombra<sup>5</sup> (no nosso contexto, os aspectos de *anima* e *animus*) e de reconhecê-la como pertencente a si mesmo. Neste sentido, a natureza coletiva que se entrelaça no relacionamento pode ser gradualmente diferenciada das motivações pessoais que vinculam os envolvidos.

[...] o relacionamento psíquico dos esposos é também essencialmente coletivo e não pode, portanto, ser considerado *relacionamento pessoal* em sentido psicológico. Somente poderemos falar em tal relacionamento quando se tornar conhecida a natureza da motivação inconsciente e quando estiver suprimida em larga escala a identidade inicial. Raras vezes, ou até mesmo nunca,

---

<sup>5</sup> Entende-se por sombra a gama de conteúdos presentes no inconsciente pessoal que não atingiram o limiar da consciência, seja por falta de intensidade ou por não estarem amadurecidos o suficiente para serem gerenciados pelo eu (C. Jung, 1999).

um matrimônio se desenvolve tranquilo e sem crises, até atingir o relacionamento individual. Não é possível tornar-se consciente sem passar por sofrimentos. (Jung, 1981, p.170).

Hillman (1990) também desassociou a relação feita por Jung de *anima* vinculada a Eros, pautando-se em vários argumentos que dissociam estes dois elementos. Um deles se refere ao caráter de ligação comumente conferido à *anima* nas formulações originais da teoria junguiana. O autor define esta qualidade como própria de Eros, ao passo que o arquétipo da *anima* busca mais por isolamento meditativo. Enquanto Jung coloca, por exemplo, Eva, Helena, Maria e Sofia, como exemplos de quatro estágios da *anima*, Hillman as entende como formas por onde Eros se projeta ou se manifesta. “As imagens são retratos da alma por meio dos quais Eros é atraído ao campo psíquico e pode ser vivido como um evento psíquico.” (Hillman, 1990, p.35). Para este autor, *anima*, a função arquetípica da alma, é uma estrutura da consciência, de modo que ela mostra uma maneira de estar e perceber o mundo e atribuir significados às vivências da alma, e não do amor. Guggenbül-Craig (1980) segue o mesmo pensamento, relacionando uma série de arquétipos femininos cujas qualidades não circulam pelas vias do vínculo ou da maternidade, sendo que o período atual tem sido favorável para estes outros, como aqueles que expressam a independência e individualidade femininas. No tocante à psicologia masculina, embora a História tenha favorecido os homens na expressão de maior número de arquétipos, Guggenbül-Craig (1980) visualiza-os limitados ao papel do provedor. Há de se acrescentar as funções da lei e da ordem igualmente presentes nos domínios masculinos.

Outra característica trabalhada por Hillman (1990) foi a associação entre *anima* e sentimento. Sentimento, na Psicologia Analítica, é uma função racional que confere valor às coisas e eventos. O próprio Jung, segundo Hillman, costumava articular esta função ao arquétipo feminino. Um dos motivos desse equívoco se pauta na questão que ambos, tanto a *anima*, quanto a função sentimento, encontram-se no plano inferior da consciência masculina (considerando o período em que a teoria junguiana foi escrita, e como ainda vemos em grande parte da configuração masculina atual). Outro motivo pelo qual essa associação ocorre se deve à difusão feita por muitos psicólogos junguianos de que sentimento é uma faculdade feminina. Hillman (1990) desassocia essa ideia do mesmo modo que desvincula a intenção de relação à *anima*. Mas esclarece que as funções de sentimento, relação e *anima* encontram-se em alguns pontos.

O autor diferencia função de relação da capacidade de relacionar-se. Coloca que *anima* como relacionamento é a função anímica que intermedeia o plano pessoal do coletivo. Mas

não entende esta função de relação como capacidade de relacionar-se. Neste ponto, a *anima* pode agregar-se ao sentimento, e provocar distorções e confusões, elementos que, para ele, mais atrapalham os relacionamentos que contribuem.

Ou seja, se tomarmos os aspectos trabalhados por Hillman (1990), estar em contato com o arquétipo feminino não significa estar mais sensível, como muitos teóricos que abordam o tema das masculinidades pregam. Feminino, para a Psicologia Analítica, é um conceito que oferece poucas bordas para uma definição precisa, o que nos leva a pensar que sua natureza seja justamente essa, um universo que disponibiliza um espectro de olhares mais diversificados sobre os fenômenos vividos.

Apesar de toda essa reformulação teórica apresentada por Hillman (1990) e reconhecer que as limitações da teoria de Jung se justificam pelo momento histórico em que foram criadas, Boechat (1997) pensa ser válido legitimar a originalidade de Jung para defender o reconhecimento arquetípico da contrassexualidade *anima/animus*, por oferecerem recursos e características próprias ou autônomas que não se originam da relação parental exclusivamente. Na opinião do autor, também são importantes na experiência tanto subjetiva como na concretude das relações interpessoais homem-mulher para o processo de individuação<sup>6</sup> daquele que o vivencia.

Boechat (1997) assinala que as atuais transformações culturais ressaltam a atualidade das formulações arquetípicas junguianas justamente devido ao seu grau de autonomia e flexibilização com a cultura. Toma como ilustração o texto de Samuels (1995), que incita o leitor a partir do título (*Gênero: uma certa confusão*). Em linhas gerais, Samuels pontua que se na consciência do indivíduo existe a certeza do gênero, na camada inconsciente existe senão uma confusão (ou incertezas) de sua identidade, justamente por habitar nessa camada uma pluralidade arquetípica (femininas e masculinas) que dialogam (ou pedem diálogo) com a consciência.

Boechat (1997) acredita que as confusões de gênero muito se explicam a partir das mudanças nos referenciais culturais da contemporaneidade. A própria constelação dos arquétipos masculinos está em transformação. Isso quer dizer que as figuras do pai e do herói, por exemplo, não se sustentam mais sem a relativização oferecida pela entrada de outras instâncias que conferem maior flexibilidade a esses papéis. Ou, como explica Samuels (1995),

---

<sup>6</sup> Entende-se por individuação, o desenvolvimento da singularidade em cada indivíduo. Para tanto, seu processo requer constante diferenciação das funções universais, entre elas, os papéis sexuais. Nas palavras de C. Jung (1987), “a meta da individuação não é outra senão a de despojar o si-mesmo dos invólucros falsos da persona, assim como do poder sugestivo das imagens primordiais.” (p. 50).

a dita confusão de gênero foi fomentada pelos novos parâmetros culturais que relativizam a dominância masculina. Boechat (1997) afirma que a queda dos mecanismos que sustentaram a dominação masculina na cultura reflete na perda de identidade masculina e na insegurança sentida no exercício de seus papéis.

Com a flexibilização dos papéis paterno e materno, novas configurações de família tornam-se visíveis, incluindo a troca de papéis, o pai no lugar da função materna e a mãe no de paterna. O autor completa confiando no ganho que a cultura e o indivíduo podem ter com estas mudanças: a flexibilização no lugar da imposição da anatomia física como regente do destino das pessoas (Boechat, 1997).

A nova função paterna neste novo formato permite uma transcendência das transmissões da lei e da ordem, incluindo neste cenário a aproximação física e afetiva entre pais e filhos, relação esta que necessita ser resgatada, segundo a opinião de Boechat (1997). Na visão de Ulson (1997), a permanência dos pais num tempo maior fora de casa por conta da alta demanda de trabalho nas últimas décadas, afastou-os da relação com os filhos, enfraquecendo o contato afetivo entre ambos, o que para ele, seria a explicação para o formato atual das sociedades contemporâneas, indivíduos com um “vazio interior” em busca de satisfação em objetos na relação cada vez maior com eletrônicos portáteis.

Embora pensemos que as tendências narcisistas de nosso tempo não se expliquem somente pelo afastamento afetivo dos pais, como na visão do autor supracitado, defendemos, tal como Boechat (1997), a importância da aproximação da *anima* aos arquétipos masculinos. Este será o meio de evitar a identificação maciça do homem com o masculino petrificante, identificado na figura de Cronos, o pai devorador.

Com a transformação masculina, todas as instâncias merecem reavaliações. Boechat (1997) sugere que as noções de *anima* e *animus* devem ser contextualizadas sob o novo prisma. E aqui, ele reafirma o distanciamento da ideia original de Jung, corroborado pelos autores contemporâneos da Psicologia Analítica anteriormente citados. O autor entende esta limitação por conta do período histórico e cultural em que foram elaboradas. Hoje, estes conceitos têm a liberdade de serem articulados pela psicologia do indivíduo, e não mais restrita a um gênero.

Tacey (2011), pesquisador junguiano que se debruçou mais profundamente sobre o estudo das masculinidades contemporâneas, acompanha a vertente trabalhada por Boechat (1997), ao dizer que a aproximação do homem com o princípio feminino levará ao desmembramento do estereótipo masculino e permitirá o desenvolvimento de outros papéis e

funções. Isto quer dizer que devemos ultrapassar a perspectiva patriarcal e adotar o entendimento andrógino da psique, ou seja, aquele que articula os componentes masculinos e femininos.

Badinter (1993), historiadora a quem nos reportamos ao longo da seção 1, trabalha o conceito andrógino de modo a se articular perfeitamente com os princípios da Psicologia Analítica. Para ela, androginia não significa ser simultaneamente feminino e masculino, mas ser capaz de se alternar entre as duas instâncias de acordo com as demandas da situação vivida. Para tanto, a autora defende a necessidade da segurança na própria identidade de gênero, afirmando a existência de diferenças sutis entre os gêneros: “O andrógino humano é um ser sexuado, distinto do outro, que só pode integrar a alteridade quando encontrou a si mesmo.” (Badinter, 1993, p.170). Desse modo, ela diz ser possível cada um experimentar a dualidade à sua maneira.

Tacey (2011) esclarece que desenvolver a polaridade feminina, ponto que ele pensa ser fundamental para o atual momento da transformação masculina, não significa abnegar-se da potência masculina. Ao contrário, “Paradoxalmente, o espírito feminino do nosso tempo pede que o masculino seja mais desenvolvido, assim, uma consciência mais elevada pode perceber o enorme desafio de uma consciência integrada (masculino e feminino).” [tradução nossa] (Tacey, 2011, p.7).

A análise de Tacey (2011) foi além da esfera mítica, agregando na discussão as transformações sociológicas e políticas. Refere-se à política feminina como o principal fator de toda a transformação da cultura patriarcal, tendo seus reflexos na psique e na sociedade, o que pede um novo entendimento sobre a estrutura social, da identidade individual e das relações humanas.

Tacey (2011) traz sua contribuição aos estudos junguianos com um esclarecimento sobre o entendimento da visão arquetípica para a psicologia. O uso dos mitos é frequente na abordagem analítica e isso traz muitas vezes o equívoco de acreditar que os arquétipos são imutáveis, ou elementos estáveis na psique coletiva. De acordo com o autor, reportar-se maciçamente nas fontes míticas para o entendimento e tratamento psicológicos, significa em grande parte negar as transformações sociais que ocorrem. Para o estudo da masculinidade, em especial, o autor pensa no caminho mítico como um modo retrógrado e resistente à transformação masculina, reportando o homem às origens patriarcais e incentivando-o à repetição deste modelo. Tacey (2011) adverte e retoma os ensinamentos do próprio Jung, que diz que as fontes arquetípicas não devem ser repetidas, mas empregadas como meio de

diálogo com a consciência. Muitas vezes os arquétipos oferecem contrapontos para a diferenciação e construção da identidade individual.

Parte das polêmicas que envolvem a questão dos arquétipos e gênero na teoria analítica diz respeito aos termos masculino e feminino. Tacey (2011) mostra tanto incômodo quanto Andrew Samuels com tal nomenclatura. Ambos se perguntam por que não adotamos outras nomeações para estas categorias. Samuels (citado por Tacey, 2011) sugere termos como hemisférios ou visões de mundo, por exemplo. Ou, como sugeriu em sua entrevista para o website brasileiro *Rubedo* (Samuels, 2000), nomearmos as dimensões menos lógicas (que corresponde à chamada dimensão feminina) como “conhecimento intuitivo” ou “conhecimento baseado na experiência”.

O uso popular desses conceitos (Tacey, 2011) ou, nos termos de Samuels (citado por Tacey, 2011), o risco de segui-los de forma inflexível é que pode levar a equívocos tanto teóricos como práticos, ao acreditar ter que se moldar de acordo com a imagem arquetípica.

Entretanto, para Tacey (2011) isto não seria motivo para abandonarmos o conhecimento arquetípico. Embora causem certos conflitos, estes fundamentos ainda revelam teores que embasam o trabalho psicológico. E também,

[...] a psique continua usando ‘macho’ e ‘fêmea’, ‘homem’ e ‘mulher’ como símbolos de opostos polares que atravessam a personalidade. Nós continuaremos sonhando com as linguagens arcaicas e concretas dos símbolos antigos, e nós não podemos trilhar contra a psique por usar linguagens sexistas ou estereotipadas (Tacey, 2011, p.35)<sup>7</sup>.

A questão é a falha do uso literal do conceito. Sua leitura deve ser sempre metafórica (Tacey, 2011), em outras palavras, devemos ler através da imagem e nunca tomar a imagem em si, de forma estática e imutável.

E sua última defesa para a permanência do uso masculino e feminino para os arquétipos é que eles indubitavelmente nos levam ao campo da sexualidade, aqui não se referindo à questão de gênero, mas no que concerne ao desejo e às relações.

Ulson (1997) faz nota de que o dito universo feminino, entendido por nós como uma perspectiva feminina, não ficou perdido somente para os homens. Com a extroversão feminina, as mulheres também se afastaram desta visão. Para o autor, vivemos numa sociedade fálica, onde as lutas de poder imperam, mesmo nas relações afetivas. Em sua opinião, os mitos que ilustrariam as atuais dimensões seriam: “[...] o de Sísifo, no seu trabalho

---

<sup>7</sup> Tradução nossa.

absurdo e sem sentido, o de Narciso, na sua solidão e egocentrismo, e o de Fausto, que trata da perda da alma na busca de poder e conhecimento.” (Ulson, 1997, p.78). A partir dessa elaboração, levanta-se a hipótese de que a reforma no campo das masculinidades exigirá por parte das mulheres novas transformações, não tanto em direção à sua autonomia, mas para o estabelecimento de um novo parâmetro de relacionamento entre os gêneros.

Neumann (2011) traz uma vertente pouco explorada pelos atuais autores da Psicologia Analítica. Resgatamos este autor por visualizarmos a adequação de parte de seu pensamento ao tema trabalhado.

Neumann (2011) faz uso do conceito arquetípico *anima* para explicar a dificuldade dos homens no enfrentamento com a nova configuração feminina. Neste sentido, ele não apenas reconhece o medo dos homens pelas mulheres, mas o aprofunda como o medo pelo feminino, inclusive aquele pertencente ao universo de sua psique pessoal.

Segundo o autor, é próprio da *anima* seu poder transformador junto à consciência. Desta forma, o medo que o homem sente pela *anima* se refere ao medo da transformação que ela o impulsionará. O medo se justifica pelo abandono da segurança da configuração conhecida e no posterior enfrentamento de um cenário oculto e obscuro.

Aqui nos deparamos com o principal conflito do homem contemporâneo, a transformação da cultura patriarcal, e conseqüentemente a abertura para as instâncias rejeitadas pela consciência masculina coletiva, o encontro com a própria *anima*. A cultura patriarcal está em transformação e com isso, desequilibrando toda a estabilidade e segurança que a dominação masculina proporcionava ao homem.

Neste ponto concordamos com Nolasco (1993) e Samuels (2000) ao pensar na dificuldade que o termo “feminino” traz aos homens nessa etapa de transformação. Pensamos que para os homens seria de grande alívio compreender o encontro com os processos internos não como o encontro com a dimensão feminina, o que lhes causaria óbvia repulsão, mas como o contato com uma dimensão imaginativa, metafórica, aquela que lhes possibilitaria um modo de viver mais flexível e dinâmico.

A leitura da Psicologia Analítica sobre as relações de gênero, por meio de seus conceitos como *anima*, *animus*, *persona*, *sombra* e processo de individuação, nos possibilita uma articulação pertinente e atual com as reformas masculinas e configurações de relacionamento contemporâneas. Esta vertente psicológica nos mostra o quanto as transformações sociais reverberam nas dinâmicas psíquicas individuais, impulsionando o indivíduo ao encontro com os próprios complexos arquetípicos paralelamente aos seus

encontros e arranjos amorosos na vida. Um relacionamento afetivo entre dois indivíduos ocorre sempre em ressonância com o relacionamento psicológico despertado em cada membro. De acordo com nosso tema, o encontro com a mulher mais expansiva e autônoma incitaria o homem contemporâneo ao encontro com a *anima* que se desperta dentro de si e a consequente reformulação das configurações de *animus*, até então estruturadas pelo modelo patriarcal.

## **4 OBJETIVOS**

### **Objetivo geral**

Investigar a perspectiva masculina sobre os posicionamentos de homens e mulheres nas relações afetivas e seu reflexo nas atuais configurações de relacionamento, levando-se em conta a transformação que a identidade masculina vem sofrendo em resposta ao reposicionamento das mulheres na sociedade ao longo das últimas décadas.

### **Objetivos específicos**

- Investigar a concepção da imagem feminina a partir do referencial de jovens homens;
- Conhecer os posicionamentos adotados pelos rapazes diante das manifestações femininas nas relações afetivas e sexuais.

## 5 MÉTODO

Optou-se pelo método de pesquisa qualitativo, por toma-lo como o método que melhor responde a esta pesquisa, dado o interesse em se conhecer e compreender os significados das manifestações de homens e mulheres nas relações afetivas atribuídos pelos rapazes e seu posicionamento frente aos mesmos.

O método qualitativo, que de acordo com Turato (2010) deve ser chamado também de compreensivo-interpretativo, atende aos objetivos deste estudo, pois seu foco está na compreensão e interpretação das significações que uma pessoa atribui às vivências pessoais. O interesse do pesquisador está voltado para o *processo* do objeto em estudo, “[...] quer conhecer como é sua dinâmica interna, como cursa e como se transforma, levando o pesquisador qualitativista a penetrar na estrutura íntima e latente do objeto de estudo.” (Turato, 2010, p.263).

### Participantes

A amostra foi composta por cinco jovens universitários homens, na faixa etária dos 19 aos 22 anos, tendo como critério de inclusão a heterossexualidade como orientação sexual, considerando a relação afetiva entre homens e mulheres como o recorte estudado. A ordem dos participantes e outras características estão discriminadas na tabela a seguir:

**Tabela 1** – Identificação dos participantes

Participante	Idade	Universidade	Relacionamento afetivo estável anterior	Experiência sexual anterior
E1	22	Pública	Sim	Sim
E2	19	Particular	Não	Não
E3	20	Particular	Não	Sim
E4	20	Pública	Sim	Sim
E5	22	Pública	Sim	Sim

**Fonte:** Amostra.

### Instrumentos

Como instrumento, foi utilizada uma entrevista aberta semidirigida, elaborada pela própria pesquisadora e dividida em categorias prévias construídas a partir da literatura estudada e dos objetivos propostos pela pesquisa. A característica desta entrevista permite que ambos, entrevistador e entrevistado, direcionem a discussão. A intenção é que as

interferências do entrevistador sejam mínimas, o suficiente para esclarecer pontos não elucidados pelo sujeito e que atendam aos objetivos do estudo. A manifestação espontânea do entrevistado tem mais valor que as respostas diretas a perguntas porventura feitas. O roteiro da entrevista encontra-se no Apêndice 1.

### **Procedimentos**

A amostra foi escolhida por conveniência, em virtude do tema envolver questões de intimidade. O primeiro participante foi indicado por um colega do curso de Pós-Graduação, por apresentar os requisitos necessários para a pesquisa, (faixa etária e orientação sexual). A primeira entrevista piloto foi integrada aos resultados, com a identificação de E1. Os demais colaboradores foram indicados a partir do primeiro, sendo contatados pela pesquisadora por telefone ou e-mail. Algumas das entrevistas foram realizadas em uma sala fechada da biblioteca das universidades, garantindo o sigilo e conforto do entrevistado. Outras duas entrevistas foram realizadas nas repúblicas dos colaboradores, por conveniência de seus horários de estudo e descanso.

Explicou-se aos participantes a intenção e os objetivos do estudo, momento em que foi solicitada a autorização para a gravação da entrevista assim como a assinatura no termo de consentimento, exposto no Apêndice 2<sup>8</sup>. Foi esclarecido sobre a possibilidade de recusa da entrevista.

Os dados obtidos foram transcritos e organizados segundo as categorias pré-estabelecidas no roteiro de entrevistas, como seguem: relacionamento afetivo, perspectiva masculina da imagem feminina, afetividade, modelos parentais, sexualidade e educação sexual, intimidade e subjetividade. Posteriormente foram analisados de acordo com a modalidade temática do método de análise de conteúdo, por considerarmos a mais adequada para o método de pesquisa adotado. De acordo com Minayo (2007), “A análise temática consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência signifique alguma coisa para o objetivo analítico visado.” (p.316). Por fim, adotou-se como referencial interpretativo os pressupostos teóricos dos autores estudados, entre eles a Psicologia Analítica de Jung.

---

<sup>8</sup> Todos os cuidados éticos foram respeitados, apesar do Projeto não ter sido submetido ao Comitê de Ética da Universidade.

## 6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma crise na identidade masculina decorrente das transformações no sistema patriarcal e das revoluções femininas foi afirmada na Introdução deste trabalho e ratificada ao longo de nossa revisão literária. Na revelação dos dados obtidos nas entrevistas, iremos verificar se esta amostra de jovens se apresenta como herdeira de uma geração em transformação e de que maneira a possibilidade de novas configurações de masculinidade se coloca diante dos atuais parâmetros de relacionamento afetivo com as mulheres.

### Relacionamento afetivo

Dos cinco rapazes entrevistados, apenas E2 e E3 nunca namoraram, mas haviam experienciado envolvimento passageiros. E1, E4 e E5 tiveram a experiência de namoro, sendo que E1 estava num relacionamento de cinco anos, E4 vivia um namoro de um ano e E5 tivera dois namoros, sendo que o primeiro durou um ano e o segundo dois. Atualmente E5 estava solteiro, preferindo relacionamentos fortuitos neste momento, o que ele considerava novo para sua experiência. Embora desfrutasse de um momento de maior liberdade, relatou preferir ainda o prazer de um namoro estável.

A entrevista foi iniciada explorando quais aspectos em uma mulher despertavam interesse nos rapazes. O aspecto físico foi evidenciado como referência preliminar, com preferências particulares de beleza. Subsequentemente, surgiram qualidades como inteligência, simpatia e abertura para a comunicação, sendo essas características consideradas importantes por oferecerem elementos que ultrapassam a atração física inicial e por abrir uma interação e conhecimento com a garota de interesse:

*E2: Gosto de loiras principalmente, branquinhas, inteligente e carismática. E engraçada.*

*Pesquisadora: E por que te chama a atenção esse tipo?*

*E2: Porque é mais legal de conversar. Tem gente que é arrogante, chata, só responde.*

*P: Então você gosta de alguém que dê para interagir, conversar?*

*E2: Sim.*

Compreende-se por esta demanda inicial um desejo de reciprocidade por parte dos jovens, uma condição que ofereça abertura para um contato inicial. Dois dos participantes

destacaram outras particularidades, optando por moças com caráter mais crítico e reflexivo, alegando tais características importantes por diferenciarem-nas do padrão generalizado:

*E4: Alguns gostos musicais, tudo que a torne mais singular, características que a distingua do comportamento massificado. Que constituam mais a sua própria personalidade pra que ela seja ela e não a reprodução de uma cultura massificada. As características são aleatórias, desde que elas sejam originais.*

*P: Por que isso é importante pra você?*

*E4: Não é que é importante, é que a pessoa se faz mais interessante. Eu tenho preguiça e até certo preconceito por atitudes mais padrão.*

*E5: Tem um tipo físico que sempre me atrai, não gosto que seja muito magrinha por exemplo. O olho é meio puxadinho e gosto de cabelo comprido. Por minha cidade ser muito conservadora, tenho procurado por meninas mais pensantes. É uma cidade muito pequena e bastante elitista. Fica complicado você fugir daquele status que as pessoas buscam ter o tempo todo. E você acaba saindo com um tipo de menina que é sempre igual.*

*P: Você disse uma menina pensante. Que característica seria essa?*

*E5: Eu espero que ela fuja desse estereótipo. Mas ela fugindo desse estereótipo, é claro, ela vai cair em outro. Mas ela já vai ser diferente desse padrão. Eu também fugi disso, porque senão eu também tinha que me colocar nesse padrão que elas buscam. Eu não quero ser esse padrão que elas buscam, por enquanto. Se for pra ficar tendo que mostrar status, mostrar dinheiro, acho que por enquanto não faz sentido pra mim.*

Nestes exemplos, evidenciam-se caracteres mais diferenciados nas preferências masculinas, o que se aproxima das hipóteses do modelo do “novo homem” (Souza, 2010, Garcia, 2006, Oliveira, 1998, Nolasco, 1993) ou, numa leitura analítica junguiana, a busca e admiração por mulheres que se diferenciem da persona social, aquela representada por comportamentos ditados por uma ordem coletiva. Diferentemente da primeira parte do grupo, que elegeu como importância a beleza e a simpatia femininas, sem um registro que particularizasse suas preferências, estes últimos relatos revelam algo que se aproxima de uma necessidade do diálogo ou relação com a alma, através da identificação de uma beleza e características genuínas, que despontam elementos mais pessoais e singulares.

Da parte que desagrade os homens entrevistados no comportamento feminino, houve uma prevalência de opinião quanto ao excesso de exposição das mulheres, sendo o fato nomeado como “vulgar” ou “querer chamar a atenção”. Neste item inclui-se o uso de roupas

curtas, falar alto e bebidas alcólicas. Associamos as qualidades dessas imagens à permanência de traços de pensamentos puritanos, que parecem ter persistido para além da Idade Moderna, como discutido por Cabral (1999). Ou ainda, o incômodo gerado por uma possível dependência da imagem da mulher romântica, próxima de uma tônica maternal (Giddens, 1993), que se distancia desta mulher expansiva, com afinidade absoluta com os prazeres dionisíacos<sup>9</sup>. Um dos colaboradores (E5) confessou o incômodo, com a exceção da bebida, pelo fato de ele também gostar de chamar a atenção. Sendo assim, a garota com tal atitude entraria numa espécie de competição com seu espaço. Este ponto se faz interessante, não pela hipótese da existência de insegurança masculina diante da autonomia feminina (Garcia, 2006, Giddens, 1993) ou pela possibilidade de maior exigência delas nas relações (Barasch, 1997), o que pressupomos não serem as prerrogativas para esta questão. Entendemos a colocação de E5 como uma confissão narcísica, estritamente pessoal, que denuncia uma vaidade masculina antes apenas evidenciada na manifestação de afirmações de virilidade (Welzer-Lang, 2004, Mosse, 1998, Badinter, 1993, Nolasco, 1993). Outro entrevistado (E2), como já havia introduzido na questão anterior, classificou como pontos desfavoráveis a arrogância e falta de abertura das moças para com os rapazes. E relatou que, para ele, a maior parte delas assume este comportamento nos contatos iniciais, o que dificulta a aproximação:

*P: E que tipo você não gosta?*

*E2: O contrário do que eu gosto.*

*P: Você falou de arrogante...*

*E2: É, de poucas palavras, que não gosta de conversar, se acha muito...*

*P: E você encontra muitas meninas desse tipo?*

*E2: Sim, é o que mais tem.*

A “arrogância” feminina parece indicar uma resistência das moças à aproximação masculina. Nesta disposição, não se visualiza nem a submissão e passividade femininas, nem a bravura viril do homem conquistador, elementos que seriam mais comuns numa configuração patriarcal. Uma transformação de atitudes se coloca evidente. Entre uma provável postura narcísica feminina e a tímida e receosa conduta masculina, homens e mulheres se desencontram nestes novos arranjos.

---

<sup>9</sup> Referente ao deus Dioniso, trabalhado como qualidade arquetípica na Psicologia Analítica, a qual reporta à vivência intensa dos prazeres e instintos (Brandão, 1986).

Foi questionado aos colaboradores como se sentem diante das mulheres no tocante aos relacionamentos. Apesar de ter havido percepções mais heterogêneas, a perspectiva que prevaleceu foi de um panorama desfavorável para o vínculo amoroso. Entre os motivos expostos, destaca-se a iniciativa aleatória feminina, o que não lhes permite “*encontrar o cara certo*” (E1), o juízo de valor agregado à variedade de experiência feminina, como “*elas não se dão ao valor*” (E3), ou o oposto, a falta de abertura e “*arrogância*” das mulheres, o que inibe a aproximação masculina.

*E3: Acho que hoje pra se relacionar com uma menina é bem complicado porque, ainda mais nessa faixa de idade elas querem mais curtir do que ter um relacionamento sério. É bem complicado achar uma garota legal que queira alguma coisa assim.*

*P: Hoje em dia elas não...*

*E3: Hoje em dia não, e elas também não se valorizam muito.*

*P: De que forma?*

*E3: Saem com vários caras, se arrumam de maneira extravagante também. Bebem bastante, isso também não me atrai muito.*

A opinião desses jovens mostra uma associação da dificuldade do encontro afetivo por conta da maior autonomia sexual feminina. Uma análise possível para esta evidência seria o medo do estabelecimento de um encontro com essas mulheres por parte dos rapazes, uma vez que não se visualiza, neste cenário, parâmetros para a dominação masculina. Neste contexto, o desconforto masculino revela seu julgamento diante do comportamento feminino e um consequente afastamento dessas mulheres, corroborando as pesquisas de Garcia (2006), Ferrand (2004), Malcher (2002) e Chaves (2010), quanto ao mal-estar sentido na percepção da fragilidade dos vínculos humanos.

Quando questionados como se sentiam diante das atitudes femininas, existiu certa contradição e confusão nas respostas, o que pode indicar uma possível ambiguidade nas posturas masculinas em relação ao universo feminino. Exemplo de contradições no discurso visualizamos no relato de E1:

*E1: Hoje acho que elas estão bem abertas, tomam mais a iniciativa, não esperam mais encontrar aquele cara certo. Ainda tem algumas, mas acho que a maioria estão assim.*

*P: E isso pra você é positivo ou negativo?*

*E1: Pra mim é indiferente.*

*P: Sua namorada, por exemplo, ela foi mais de tomar a iniciativa ou não?*

*E1: Sim, (risos).*

E2, que igualmente relatou estar indiferente ao distanciamento das mulheres, mostrou um discurso com atitudes divergentes daquela mencionada:

*P: Você sente então que as meninas não dão muita abertura? O primeiro contato é difícil?*

*E2: É difícil e não tenho muita paciência também.*

*P: Você perde a paciência?*

*E2: É, não fico atrás não.*

*P: Como você se sente em relação às meninas na parte de relacionamento? Você disse que sente que as meninas são mais arrogantes e fechadas. Como você se sente em relação a isso?*

*E2: Ah, não sinto nada na verdade. Tanto faz.*

*P: Você já teve alguma menina que você se interessou e não conseguiu chegar?*

*E2: Quando eu gosto de tão interessante, tipo, atrai né, fico no pé, fico conversando, vendo se tem algum amigo em comum, chamar algum pra sair, pra levar ela. Tipo, se o primeiro contato é difícil, aí fico fazendo mais contatos, aí geralmente dá certo. Mas é bem difícil.*

*P: Você acha difícil?*

*E2: Não, difícil é gostar de alguém.*

*P: Ah é?*

*E2: (risos)... é, mas quando eu gosto, dá certo sim.*

Fica claro nos relatos uma conotação negativa no comportamento feminino (“*não esperam encontrar o cara certo*”, “*Tem gente que é arrogante, chata, só responde*”), mas uma negação do próprio julgamento ao se dizer indiferente. É uma terceira atitude ao se beneficiar da iniciativa feminina, como no exemplo de E1, ou no investimento intenso de sua atenção quando seu interesse é despertado por uma garota. Tais ambiguidades podem ser indícios da falta de percepção e reflexão sobre si próprios, ou da falta de conhecimento e exercício de relação com esta mulher que se apresenta, o que gera frustração da parte masculina. Também podemos associar esta questão ao que Tacey (2011), Garcia (2006), Boechat (1997) e Nolasco (1993) discutiram em relação à desorientação masculina diante da desconstrução de parâmetros nos quais se sustentavam.

Apesar de certa descrença no comportamento feminino atual para o campo dos relacionamentos, todos os rapazes mostraram intenção de se casarem e constituírem família

um dia, mostrando a prevalência da valorização do modelo tradicional de união. Mesmo um dos entrevistados (E4) mais avesso às normas tradicionais, como casar oficialmente, relatou interesse em constituir uma união estável e ter filhos.

*E4: Sim, penso em ter uma relação estável. É mais ou menos o que estou construindo. Mas nada a ver com pompa. Acho que lá pelos 30 ou 33 o corpo pede um filho, não sei. E uma relação estável é um passo bem importante pra que isso aconteça.*

A mulher que escolheriam para tanto corresponderia à mesma pela qual se sentem atraídos, com exceção de E3, que especificou que a pretendida teria que ter os mesmos objetivos e interesses, como o desejo de ter filhos e a intenção de ajudar com as despesas da casa. Embora nesta colocação inicial, E3 mostrasse a intenção de não sustentar a imagem do homem provedor, veremos uma forte contradição mais adiante, momento em que abordaremos o imaginário masculino sobre as expectativas femininas.

O aspecto do homem provedor surgiu mais claramente na resposta de um dos colaboradores, ao relatar que não pensava em casamento por ter dúvidas se teria condições econômicas para sustentar a família sozinho, caso fosse necessário:

*E5: [...] Apesar de tudo, acho que os homens ainda se sentem motivados a financiar a parte econômica da casa, por mais machista que seja, tenho plena consciência disso. A mulher pode trabalhar, pode fazer tudo, mas se tiver um problema financeiro, eu vejo como principalmente um problema da pessoa masculina. E aí, eu sempre pensei: vou querer casar, vou querer ter filho? Sempre pensei, filho não, casar sim. Mas eu não me imagino sem filho, sempre me imagino ensinando alguma coisa para o meu filho.*

No relato, também observamos o papel afetivo presente na projeção da relação pai-filho, o que se diferencia da concepção da rigidez paterna, como constatado até a geração dos jovens da década de 80 (Garcia, 2006), mas que se aproxima das transformações das novas gerações (Souza, 2010, Boechat, 1997), é claro, permeado com as influências do antigo padrão, conforme previamente anunciado por Souza (2010), Simões e Matos (2010) e Garcia (2006).

### **Perspectiva masculina da imagem feminina**

Buscou-se investigar no imaginário masculino o que as mulheres procurariam nos homens. O aparato físico foi evidenciado (E1, E2, E4), ressaltando-se a questão da beleza e força, o que se aproxima da idealização masculina. A questão da virilidade masculina, como vimos ao longo da revisão de literatura (Welzerl-Lang, 2004, Mosse, 1998, Badinter, 1993, Nolasco, 1993, Duby, 1992) atravessou os séculos com grau de importância em diferentes tonalidades. Embora a concepção da masculinidade esteja sofrendo importantes transformações na atualidade, a imagem da potência masculina ainda se sustenta, no mínimo como referência mítica, presente no inconsciente coletivo (C. Jung, 1999) dos homens e muito provavelmente também no das mulheres. Opiniões diversificadas surgiram nos demais relatos, o que entendemos como a existência de uma pluralidade de olhares presente nas percepções masculinas. E1 apontou a valorização do pensamento masculino como item posterior ao aparato físico, o que abre margem para uma flexibilização para o ideal de potência:

*E1: ... bom, tem que ser bonito..., ou que não seja tão bonito, mas que tenha um bom papo, tem que ter alguma coisa na cabeça, não é só aparência.*

A partir de sua vivência pessoal, E3 indicou como preferência feminina o homem que maltrata, ilustrado na seguinte passagem:

*E3: Posso estar errado, mas acho que elas gostam de caras que pisam e maltratam elas. Elas dão valor pra esse tipo de cara. Um cara legal e meio bocó, vamos dizer assim, elas não gostam muito não. Sempre passam esses caras pra trás. Como dizem lá na rua, o bonzinho só se ferra.*

*P: Você seria o tipo do bonzinho?!*

*E3: Pior que é, pior que sim! (risos)*

Nesta narração, podemos visualizar a permanência da virilidade masculina, com destaque para o traço mais agressivo. Mas juntamente, a sensação de fracasso por não corresponder a este estereótipo, que acredita ser vigente. Este foi um dos principais pontos trabalhados pelos autores estudados (Badinter, 1993, Giddens, 1993, Nolasco, 1993, Boechat, 1997, Tacey, 2011), que defendem a ideia da necessidade da desconstrução do ideal de virilidade e potência na consciência masculina, ideal que os remete ao fracasso (ou a sensação de) nas relações e na vida. Ideia semelhante surgiu no discurso de E5, que trouxe também a

concepção do sentimentalismo feminino, elemento que orientaria a mulher a buscar por características psicológicas em detrimento das físicas:

*E5: Olha, não sei. Sempre erro quando acho que uma menina vai achar um tipo de homem bonito, por exemplo (risos). O problema que eu vejo, quando as mulheres falam do homem ideal, nunca são os tipos de caras que elas estão. 'Ah, o homem tem que tratar bem, tem que ser bem humorado', estereótipo físico vai muito de cada um, não vejo que o tipo forte faça tanto sucesso entre as mulheres, porque eu ainda acho que tem a ver com o que consegue despertar no sentimental. Mas vejo que isso às vezes não acontece, vejo que muita mulher fica com caras que tratam elas mal. O homem busca uma coisa física ainda, e fica muito claro isso. É até superposto ao homem. E a mulher ainda se interessa mais pelo psicológico.*

Originária da divisão sexual, a segregação da subjetividade para o universo feminino esteve presente nesta visão, como foi constatada na pesquisa de Malcher (2002).

Em contrapartida, os motivos pelos quais as mulheres rejeitam os homens seriam: a timidez (E1), a “melosidade” (E3: “*Ah, um cara muito meloso acho que elas não gostam muito não, que fica muito em cima. Elas gostam de espaço.*”) e a falta de atitude masculina (E5 e E4: “*Em termos de padrão de estética, aqueles que tendem a fugir do padrão que te falei. E em termos do que elas esperam que eu acho na questão psicológica, é atitude. Acho que o que impossibilita uma atração seria a falta de atitude.*”). E2 disse não saber responder a essa questão. Poderíamos contemplar o conjunto dessas características como qualidades opostas à expansividade que o homem viril normalmente apresenta. Timidez e falta de atitude se aproximam mais a tendências introspectivas. Nesta perspectiva masculina, não são visualizadas outras características que sejam válidas para uma conquista dentro de um perfil introspectivo. A “melosidade” sugere uma manifestação exacerbada da afetividade, perfil que escapa do homem identificado com os arquétipos representantes do Logos, prevalecendo no lugar, um domínio possessivo da *anima* na consciência. Os comportamentos que se ressaltam nesta disposição se inclinam para a dependência e vulnerabilidade acentuadas, tônicas que não favorecem atitudes muito assertivas nos relacionamentos, nem para homens, nem para mulheres. Neste sentido, E3 mostrou uma percepção coerente, diferenciando, em certo sentido, o homem apropriado de sua afetividade daquele possuído pela *anima*, ou seja, aquele que não articula de modo consciente seus aspectos vulneráveis e afetivos.

Quanto ao comportamento sexual feminino, buscou-se investigar se os rapazes percebiam diferença em comparação com o comportamento masculino. Todos os rapazes,

exceto um deles, acreditam não haver diferença nas intenções sexuais masculinas e femininas, porém, notam que existe uma manifestação maior por parte dos homens, e que essa manifestação é ainda esperada pelas mulheres em forma de iniciativa. Seguem alguns exemplos:

*P: Você vê diferença no comportamento ou interesse sexual entre os meninos e meninas?*

*E3: Eu acho que não, porque lá no fundo a gente quer a mesma coisa. Por fora, a gente pode demonstrar mais, só que elas querem a mesma coisa que a gente.*

*E4: Eu acho que a tendência é igual. Assim, deveria ser igual, mas o que acontece, hoje um pouco menos, mas há uns três anos, talvez pela minha idade ser outra, mas eu acho que o que se espera naturalmente, é que o homem tenha a iniciativa de dar um passo em direção à conquista. Parece que tem que surgir do homem essa atitude. O homem vai atrás, o homem chega. Mas eu acho que isso é reflexo de uma sociedade um tanto machista, em termos, né.*

Encontramos na esfera sexual perspectivas mais otimistas ao se constatar visões mais igualitárias para os gêneros. No entanto, o que prevalece ainda é uma diferença no campo das atitudes. Anteriormente, os rapazes entrevistados relataram o incômodo na iniciativa aleatória feminina. Pressupõe-se, diante do olhar masculino, que haja ambiguidades ou uma pluralidade de repertórios sexuais no lado das mulheres, o que caracteriza a diversidade de parâmetros sexuais e de relacionamentos da atualidade. E5 fez uma interessante reflexão sobre o tema:

*E5: [...] Tenho uma amiga que tem uma vida sexual muito mais ativa que a minha, mas ela foge do padrão que eu vejo normalmente. Ou, na verdade, ela é uma pessoa, não que foge do padrão das meninas, mas da relação que eu tenho com as outras meninas. Ela fala tudo sobre ela, eu não sei se as outras não me falam tudo sobre elas. O que eu ouço dela, é bem diferente do que eu vejo nas outras. Mas eu acho que a relação sexual para as mulheres é mais inibida, e por um motivo ou outro os homens... a pergunta era?*

*P: Você vê diferença no comportamento ou interesse sexual entre meninos e meninas?*

*E5: Então, pra mim tem, tem diferença, mas cada vez mais sendo amenizada. Pouquíssimas vezes me ocorreu da menina vir me falar diretamente sobre sexo. Teve uma menina que me pediu um beijo uma vez, mas na hora do sexo, eu que tive que começar, o primeiro passo, ainda parece que é do homem.*

O interessante desta passagem é notar como ele se coloca ativamente no processo, ao levantar a hipótese que o comportamento da outra parte pode alterar segundo a relação que se

estabelece com ela. A autorreflexão leva à desconstrução de estereótipos (mulheres são mais ou menos ativas sexualmente) e a um maior comprometimento de si mesmo nas questões da relação, perfil muito próximo ao observado na pesquisa de Malcher (2002). Já E2 interpretou de outra forma a pergunta. Entendeu que as mulheres estão mais ativas sexualmente que os homens, por haver muita “mulher com mulher” atualmente, “quase todas”, segundo ele. Nota-se que, nesta observação, ele parece se sentir excluído do universo sexual feminino.

Sobre o que acreditam em relação às expectativas femininas sobre os homens, relacionaram atitudes que circundam a imagem do homem potente, como ter o controle da situação (E2), dinheiro e conforto (E1 e E3),

*E3: Vixe, é... dinheiro. Conforto. Um carrinho. Elas querem conforto! Independentemente se o cara tem um carro, se tem uma casa, elas querem conforto.*

ou cavalheirismo e atitude (E4 e E5), o que lembra posturas do comportamento burguês:

*E4: Atitude mesmo. Talvez até um pouco, em alguns casos, de cavalheirismo, não sei, é costumeiro ser chamado de fofo, né, agrega características positivas, só que passado já a primeira fase, que é a fase da conquista.*

O posicionamento de cada um perante a essas ideias foi dividido em duas frentes: entre aqueles que se posicionam dentro do modelo tradicional de masculinidade, ou seja, sustentando-se dentro dos parâmetros do domínio masculino e aqueles que se tranquilizam na escolha de atitudes aleatórias a esse padrão. O primeiro grupo assumiu preferir ter o controle da situação (E2: “*Me sinto bem... prefiro até.*”) e bancar o esforço em oferecer o padrão material exigido junto à esperança de que a mulher o ajude:

*E3: Hoje a gente tem que, se elas querem isso, a gente tem que fazer o possível pra dar pra elas isso, se não a gente vai acabar ficando sem nada.*

*P: Você se esforçaria pra atingir isso?*

*E3: Sim, com certeza.*

*P: E seria difícil isso, seria pesado pra você?*

*E3: Ah, um pouco porque sou bastante humilde, mas aos poucos a gente conquista, né, se ela ajudar também. Vai ser difícil achar uma garota assim.*

Sincronicamente, os rapazes que se inclinaram para posturas com ênfase tradicionalmente patriarcal foram aqueles pertencentes à classe econômica mais baixa. Este fato vai ao encontro dos dados trazidos por Garcia (2006), que notou uma mudança de valores e de funções dos papéis de gênero com maior evidência nas camadas médias urbanas. Igualmente, Oliveira (1998) havia anunciado a mesma tendência, compreendendo a dificuldade de flexibilização dos papéis nas classes mais baixas, pela possibilidade do exercício do poder masculino nas relações de gênero ser uma das poucas formas de poder que os homens encontram, dado o custo do sucesso nas demais escalas sociais para se autoafirmarem. De modo contrário, os demais participantes se colocam tranquilos em posicionamentos divergentes ao modelo antigo, como na posição assumida da não atitude frente à abordagem na aproximação feminina:

*P: No seu relacionamento, isso aconteceu, de você ter atitude?*

*E4: Não, eu não tenho atitude.*

*P: A questão da atitude que você acredita ser o que as mulheres esperam dos homens, alguma vez já atrapalhou em suas outras conquistas, já que você se refere sem atitude?*

*E4: Não sei se atrapalhou, não sei se ajudou, porque parece que uma coisa que atrai dentro de um certo grupo de pessoas é o simples fato de você estar num lugar por estar no lugar, e não à procura de algo. Acho que isso pode te tornar desinteressante. Mas se você está feliz e curtindo num lugar, e alguém se interessa por você, acho que isso chama a atenção, porque você está alí feliz, tranquilo. Parece que a pessoa quer te tirar do sossego, aí essa iniciativa da menina, da mulher, né, só que manifestado de forma diferente. Isso acho que é uma coisa que acontece.*

Nesta ilustração, é possível vislumbrar uma configuração mais próxima do que foi discutido na formação do novo homem, alguém pautado de modo mais sereno nas próprias escolhas e necessidades, que não visa a busca por registros de força ou posicionamentos socialmente orientados para a garantia de uma imagem de aceitação coletiva. Por outro lado, E4 parece deixar o encontro amoroso ao acaso, sem nenhuma intenção ou investimento de sua parte. Questiona-se até que ponto sua postura desinteressada na procura por uma parceira seja resposta de interesses diversos, que dispersam sua atenção do campo afetivo/sexual, ou se este posicionamento seria fruto de uma defesa à tentativa deste encontro.

## **Afetividade**

Todos os colaboradores relataram ter vivido experiências afetivas, com expressão de seu sentimento sem maiores dificuldades, como no exemplo de E3:

*P: Você gosta ou já gostou de alguém?*

*E3: Sim*

*P: A pessoa ficou sabendo? O que aconteceu?*

*E3: Elas sempre sabem, né.*

*P: E como elas ficam sabendo? Você acaba falando?*

*E3: Eu falo com elas, acabo me abrindo com elas.*

*P: E como foi essa experiência de ter falado, você foi bem recebido ou não?*

*E3: Sim, sempre fui bem recebido, não sei se pelo carinho que elas já tinham, sempre me trataram bem, nunca fizeram nada de mais não.*

*P: Você nunca teve receio de poder falar?*

*E3: Não, se eu gostasse dela, sempre falaria numa boa.*

Mesmo os rapazes mais identificados com alguns parâmetros patriarcais, como discutido anteriormente, revelaram abertura para a manifestação dos seus sentimentos, o que se distingue da postura contida da cultura androcêntrica (Cabral, 1999, Mosse, 1998), podendo este dado ser interpretado como indício das transformações desse sistema.

Quando questionados se percebiam diferença entre os gêneros na forma de lidar com os sentimentos, obtivemos impressões diversas. Entre aqueles que acreditavam numa similaridade afetiva entre os gêneros (E1, E3 e E4), houve quem reconhecesse um maior desenvolvimento da afetividade nos homens nos dias de hoje:

*E1: Eu acho que sim. Acredito que tenha mudado um pouco. Os homens estão mais afetivos.*

A segregação da afetividade para o gênero feminino, como foi afirmada por C. Jung (1987) e problematizada por Nolasco (1993) não encontra tanta ressonância nas percepções dos rapazes entrevistados. A racionalidade que dominava a consciência masculina abriu espaço para instâncias menos lógicas. Apenas E2 permaneceu com a visão mais tradicional:

*E2: Acho que não, acho que mulher é mais sentimental.*

*P: E os homens? Eles sentem também...*

*E2: Ah, mas para o homem é mais fácil também, não sei. Pra mim foi tranquilo. Não sei os outros.*

*P: Foi tranquilo se relacionar ou terminar?*

*E2: Terminar.*

Neste exemplo, E2 se referia à facilidade com que terminou o relacionamento que estava iniciando. No entanto, o motivo do rompimento foi o ciúme sentido ao ver a parceira com amizades masculinas. O distanciamento mostrou-se para ele uma opção mais favorável do que a administração do seu sentimento. Ciúme, no caso, não foi posto como uma questão afetiva. O que a perspectiva masculina muitas vezes refere como praticidade, na verdade diz respeito a uma inabilidade em lidar com as próprias questões, a parte que lhes escapa do controle lógico. Em outros termos, E2 apresenta pouco diálogo com as dimensões do elemento feminino, representados pela *anima*. É válido esclarecer aqui, que não nos referimos à *anima* como função de sentimento, o que já foi discutido por Hillman (1990), mas ao universo que se abre no contato com as questões afetivas, na oportunidade para a construção de uma subjetividade.

Já em E5, que em outros exemplos apresentou uma articulação autorreflexiva, disse perceber diferença na forma de sentir, mas que não se relaciona a uma questão de gênero, e sim a uma particularidade de cada indivíduo:

*E5: Você sempre sente que num casal, um é mais racional e o outro mais emocional.*

*P: Normalmente você é...*

*E5: Eu sou emocional. Mas eu to numa fase muito racional. Mas racional a ponto de não conseguir passar essa fase de falar “não, deixa eu conseguir namorar?”, não, eu não quero. Racional a esse ponto. E nem acho legal eu entrar num relacionamento com esse tipo de pensamento.*

Embora não seja possível avaliar o que ele nomeia como tendência emocional e racional, é interessante notar sua perspectiva da questão na problemática do indivíduo.

### **Modelos parentais**

O intuito desta categoria foi conhecer os valores familiares herdados e investigar a existência da propagação dos valores de gêneros transmitidos por meio da relação parental. Todos eles, exceto E4, viveram num modelo familiar mais tradicional, com pais casados e a parte feminina (mãe e irmã, quando havia) responsável pelos serviços domésticos, mesmo

quando a mãe trabalhava fora de casa. O modelo de relacionamento da família de E4 se distinguiu desse padrão, tendo os pais uma relação estável, mas morando em casas separadas.

Na questão dos relacionamentos afetivos, a maior parte mostrou afinidade com o modelo parental, principalmente por oferecer companheirismo e estabilidade.

*P: Gostaria de ter uma relação igual à deles? Por quê?*

*E1: Sim. Acho que pela estabilidade, compreensão, eles conversam, se dão bem. Até a parte que eu convivi com eles, era uma relação bem calma.*

Apesar de ter convivido num ambiente familiar conflituoso por conta do problema de alcoolismo de seu pai, E3 conseguiu resgatar e se espelhar nas partes positivas do relacionamento dos pais:

*P: Como você descreveria a relação conjugal entre seus pais?*

*E3: Ela sempre foi muito conturbada, meu pai bebia, ele chegava em casa e a gente discutia bastante. A família como um todo discutia bastante.*

*P: Isso ainda acontece?*

*E3: Não, não mais. Graças a Deus ele parou de beber, por problema de saúde, ele foi obrigado a parar.*

*P: E hoje, como está a relação deles sem a bebida?*

*E3: É uma relação boa. Eles brigam, como todo casal, mas não como as brigas de antigamente.*

*P: E você gostaria de ter uma relação igual ao dos seus pais ou não?*

*E3: Não pela bebida, não gostaria de brigar com minha mulher e meus filhos ouvindo tudo isso, mas do companheirismo e tudo que importa sim. Por isso eu não bebo.*

Ao menos no que se refere às intenções futuras de relacionamento, os jovens entrevistados se distinguiram das projeções de individualismo e ou de relações efêmeras, como observadas pelos autores estudados (Chaves, 2010, Bauman, 2004, Ferrand, 2004, Kolontai, 2003, Fisher, 1994). E4 referiu admirar a relação atípica dos pais pelo respeito ao espaço e individualidade de cada um, um modelo que mescla as tendências contemporâneas de atendimento às necessidades particulares de cada membro da relação com a estabilidade de um relacionamento tradicional:

*E4: Eles namoraram e ficaram morando cada um na sua casa. Era claro o bastante pra mim e pra eles que o amor já tava dado, eu já existia, não precisava de nenhuma prova concreta de que isso acontecia, nem satisfação pra ninguém, a não ser pra si mesmo. Pra mim, o casamento em si está mais dentro da lógica das aparências. Prefiro pegar a grana que o pessoal gasta com as festas e viajar.*

*P: O que você acha sobre a relação deles?*

*E4: Excelente. Pra mim é o modelo mais interessante. Cada um no seu espaço, na sua casa. Lógico que recebendo o outro todos os dias, dormindo junto sem problema, mas cada um com suas coisas organizadas da sua maneira. Em também acho complicado as briguinhas, é complicado você brigar e entrar no mesmo quarto brigado. Cada um na sua casa gera uma saudadezinha, no dia seguinte tá tudo bem.*

Apenas E2 não seguiria o modelo vivido por não se identificar com a falta de vida social dos pais.

No que se refere ao padrão sexual, existiu maior diferenciação. Todos descreveram a geração atual como mais aberta a experiências e à diversidade. E1, que está namorando há cinco anos, disse não diferir da concepção sexual de seus pais, embora reconheça que sua geração se manifeste de forma diferente. E4 também acredita que deve diferir muito pouco dos valores parentais. Explicou que tanto ele quanto seus pais possuem visões menos estereotipadas quanto aos gêneros:

*E4: Eu acredito que se divergir, diverge muito pouco. A minha questão sobre sexualidade ela é muito bem definida, não tenho dúvidas disso, sei do que eu gosto, mas eu acho que eu transcendo um pouco essa questão de identificar e classificar o ser humano, eu acho um pouco... conservador, mas não é esse o termo exato, você rotular assim, é homem, é mulher, esse é viado, essa é lésbica. Eu acho que seres são seres e a gente pode se apaixonar por algo que está além de uma questão física. Você se apaixona por uma pessoa e não necessariamente você precisa desenvolver uma relação sexual com ela. É isso, mas eu acho que eles tem essa visão. Não é um assunto que já discuti com eles.*

*P: Mas vocês já conversaram sobre sexualidade?*

*E4: Já, já sim.*

A diferença entre E1 e E4, que declararam não diferirem tanto do padrão sexual dos pais, está que o primeiro segue um relacionamento longo, tendo como experiência sexual única, aquela que possui com sua parceira, ou seja, dentro de moldes mais lineares, similares aos tradicionais, enquanto E4 dialoga com referenciais mais plurais de gênero e sexualidade.

Investigamos a relação entre pai e filho a fim de conhecermos o modelo de masculinidade advindo desta relação, assim como sua ressonância para as disposições afetivas destes rapazes. E2 e E3 afirmaram a não participação afetiva do pai de forma mais declarada em suas vidas:

*P: Seu pai é presente afetivamente?*

*E2: Não! Eu até prefiro. Prefiro guardar pra mim.*

*P: O que vocês fazem juntos?*

*E3: Só assistir jogo de futebol e jogar junto.*

E1, que declarou ter tido um pai afetivo, descreveu essa relação como o compartilhamento de jogos de tabuleiro apenas:

*P: Seu pai é presente afetivamente?*

*E1: Sim.*

*P: O que vocês fazem juntos?*

*E1: Poucas coisas na verdade. Assistir jogos, às vezes jogar um jogo de tabuleiro. Mas de atividades assim, não tanto.*

E4 e E5 declararam terem pais bastantes presentes afetivamente, com diálogo, orientação e participação na vida cotidiana:

*E4: Foi, foi sim. Acho que mãe é sempre um pouco mais, né. Mas ele foi, do jeito dele, me mordendo, andando de bicicleta, indo me buscar de bicicleta. E cuidando, sempre olhando de longe, deixando, mas, sabe, a liberdade orientada.*

Esta amostra contempla ilustrações heterogêneas. Nos primeiros exemplos, a ausência afetiva do pai, modelo que esteve presente nas gerações pesquisadas por Garcia (2006), manteve-se 30 anos depois. Outro grupo pôde desfrutar de uma troca mais efetiva com esses pais, numa relação com homens mais dispostos a se revelarem para os filhos de maneira mais horizontal. E um terceiro exemplo, do participante que coloca seu pai na categoria de pai presente, mas que vive essa relação com um contato muito reduzido. E1 é de origem oriental, com perfil introspectivo. É possível que a limitação do convívio entre pai e filho seja característica desta cultura, e por isso, considerada dentro dos parâmetros de proximidade. De

acordo com Boechat (1997), a aproximação física e afetiva entre pais e filhos permite uma transcendência das transmissões da lei e da ordem. Segundo nossa amostra, os participantes que se beneficiaram desta relação se mostraram mais dispostos para as vivências afetivas e outras disposições de relacionamento.

### **Sexualidade e Educação Sexual**

Esta categoria visou problematizar de que maneira as questões da sexualidade se constituíram na formação destes jovens a partir da educação sexual formal ou informal obtidas. Entende-se por educação sexual formal aquela realizada de forma institucionalizada, sistematizada, organizada e localizada, geralmente nas escolas. A educação sexual informal diz respeito àquela absorvida de forma inconsciente, presente nos padrões e concepções sexuais de determinado período histórico, sociedade e cultura. Ocorre de maneira indiscriminada na família, escola, nos círculos sociais e nos meios midiáticos, direcionando os indivíduos para diferentes atitudes e comportamentos ligados à manifestação de sua sexualidade (Ribeiro, 1990).

Os colaboradores tiveram informações sobre sexualidade na escola, família e amigos. Com exceção de E4, que descreveu ter tido uma educação sexual mais formalizada na escola, todos ou demais participantes adquiriram esse conhecimento por meios informais, mesmo dentro da escola:

*E4: Sinceramente, as primeiras informações eu não me recordo. Acho que na escola, eu tive uma escola bem libertária, com discussão, valores, teatro, arte, educação sexual. Era pouca, se for analisar hoje, mas eles fizeram desde cedo esse trabalho, de esclarecimento, na verdade.*

*P: Outras fontes de informação?*

*E4: Depois da escola, a família foi mais presente, em conversar, orientar. Amigos também, com 12, 13 anos você começa a se tocar e deixar de ser aquela criança mais boba.*

*P: Que tipo de orientação que seus pais te deram?*

*E4: Acho que pra questão da segurança, eu já usava computador, pra nada acontecer com questões virtuais, de chat. E também eles buscaram entender se eu já tinha algum interesse por mulheres ou homens. E isso foi tão novo, que eu não tinha nem sacado o que era. A questão da sexualidade pra mim floresceu de forma mais tardia. Eu tinha uma série de interesses, leituras, atividades, e a sexualidade era só mais uma.*

No relato de E1 também é possível perceber um interesse mais brando quanto às questões da sexualidade na adolescência:

*P: Com que idade você teve informação sobre sexo ou sexualidade? De que forma?*

*E1: Acho que aos 15 mais ou menos. Foi pela escola.*

*P: Mas teve algum programa de educação sexual específico?*

*E1: Não, foi mais nas aulas.*

*P: De que forma você acha que essas informações contribuíram para você ou para suas experiências?*

*E1: Sim. Antes não tinha nada, então com certeza contribuiu, mas não sei como.*

*P: Ou começou a despertar o interesse de informação?*

*E1: Sinceramente não! (Risos). Legal, bom estar sabendo, mas não fui mais atrás.*

Ambos os discursos revelaram uma dispersão do interesse quanto à sexualidade na adolescência, atitudes contrárias aos padrões heteronormativos de provações de virilidade, ou da associação entre desempenho sexual e sentimento de virilidade, como supôs Badinter (1993). Demais fontes de interesse, como atividades intelectuais e outras atividades de prazer, se colocam em paralelo com os atrativos sexuais, o que configura as formas de novos modelos de masculinidade que se apresentam na contemporaneidade. Deste modo, a ênfase dada à vulnerabilidade como condição para a abertura de uma nova configuração para a masculinidade (Badinter, 1993, Nolasco, 1993, Giddens, 1993) parece não ser o ponto central para o apaziguamento das forças que sustentavam a sexualidade masculina na era patriarcal. As disposições apresentadas por esses garotos se aproximam mais às vertentes trabalhadas por Boechat (1997) e Tacey (2011), que propõem a flexibilização das funções masculinas na articulação com os princípios anímicos.

A amenização do antigo modelo sexual se evidenciou igualmente na ocasião das primeiras experiências sexuais. Do grupo entrevistado, apenas E2, de 19 anos, era virgem. Os demais tiveram sua primeira experiência sexual entre os 17 e 18 anos. E1 e E5 tiveram essa experiência com as namoradas e E3 e E4 com relacionamentos casuais. Para aqueles que namoravam, não relataram nenhum significado especial da primeira relação:

*E5: Foi tranquilo, eu tive mais medo do primeiro beijo, pra falar a verdade. Foi com minha primeira namorada, estava com 18 anos. Estava tranquilo, foi bem tranquilo. Era a primeira vez dela também, e a gente foi descobrindo junto. Eu me sinto mais pressionado com alguém que eu não conheço. Que*

*significado teve? Não sei, foi legal por ter sido a primeira vez, mas fez parte do momento, foi muito bonito e muito legal.*

O que se nota, é que o significado da primeira relação sexual se coloca como subjacente à construção do relacionamento amoroso, sentido este observado nas experiências femininas nas pesquisas de Ferrand (2004). Para E1, a primeira relação sexual pareceu ter sido um momento de desvendar uma curiosidade:

*P: Na sua primeira relação, você se sentia preparado?*

*E1: Não, rs. Estava com preservativo, mas não foi assim...*

*P: Como você se sentiu? Que significado teve pra você?*

*E1: Foi bem... superou as expectativas, foi bom porque queria saber como era...*

Aqueles que tiveram essa experiência em relações casuais revelaram ter sentido uma afirmação da masculinidade:

*P: E que significado teve pra você a primeira vez?*

*E3: Ah, talvez uma... antes e depois, sabe? Acho que eu virei homem, entre aspas.*

E4 mostrou mais resistência em chegar à mesma elaboração:

*E4: Foi meio assim vazia, sem muita carga afetiva. Não significou muita coisa. Significou uma consciência, uma percepção de um prazer que eu ainda não havia descoberto 100%.*

*[...] Mas não teve um grande significado na minha vida, de mudança, “agora se abriu as chaves, um portal”, mas eu acho que foi importante em termos de afirmação, naquela própria questão de reafirmar a masculinidade. De certa forma isso soma e você fica mais confiante. Agora é totalmente diferente de ter uma relação com afetividade.*

Na ausência do relacionamento afetivo, a tônica do aprendizado e da afirmação da identidade masculina se faz presente, como apontado por Ferrand (2004). O discurso de E4 vai ao encontro dos resultados de Garcia (2006), que revelaram a busca dos homens pela integração do sexo e afetividade nas suas relações.

Ao serem questionados se sofreram algum tipo de pressão por parte dos amigos quanto a sexo, apenas E2 e E3 referiram haver muitas brincadeiras, com as quais afirmaram saber

lidar: “tranquilo, já me acostumei já, sempre sou o mais zoadado da turma” (E3). Os referencias heteronormativos regulamentadores se mostram presentes no meio em que vivem, sendo encarados, inclusive, de forma normalizada: “já me acostumei já”. Os demais participantes trouxeram outros parâmetros, afirmando terem amigos mais tranquilos e que perderam a virgindade após eles:

*E4: Eu imagino que deva existir esse tipo de pressão em alguns grupos, mas no meu não. Até rolava comentário do tipo “e aí, rolou e tal?”, até porque muitos deles perderam depois. Então talvez todo mundo se sentisse um pouco inibido de discutir isso. Mas também nunca foi uma questão muito tabu.*

E5 relatou ter vivido este tipo de pressão da parte de seus primos, os quais ofereciam perspectivas mais próximas dos valores patriarcais, ou seja, de provações de virilidade:

*E5: (risos). Eu tenho uma turma de amigos muito desligada disso. Quem mais me pressionou foram meus primos mais velhos, porque na época deles, eu acho engraçado isso, parece que com 13 ou 14 anos as pessoas já não eram mais virgem. Na minha época, a maior parte dos meus amigos foram perder a virgindade comigo, com 18, 19 anos. Eu acabei perdendo antes que eles (18 anos), não sei se fui eu que pressionei, né. Porque depois, todos foram perdendo a virgindade. Só os últimos dois sofreram, porque nessa época ainda tinham uns que eram BV (boca virgem). Junto a isso, minha turma não era de pegadores. Aqui em Araraquara, minha turma é de gente que sai mais, acho que até por isso minha desvinculação com amor e sexo.*

Esta amostra, embora pequena, faz-se interessante justamente por refletir as contraposições de valores e posturas dentro de uma mesma sociedade, faixa etária e período histórico, confluências anteriormente observadas e anunciadas por Simões e Matos (2010), Garcia (2006) e Barasch (1997).

Os entrevistados consideraram o comportamento sexual atual mais aberto e menos afetivo, mais voltado para o prazer físico. Quando questionados se consideravam esse panorama positivo ou negativo, ponderaram de acordo com o objetivo de cada relação, como seguem os exemplos:

*E4: Ta bem menos moralista, ta bem mais, qual a palavra, tá bem definido, marcado, exposto, essa palavra que eu queria achar. Está menos conservador, lógico, dependendo dos grupos onde você*

*anda. Acho que isso tem a ver com a renda também, não querendo rotular, mas o excesso de educação e conduta, a sexualidade, nesse contexto, se coloca de maneira mais discreta.*

*P: A questão de estar mais exposto, isso é benéfico ou não?*

*E4: Não sei te dizer se é melhor ou pior. É uma questão complexa. Pra efeito de extravasar uma liberdade, ser mais coerente com seus desejos, eu acho que é melhor, é mais libertador. Agora, pra efeito de, o que você pode agregar conhecendo uma pessoa melhor antes de partir pra uma relação sexual, as etapas que são cortadas, eu acho que você perde também. Se perde na questão do relacionamento. Depende muito da ótica ser melhor ou pior.*

E3, de maneira mais simples, mostrou concordância com a opinião de E4:

*E3: Na minha opinião tá tudo muito fácil. A menina quer o que você quer e você não precisa nem estar namorando pra ter um relacionamento sexual.*

*P: E isso é bom ou ruim?*

*E3: É bom e é ruim, porque, por exemplo, eu não quero uma garota assim. Pra isso vai ser bem ruim, eu encontrar uma garota difícil.*

*P: Pra se relacionar isso é ruim?*

*E3: Sim.*

Neste ponto, observa-se um beneficiamento por parte dos homens na maior abertura do comportamento sexual atual, o que não se relaciona com a insegurança masculina diante da autonomia sexual feminina apontada por Garcia (2006) e Giddens (1993). Porém, o desfrute da liberdade sexual não se vincula com a perspectiva para um relacionamento afetivo com estas mulheres. Diferentemente da presença de um julgamento pautado na dupla moral sexual, embasado na dicotomia santa/puta que inviabilizaria um relacionamento com a mulher apropriada de sua sexualidade apenas por questões morais, o que se nota, neste momento, é uma dificuldade de integração, dentro da psique masculina, da mulher possuidora de uma autonomia sexual com aquela mulher que pode estabelecer um vínculo afetivo. Como bem descreveu E4, a oportunidade da vivência de uma relação sexual mais direta intercepta uma série de etapas fundamentais para a construção de uma relação mais sólida. O ponto, é que não se visualiza uma intenção de ultrapassagem desta disposição inicial, da atitude sexual aberta e ativa, para o início de um conhecimento e edificação de relação com o sujeito presente por trás da imagem da mulher erotizada. Identificamos, neste território, o arquétipo de Afrodite como o condutor e tempero dos encontros sexuais fugazes entre estes jovens.

Afrodite entendida como a centelha de vida, como o magnetismo que seduz e atrai. Contudo, sua constelação não é suficiente para o estabelecimento de uma união. Neste encontro, não há penetração, não há Eros, o princípio masculino penetrante do amor, capaz de afetar e mobilizar os envolvidos para o encontro amoroso.

Especificamente no tocante aos relacionamentos, E1 e E2 manifestaram satisfação na forma como se mostram constituídos atualmente. O primeiro toma como base seu próprio relacionamento, que já dura cinco anos, mas possui poucos referenciais de outros relacionamentos. O segundo não havia conseguido efetivar ainda uma relação mais sólida, mas, de acordo com sua resposta, oferecia uma perspectiva otimista e desejosa para tanto. E3 disse não admirar a facilidade como são estabelecidas as relações: *“Ah, é tudo muito fácil, não tem conquista, hoje é tudo muito mais fácil. Isso é que era o interessante e não tem mais”*. A ótica deste colaborador, permeada por um tom de lamento, tende para um olhar pessimista, e aponta para um provável fracasso na relação com as mulheres, como Barasch (1997) analisou como resposta à desorientação masculina diante das transformações femininas. Parece haver aqui uma imagem feminina que não se permite ser capturada, metaforicamente penetrada. Esta tal facilidade para o encontro sugere muito mais um escapismo que um encontro verdadeiramente em si.

E4 referiu não ter acesso aos demais relacionamentos, acreditando ser uma construção muito individual:

*P: Existe algo que você gostaria que fosse diferente nos relacionamentos de hoje? O quê?*

*E4: Você vai me desculpar, mas é uma questão que eu também não consigo ser muito claro, porque os relacionamentos de forma geral não me tangem, eu não tenho como extrair por não saber o que se passa ali, mas do meu, eu acho que tem que se policiar para que a confiança seja um pilar essencial, pra que suas relações com amigos e amigas sejam muito mais livres.*

*P: Então você tem dificuldade de dizer sobre os relacionamentos em geral, porque você não tem acesso ao que está acontecendo ali dentro?*

*E4: É, porque eu acho que a questão do relacionamento ela se manifesta de uma maneira muito particular para com seus integrantes.*

*P: É muito diversificado?*

*E4: Também. E cada um que está dentro de um relacionamento sabe das escolhas pra se viver melhor. Eu acho que a confiança é essencial e também o amor próprio, se amar, ter segurança na pessoa com quem se relaciona.*

E4 traz a apropriação dos referenciais anímicos, como valores que o orientam e sustentam seu relacionamento: “confiança”, “amor próprio” e “segurança na pessoa” se colocam como qualidades que requerem entrega e dedicação pessoal tanto a si mesmo quanto à relação. Este discurso se direciona para parâmetros mais contemporâneos de relacionamento, os quais não se pautam em normas coletivas de conduta, mas a uma flexibilização de normas, orientadas segundo os próprios valores e bem estar, tal qual se referiu Chaves (2010), configurando modelos de uniões mais democráticos e plurais, como analisado por Araújo (2000). Visualizamos, neste contexto, maior grau de autonomia perante as próprias escolhas, o que para a Psicologia Analítica corresponde à experiência da individuação. Ou seja, diferenciar-se das personas que atendem menos as demandas das autenticidades individuais que as reivindicações das diretrizes coletivas.

Atualmente, E5, que sempre namorou, referiu estar experimentando sair com garotas sem a intenção de estabelecer um relacionamento e, pela primeira vez, desvincular o amor do sexo. Porém, ainda assim, mostra um cuidado na escolha das garotas, manifestando grande frustração numa relação ausente de atenção para com o outro, mesmo que essencialmente sexual:

*E5: [...] Gosto muito de sair com as meninas e tal, no sentido de que, se depois eu conseguir ter uma conversa e tal. Não importa isso só de sair, normalmente eu gosto de sair com as mesmas pessoas, ainda que eu saiba que eu não vá pra um relacionamento com elas. Mas há meninas que eu saio e eu falo, não dá mesmo, porque são meninas que não tem como você falar com elas depois. Você vai lá, faz o que queria fazer e vai embora, porque não tem nada a ver. E isso me deixa super frustrado.*

O momento em que vive E5 reflete a diversidade de perspectivas do cenário atual, onde são ofertadas várias opções de escolhas, cabendo ao indivíduo adotar uma delas, a qual ele reconhece como mais adequada ou prazerosa para o período de sua vida, contexto também identificado pelos entrevistados de Chaves (2010). Mesmo optando por relações efêmeras neste momento, ele mostra a preocupação por relações nas quais exista o mínimo de identificação, pessoas com quem ele consiga estabelecer algum nível de troca. Sua frustração indica não se satisfazer apenas com uma imagem projetada na mulher, algum fragmento da *anima*. Mesmo na ausência de vínculo, sua relação se estabelece com a integralidade do indivíduo, revelando uma relação menos objetal e mais voltada para o sujeito, o que minimiza as projeções parciais com maior intensidade na mulher.

Outro aspecto no qual se visualiza uma grande diferença de parâmetros nos dias de hoje em relação a gerações anteriores (Ferrand, 2004, Leonini, 2004) diz respeito à relação dos rapazes com a prostituição. Nenhum dos colaboradores teve experiência ou interesse em sair com prostitutas. E2 e E3 relataram que o pagamento pelo sexo não era algo estimulante nem para a satisfação pessoal, nem para o status com o grupo, por não ter havido uma conquista da mulher. Abaixo, ilustram-se seus diálogos:

*E2: Não. Ah, não compensa, acho, gastar dinheiro. O dinheiro que você vai gastar com uma prostituta, mais fácil pegar uma menina decente pra poder sair. Uma relação melhor do que com uma garota de programa.*

*P: Por que você acha que não compensa?*

*E2: Você não vai comentar com seus amigos. Se você comentar com seus amigos que você pagou não é tão legal quanto falar “nossa, eu conquistei aquela menina”.*

*E3: Ah, é muito fácil, né. E ainda gastar dinheiro, muito fraco.*

*P: Então, também tem essa coisa da conquista ainda?*

*E3: Também.*

Embora exista a recusa na ideia de se usufruir desta opção sexual, a questão da virilidade se faz presente nas justificativas destes rapazes. Ao invés de autoafirmação da própria sexualidade, ou ser utilizado como dispositivo de segurança na ausência de julgamento de sua performance sexual (Leonini, 2004), a conotação que surge agora é exatamente inversa, uma confirmação do fracasso por não conquistar uma mulher. Numa leitura subliminar, nota-se uma autocobrança quanto ao próprio desempenho, ou, num nível mais profundo, uma provável sensação de necessidade de maior esforço para conquistar uma mulher, que na sua percepção ou imagem construída a partir das transformações que ela passou, se coloca muito fortalecida, exigente ou, pior, distante. A afirmação da masculinidade não se vincula mais apenas ao desempenho ou aprendizado sexual, o que se realizaria mais facilmente com uma prostituta, mas ao sexo praticado com a mulher conquistada. Sua afirmação está condicionada à capacidade de conquista e não mais ao ato sexual em si.

Outros significados surgiram nas respostas de E4 e E5. Estes entrevistados manifestaram aversão pela relação de consumo que se estabelece no contato com as prostitutas. E4 reitera dizendo sobre o lugar que o sexo ocupa em sua vida, sendo mais uma fonte de prazer como diversas outras que lhe chamam a atenção:

*E4: Acho que essa questão flerta um pouco com extrair prazeres de outras atividades. Porque parece que a prostituição é uma atividade absolutamente sexual, e pra você pagar por esse, vamos colocar, serviço, né, acho que você tem que estar num momento de necessidade extrema, e essa necessidade nunca se manifestou em mim. E também nunca achei interessante essa troca dessa forma, consumo de sexo, acho que não, não me atrai.*

E5 alegou sentir grande mal estar com o desprezo ao ser humano que existe neste tipo de relação:

*E5: Aliás, eu tenho pavor, não à prostituta, eu já fui uma vez numa boate e me senti muito mal. Dado o grau de relacionamento que eu tenho entre amor e sexo, eu não consigo ver uma pessoa feliz ali. Mas nem quem frequenta também. É um lugar que rola bebida, droga e esse desprezo ao ser humano muito grande, tanto da prostituta, quanto do cara que tá lá, eu me sinto muito mal. Uma das coisas principais pra nunca procurar é que meu maior prazer dentro de qualquer relação é ver o prazer da mulher. Se não tem isso, pra mim não faz sentido nenhum.*

A visão mais humanizada presente nestes relatos dialoga com a questão trabalhada anteriormente sobre a minimização de uma relação objetal com as mulheres, fruto de olhares com presenças anímicas, oferecendo disposições mais leves de masculinidade. Diferentemente dos outros entrevistados, estes não abarcaram em seus discursos necessidade de provações ou afirmações de sua identidade, mas sim um vínculo com o próprio corpo, na percepção e respeito de suas sensações e empatia com o outro. A presença e diálogo com as instâncias femininas na consciência desses rapazes se dispõem de modo inquestionável.

Por fim, foi-lhes questionado a respeito de experiência sexual com homens no intuito de investigar os significados atribuídos a esta vivência e a relação que estabelecem com a própria identidade sexual. Dos cinco rapazes entrevistados, apenas E4 afirmou ter tido esse tipo de experiência. Foi com um amigo por quem tinha grande estima, e sua intenção foi de experimentação e da quebra dos próprios tabus:

*E4: [...] Também até porque pressupõe uma certa hipocrisia, falar isso e aquilo, julgar... Vamos ver, o que é isso? Que universo é esse? Assim, por mais que um pouco que contrariado, talvez por um tabu, eu ainda mantive a convicção que os seres são seres, não necessariamente homens ou mulheres*

*de maneira exclusiva, mas que eles transcendem isso sendo figuras autênticas. Mas como esse filtro passa por uma questão física, aí eu desagradei um pouco pela questão física e aí eu fiquei na minha.*

*P: Mas você queria experimentar por uma atração...?*

*E4: É, uma atração... e de me colocar também numa quebra de tabu, tentar sair um pouco dessa lógica, de quebrar tabus meus, de conceitos, sabe esse espírito anarquista que tem o jovem, um pouco disso.*

A disposição apresentada por E4 ilustra perfeitamente o conceito de androginia trabalhado por Tacey (2011) e Badinter (1993). O que o entrevistado se refere como quebra de tabus pode ser lido como a abertura para o encontro das fantasias homossexuais e suas implicações. A vivência sexual com o mesmo gênero tende a levar a um maior conhecimento de si próprio dentro da própria sexualidade e conseqüentemente à facilitação de uma diferenciação e fortalecimento do potencial masculino. Este entendimento caminha em direção contrária à ideia da experiência homossexual tornar o homem afeminado (Garcia, 2006, Welzer-Lang, 2004, Mosse, 1998), fantasia que circula o pensamento dos entrevistados que analisaremos a seguir. No entanto, paradoxalmente, como bem analisou Tacey (2011), a integração do homem com dimensões femininas pede que ele tenha seu elemento masculino fortalecido. Ou seja, a elaboração do encontro sexual entre dois homens pode ter como consequência um melhor diálogo com suas instâncias femininas, o que é diferente de ser dominado por elas. Este movimento está mais próximo ao que C. Jung (1991) nominou como função transcendente, por se visualizar uma ultrapassagem das tendências unilaterais.

Retomamos o pensamento de Badinter (1993): “O andrógino humano [...] só pode integrar a alteridade quando encontrou a si mesmo” (p.170). Diferentemente do posicionamento de E2, que mostrou espanto com a questão, revelando aversão a esta possibilidade; “Não, acha? Não dá, jamais!”. Seu susto revela uma postura enrijecida, sem nenhuma flexibilidade para o diálogo com outras formas de ser e se manifestar. Revela, igualmente, pouco preparo para o enfrentamento com a pluralidade arquetípica que habita em sua camada inconsciente, levando-o ao temor do questionamento de sua identidade de gênero (Samuels, 1995). Conseqüentemente, menor articulação com as transformações nas relações de gênero da atualidade. E5 relacionou o fato com a homossexualidade apenas, confessando que não se permitiria tal ocorrência, em função inclusive do preconceito e tradicionalismo de sua família:

*E5: Não. Nem nunca me passou nada sobre isso. Uma das pessoas mais presentes na minha vida dentre os meus amigos, ele é bi, e ele gostou de mim por muito tempo, mas isso não me pareceu, não tem nenhum sentido. Sempre conversei com ele, eu tinha plena consciência do que tava acontecendo, e não. Tenho muita afinidade, gosto muito, gosto muito do mundo dos gays, acho super legal assim, sem querer estereotipar, mas sem nenhuma relação. Porque acho que na minha cabeça sempre foi muito bem definido e, muito travado. Porque nesse sentido meus pais são muito conservadores. Se eu entrasse em casa sendo gay ou sendo drogado, eu sei que eu estaria destruindo a minha família. Então, algumas coisas na minha cabeça são completamente travadas e uma delas é essa.*

Embora relatasse tranquilidade com o interesse de seu amigo por ele e gostar do “mundo dos gays”, ou seja, um universo que ele já coloca como paralelo ao seu, ele acaba confessando a existência de um bloqueio em se imaginar nessa situação. Novamente, percebe-se pouco diálogo com outras facetas da própria composição masculina.

### **Intimidade e subjetividade**

Esta categoria teve o objetivo de conhecer em que nível existem trocas de experiências e intimidade entre os homens. O grupo entrevistado revelou pouca afinidade em se expor com os amigos. Alguns dos entrevistados afirmaram de imediato que não costumavam compartilhar de suas experiências (E1 e E2) e outra parte (E3 e E5), a princípio, disseram haver alguma troca, mas ao se aprofundar na questão, reconheceram que tais conversas ocorriam em forma de brincadeira ou com o intuito de “contar vantagem”:

*P: Você costuma trocar esse tipo de experiência (relacionamento) com seus amigos ou não?*

*E3: Sim, a gente conversa bastante, acaba conversando sobre isso.*

*P: E essas conversas são em forma de zoeira ou tem conversa séria também?*

*E3: É, mais em forma de zoeira, raramente são conversas sérias.*

*P: Mas acontece de vocês trocarem experiência e conversarem sobre isso?*

*E3: Sim, difícil, mas acontece. Algum tipo de problema que acontece, alguma dica também.*

No meio de seu discurso, E5 reconhece a dificuldade na revelação da intimidade com os amigos e na própria entrevista:

*P: Você costuma trocar suas experiências com seus amigos?*

*E5: Sim, mas depende do tipo de amigo. Tem amigo que eu troco pra contar vantagem, outros eu troco pra dividir experiência e saber o que tem pra ouvir, mas essa divisão de experiência também acaba contando vantagem.*

*P: E sobre fracassos e dúvidas, é falado?*

*E5: Ah, sim, ah sim, principalmente, e isso é uma coisa que eu não costumo fazer em nenhuma área, contar sobre fracasso ou dúvida. Mas sobre sexualidade, eu me sinto bem de falar e normalmente as pessoas falam também. Mas a gente fala num tom de que foi engraçado, não sei se realmente a gente tá se abrindo.*

*P: Então tanto pra você quanto para seus amigos, falar sobre fracasso é sempre em tom de ironia.*

*E5: Tem amigos que não, eu que faço isso. Não sei se ironia, mas o humor. Eu uso humor pra tudo, é meu escudo maior. Tem coisas em mim que eu escondo de mim (risos). São coisas que eu nem sei lidar, por isso não vou falar.*

E4 respondeu haver afinidade com a questão:

*E4: Ah, existe uma troca sadia. Por exemplo, eu não omito nada se eu for dizer alguma circunstância, não teria muito porque omitir ou tratar com menos naturalidade alguma questão que é naturalmente tratada como tabu. Com meus amigos isso é muito mais aberto. Pessoal é bem esclarecido!*

Mas em contexto anterior, quando abordávamos sobre as questões de sexo, ele havia reconhecido existir alguns entraves neste campo:

*P: Mas existia uma certa inibição na turma (quando da dificuldade de alguns amigos em revelar sobre a permanência da própria virgindade).*

*E4: Tinha eu acho, porque é se entregar um pouco. Ainda num contexto meio machista, é entregar um pouco da sua masculinidade dizendo que ainda não tinha rolado.*

*P: Então tinha uma dificuldade de compartilhar da intimidade masculina?*

*E4: Com, sei lá, 60% sim. Mas com outros não. Falavam “tem uma vontade e não rola”, e falavam numa boa.*

Nolasco (1993) explica a atrofia da subjetividade masculina em decorrência da ênfase dada às questões sexuais em detrimento dos sentimentos despertados alheios a esse tema, o que foi nomeado como a sexualização dos afetos. Deste modo, o domínio masculino reduziu o conceito de intimidade para a questão sexual. Esta explicação se aplica em partes para o entendimento dos relatos de nossos colaboradores, como no caso de E3, que já havia contado

sobre zombarias nas questões sexuais entre os amigos, as quais podem ter sido estendidas para a troca de experiências, que se manifestam ainda em forma de brincadeiras, e em E2, que negou prontamente essa exposição e que, ao longo da entrevista, manifestou muitos traços de tendências conservadoras. Em uma análise mais profunda, observamos nesta amostra, cada membro com diferentes graus de intensidade, um domínio mais escasso com a chamada dimensão feminina da teoria junguiana, ou como se reportou Samuels (2000), com as dimensões menos lógicas da psique.

A perspectiva da ordem masculina, equivalentes àquelas vigentes no sistema patriarcal, como a valorização das qualidades de virilidade e potência, fizeram-se presentes na abordagem da intimidade masculina, como testemunhamos claramente no discurso de E5, em sua dificuldade em abrir suas questões menos heroicas para os amigos e para si mesmo. Este dado mostra a permanência da dinâmica constatada no primeiro trabalho de Nolasco (1993), que revelou a preponderância das vitórias na troca de experiências entre os homens em contraposição do silêncio em torno da própria intimidade. A atualização desta noção (Nolasco, 1997), a qual afirma a aproximação do homem no enfrentamento de suas frustrações e fracassos, surgiu apenas e discretamente em E4, que demonstrou administrar com maior fluidez o universo da intimidade entre os homens. Ele foi o participante que se desenvolveu dentro de uma educação mais libertária, sendo-lhe oferecidas perspectivas mais plurais de relacionamento e concepções de sexualidade. A abertura para o olhar de outros prismas pode estar associada à sua disposição em se adentrar à pluralidade de composições da própria psique e, conseqüentemente, para as metaforizações e subjetivações que se constroem a partir desta imersão, condição oferecida somente pelo diálogo com a *anima*, segundo Hillman (1990).

Assim como identificado nas pesquisas levantadas em nossa revisão de literatura, nossa amostra ilustrou uma variação de perspectivas entre os membros do grupo e em cada referencial individual, mesclando noções de masculinidades mais conservadoras e menos tradicionais. Em meio ao processo de transformação dos referenciais de gênero em que vive a sociedade brasileira atual, nossos rapazes mostraram resistências dentro de si mesmos, em determinados momentos relatados ou em situações específicas ao se defrontarem com a variação de manifestações femininas nas relações afetivo-sexuais. Os homens estão no caminho do desenvolvimento de maior flexibilidade com os novos referenciais que se apresentam. Contudo, não estão sozinhos. As mulheres dividem o mesmo espaço de mutação, responsabilidade e comprometimento nas relações e como indivíduos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O título desta dissertação traz como afirmação a existência de uma transformação nas relações de gênero. O título em si já se coloca como a hipótese de nosso problema: existem novos posicionamentos nas relações afetivas entre os gêneros baseados em transformações iniciadas na condição feminina. No decurso de nossa revisão literária esta ideia foi ratificada na certificação de transformações no sistema patriarcal decorrentes, principalmente, das alterações geradas pelas novas políticas femininas. A irrupção de novos valores alterou de forma tão substancial os parâmetros daquele sistema que nos levou a modificar a formulação original deste título, que era: “A formação do novo papel masculino frente às transformações do papel feminino nas relações afetivas”. Nossa elaboração inicial estava inconscientemente enraizada nos antigos parâmetros, em ressonância com nossos jovens entrevistados, que, mesmo em meio a uma série de reformulações nos valores e posicionamentos nas relações de gênero, ainda são atravessados por traços da ótica patriarcal. Quando nos referíamos ao “papel masculino” e ao “papel feminino”, ambos no singular, embutíamos nesta concepção conceitos lineares, unitários e unilaterais, próprios dos referenciais patriarcais, os quais se originaram da divisão sexual e seus desdobramentos, calcados sempre em divisões de conceitos os quais não se propunham quase nenhum diálogo ou permeabilidade. Se nos comprometemos a falar de *anima*, nada mais justo que legitimemos a multiplicidade que ela oferece em suas incursões abruptas ou inesperadas.

Em nossa amostra, presenciamos uma diversidade de óticas e posicionamentos que se dispõem frente às manifestações femininas nas relações. Este fato corrobora as afirmações sobre o declínio do sistema patriarcal, dada a abertura de novos parâmetros para a vivência da própria sexualidade e relacionamentos. Naturalmente, as orientações do patriarcado ainda prevalecem em diferentes graduações, tanto entre os membros da amostra como dentro de cada indivíduo. Ao mesmo tempo em que notamos a prevalência de referenciais autênticos deste modelo, como na expectativa de potência e providência que acreditam existir no imaginário feminino, visualizamos posicionamentos que se mesclaram entre o desejo de sustentação desse padrão, a sensação de fracasso por não se alcançar esse ideal ou simplesmente a renúncia em responder a esse modelo.

O que esteve evidente neste grupo, foram expressões de masculinidade menos enrijecidas, a começar pelas relações mais estreitas e afetuosas que alguns deles puderam usufruir com os pais. A transcendência da exclusividade dos domínios da lei e da ordem nessa

relação favoreceu os rapazes no diálogo entre as esferas masculinas e femininas no nível individual e interpessoal.

Num âmbito mais coletivo, notamos a amenização dos valores heteronormativos na experiência da primeira relação sexual e na própria tônica das pulsões sexuais na adolescência, sendo estas atenuadas na presença de outras fontes de interesse. A referência de virilidade não encontrou ressonância no desempenho sexual exclusivamente, ou seja, na identificação com personas que delimitavam o papel sexual masculino na função de potência. Dentro do contexto das relações sexuais heterossexuais, seu valor parece se empregar, hoje, de forma condicional na relação com as mulheres, o que atualiza por completo a construção das identidades de gênero. Se no modelo patriarcal a identidade masculina era constituída primordialmente sob as arestas arquetípicas masculinas, ou seja, sob o cumprimento expresso das proposições arquetípicas, os referenciais atuais se afastaram dessa identificação maciça com estas imagens, incluindo, no lugar, sua edificação no âmbito relacional. As mulheres não se posicionam mais de modo subjacente à condição masculina, o que pode ter levado a essa mudança de perspectiva na construção da virilidade masculina. E neste ponto, se abre uma série de questões nas quais se manifestam os complexos masculinos da atualidade. A aproximação e relação com estas mulheres envolvem, antes, a imagem masculina sobre elas, os valores conferidos a estas imagens e a disponibilidade dos homens em dialogar com os novos moldes que se oferecem nas manifestações sexuais femininas. Este diálogo os obriga a se voltar para os próprios referenciais.

Neste sentido, no posicionamento frente às mulheres, nosso grupo ilustrou posições que se orientavam tanto pelo modelo patriarcal, quanto por noções contemporâneas, ou seja, aberto à pluralidade de configurações de relacionamento e por aquelas pautadas no si-mesmo. Aqueles que se orientavam por antigas definições dos papéis sexuais se encontraram mais desorientados e frustrados por não visualizarem noções mais precisas nas dinâmicas femininas atuais. A pluralidade arquetípica que se abre nas novas perspectivas que se inauguram se revelou perturbadora para os indivíduos educados de acordo com referenciais unilaterais de conduta e relação. Aqueles sintonizados com as tendências da atualidade transitaram melhor na multiplicidade que se apresenta, seja dentro de si, em seus paradigmas individuais, seja nas atitudes, na escolha em se vincular e viver um relacionamento profundo de afeto e sexualidade ou na opção de se permitir vivências diversificadas, respeitando seu momento de vida e orientações pessoais.

A pluralidade de manifestações e perspectivas masculinas perante as mulheres não favorece mais a formação e manutenção de um papel sexual, viabilizado por personas previsíveis, estruturadas e estruturantes. Ao invés, pensarmos em posicionamentos se revela mais pertinente para o cenário atual, termo que pressupõe a adoção de parâmetros mais pessoais e menos coletivos. No que se concerne à expectativa para o campo afetivo, a prevalência do desejo de estabilidade e companheirismo nas relações tanto entre os mais tradicionais quanto entre aqueles com afinidade com a *anima*, atentos à pluralidade da vida, abre perspectivas mais otimistas, ao contrário do que visualiza Bauman nas relações líquidas.

A dificuldade encontrada em ultrapassar a realidade descrita pelos autores estudados, referente às tendências de individualismo e relações efêmeras para se alcançar o ideal de um relacionamento estável, como revelado por nossos rapazes, pode estar associada justamente à falta de um padrão que oriente a conduta dos indivíduos nas relações. A liberdade de se posicionar frente a um indivíduo ou a uma relação no lugar de exercer um papel exclusivamente, ao mesmo tempo em que se mostra mais libertária e favorável para o processo de individuação, é igualmente mais laboriosa, por oferecer aos que se aventuram a embarcar na experiência amorosa, o desafio de se adentrar na pluralidade de possibilidades de formas de relação e manifestações individuais, além do encontro com a multiplicidade de configurações e desejos existentes dentro de si mesmo.

O encontro com a *anima* no nível mais profundo da psique masculina, ou seja, na revelação de sua intimidade entre os homens, foi o ponto de maior vulnerabilidade e resistência identificado em nossa amostra. Este fato pode ser considerado tangível, dado o confronto com a sombra nos desdobramentos de si mesmo nas camadas mais profundas da psique. Sendo a sombra a vertente oposta da persona, é neste nível que os rapazes se defrontariam com qualidades menos nobres, menos viris e mais ambíguas, um espaço de menos certezas e mais ambivalências. Embora tenha se notado forte amenização da segregação da subjetividade para o gênero feminino, o encontro pessoal com a intimidade masculina se revelou o aspecto menos articulado entre os rapazes entrevistados. É provável que o reconhecimento e acolhimento dos próprios conflitos e ambiguidades por parte dos homens levem a uma maior aceitação e acolhimento das contradições e pluralidades femininas, condições mais facilitadoras para o encontro autêntico entre homens e mulheres.

Pesquisas de cunho investigativo, como esta, são de extrema relevância para a área da Educação Sexual, por oferecerem elementos base para a construção de propostas críticas de intervenção dentro do campo da sexualidade na Educação.

Tomando-se como base as transformações nas concepções e relações de gênero que estão sendo iniciadas na atualidade, a lentidão dessas transformações, tal como vimos ilustrada em nossa amostra e a necessidade de se trabalhar tais conceitos de maneira consciente na formação de crianças e jovens para a construção de uma sociedade mais ética e igualitária, sugerimos a continuidade de mais pesquisas que investiguem o conteúdo dos discursos sobre as relações de gênero em diversos domínios: na área educacional com crianças e jovens, com os pais das novas gerações, com professores e gestores de Educação, com jovens e adultos nas relações de trabalho, entre outros domínios possíveis.

Programas interventivos elaborados a partir do material recolhido advindos destas e outras pesquisas com foco nas temáticas de gênero se dispõem como uma segunda etapa na construção de uma Educação Sexual formal sólida e de notória relevância social.

## REFERÊNCIAS

- Almeida, M. B. V. B. (2009). O masculino em transformação: impactos no relacionamento conjugal. In *Anais do V Congresso Latino-Americano de Psicologia Junguiana* (pp.46-51). Chile: Comité Latinoamericano de Psicología Analítica.
- Araújo, M. de F. (2002). Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 22(2), 70-77. Recuperado em 21 abril, 2015 de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932002000200009&lng=en&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932002000200009&lng=en&tlng=pt). 10.1590/S1414-98932002000200009.
- Ariés, P. (1987). O amor no casamento. In Ariés, P., & Béjin, A. *Sexualidades ocidentais: Contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade* (3a ed., pp.153-162). (L. A. Watanabe & T. C. F. Stummer, trad.). São Paulo: Brasiliense. (Originalmente publicado em 1982).
- Badinter, E. (1986). *Um é o outro*. (5a ed.). (C. Gomes, trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Originalmente publicado em 1986).
- Badinter, E. (1993). *XY: Sobre a identidade masculina*. (M. I. D. Estrada, trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Originalmente publicado em 1992).
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos*. (C. A. Medeiros, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 2003).
- Bereni, L., Chauvin, S., Jaunait, A., & Revillard, A. (2010). *Introduction aux genders studies: manuel des etudes sur le genre*. (2e éd.). (Ouvertures Politiques). Bruxelles, Belgique: de Boeck.
- Barasch, M. (1997). Sexo e afeto no cotidiano do homem. In Caldas, D. (Org.). *Homens* (pp.93-119). São Paulo: SENAC.
- Boechat, W. (1997). Arquétipos masculinos: “animus mundi”. In Boechat, W. (Org.) *O masculino em questão* (pp.11-20). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Bourdieu, P. (2002). *A dominação masculina*. (2a ed.). (M. H. Kühner, trad.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. (Originalmente publicado em 1998).
- Brandão, J. S. (1986). *Mitologia Grega*. (vol. 1). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Cabral, J. T. (1999). *A sexualidade no mundo ocidental*. (2a ed.). Campinas, SP: Papirus.
- Chaves, J. C. (2010, abril). As percepções de jovens sobre os relacionamentos amorosos na atualidade. *Psicologia em revista*, 16(1). Recuperado em 18 outubro, 2012, de <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682010000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682010000100004&lng=pt&nrm=iso)>.

- Douglas, C. (2002). O contexto histórico da Psicologia Analítica. In Young-Eisendrath, P., & Dawson, T. (Orgs.). *Manual de Cambridge para estudos junguianos* (pp.41-54). (D. Bueno, trad.). Porto Alegre: Artmed. (Obra originalmente publicada em 1997).
- Duby, G. (1992). A mulher, o amor e o cavaleiro. In *Amor e sexualidade no Ocidente* (pp.123-129). (A. M. Capovilla, H. Goulart & S. Bastos, trad.). Porto Alegre: L&PM.
- Ferrand, M. (2004). *Féminin / masculin*. Paris: La Découverte.
- Fisher, H. E. (1994). *Anatomia do amor: A história natural da monogamia, do adultério e do divórcio*. (F. L. Gaspar & C. Gaspar, trad.). Lisboa: Publicações Dom Quixote. (Originalmente publicado em 1992).
- Flandrin, J. L. (1987). A vida sexual dos casados na sociedade antiga: da doutrina da Igreja à realidade dos comportamentos. In Ariés, P., & Béjin, A. *Sexualidades ocidentais: Contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade* (3a ed., pp.135-152). (L. A. Watanabe & T. C. F. Stummer, trad.). São Paulo: Brasiliense. (Originalmente publicado em 1982).
- Garcia, S. (2006). *Homens na intimidade: Masculinidades contemporâneas*. Ribeirão Preto, SP: Holos.
- Garton, S. (2009). *História da sexualidade: Da Antiguidade à revolução sexual*. (M. Félix, trad.). Lisboa: Editorial Estampa.
- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. (M. Lopes, trad.). São Paulo: UNESP. (Originalmente publicado em 1992).
- Guggenbül-Craig, A. (1980). *O casamento está morto. Viva o casamento!* (P. R. Silva, trad.). São Paulo: Símbolo. (Originalmente publicado em 1977).
- Hillman, J. (1990). *Anima: Anatomia de uma noção personificada*. (L. Rosenberg & G. Barcellos, trad.). São Paulo: Cultrix. (Originalmente publicado em 1985).
- Jung, C. G. (1981). *O desenvolvimento da personalidade*. (F. V. Amaral, trad.). (Obras Completas, vol.17). Petrópolis, RJ: Vozes. (Originalmente publicado em 1925).
- Jung, C. G. (1987). *O eu e o inconsciente*. (12a ed.). (D. F. Silva, trad.). (Obras Completas, vol.7/2). Petrópolis, RJ: Vozes. (Originalmente publicado em 1928).
- Jung, C. G. (1991). *Tipos Psicológicos*. (9a ed.). (L. M. E. Orth, trad.). (Obras Completas, vol.6). Petrópolis, RJ: Vozes. (Originalmente publicado em 1921)
- Jung, C. G. (1999). *Psicologia do inconsciente*. (12a ed.). (M. L. Appy, trad.). (Obras Completas, vol. 7/1). Petrópolis, RJ: Vozes. (Originalmente publicado em 1916)
- Jung, E. (2003). *Anima e animus*. (3a ed.). (D. Pignatari, trad.). São Paulo: Cultrix. (Originalmente publicado em 1967).

- Kolontai, A. (2003). *A nova mulher e a moral sexual*. (2a ed.). São Paulo: Expressão Popular.
- Lazdan, A. M., F. T. Reina, L. R. Muzzeti, & P. R. M. Ribeiro (2014). A dominação masculina de Pierre Bourdieu: críticas e reflexões a partir da Psicologia Analítica. *Revista Ibero-americana de estudos em educação*, 9(2), 470-487.
- Le Goff, J. (1992). A recusa do prazer. In *Amor e sexualidade no Ocidente* (pp.123-129). (A. M. Capovilla, H. Goulart & S. Bastos, trad.). Porto Alegre: L & PM. (Originalmente publicado em 1984).
- Leonini, L. (2004). Os clientes das prostitutas. In Schpun, M.R. (Org.) *Masculinidades* (pp.79-127). São Paulo: Boitempo Editorial.
- Louro, G. L. (1997). *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Louro, G. L. (Org.). (2000). *O corpo educado: Pedagogias da sexualidade*. (2a ed.). Belo Horizonte: Autêntica.
- McKenzie, S. (2006). Queering gender: anima/animus and the paradigm of emergence. *Journal of Analytical Psychology*, 51(3), 401-421.
- Malcher, L. F. C. (2002). Mulheres querem amor, homens querem sexo? Amor e masculinidades entre jovens de camadas médias urbanas de Belém. *Gênero*, 3(1), 63-81.
- Menandro, P. R. M., Rolke, R. K, & Bertollo, M. (2005). Concepções sobre relações amorosas / conjugais e sobre seus protagonistas: um estudo com provérbios. *Psicologia clínica*, 17(2). Recuperado em 18 outubro, 2012, de <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652005000200007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652005000200007&lng=pt&nrm=iso)>.
- Minayo, M. C. de S. (2007). *O desafio do conhecimento*. (10a ed.). São Paulo: HUCITEC.
- Mosse, G. L. (1998). Masculinidade e decadência. In Porter, R. & Teich, M. (Orgs.). *Conhecimento sexual, ciência sexual: A história das atitudes em relação à sexualidade* (pp.291-307). (L. P. Rouanet, trad.). São Paulo: UNESP. (Originalmente publicado em 1994).
- Narvaz, M. G., & Koller, S. H. (2006). Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. *Psicologia em estudo*, 11(3), 647-754.
- Neumann, E. (2011). *O medo do feminino: E outros ensaios sobre a psicologia feminina*. (2a ed.). (T. C. Stummer, trad.). São Paulo: Paulus.
- Nolasco, S. A. (1993). *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Nolasco, S. A. (1997). Um “homem de verdade”. In Caldas, D. (Org.). *Homens* (pp.13-29). São Paulo: SENAC.

- Oliveira, P. P. de. (1998). Discursos sobre a masculinidade. *Revista Estudos Feministas*, 6(1), 91-113.
- Paiva, V. (1990). *Evas, Marias, Liliths... As voltas do feminino*. São Paulo: Brasiliense.
- Perrot, M. (2012). *Minha história das mulheres*. (2a ed.). (A. M. S. Corrêa, trad.). São Paulo: Contexto.
- Pinto, C. R. J. (2010). Feminismo, história e poder. *Revista de Sociologia e Política*, 18(36), 15-23.
- Pires, S. M. F. (2009). Amor romântico na literatura infantil: uma questão de gênero. *Educar em revista*, (35). Recuperado em 18 outubro, 2012 de <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602009000300007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602009000300007&lng=pt&nrm=iso)>.
- Ribeiro, P. R. M. (1990). *Educação sexual além da informação*. São Paulo: E. P. U.
- Samuels, A. (2000). *Jung, pensamento contemporâneo e política: Entrevista com Andrew Samuels*. Recuperado em 7 maio, 2014, de <<http://www.rubedo.psc.br/Entrevis/entsamue.htm>>.
- Samuels, A. (1995). Gender: a certain confusion. *Achilles heel*, 10-11.
- Samuels, A. (1989). *Jung e os pós-junguianos*. (E. L. Salm, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1985).
- Scott, J. W. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, 20(2), 71-99.
- Simões, S., & Matos, M. (2010). Ideias modernas e comportamentos tradicionais: a persistência das desigualdades de gênero no Brasil. In Souza, M. F. (Org.). *Desigualdades de gênero no Brasil: Novas ideias e práticas antigas* (pp.15-40). Belo Horizonte: Fino Traço.
- Souza, M. F. (2010). Transição de valores e a perspectiva sobre o “novo homem”. In Souza, M. F. (Org.). *Desigualdades de gênero no Brasil: Novas ideias e práticas antigas* (pp.239-266). Belo Horizonte: FinoTraço.
- Tacey, D. J. (2011). *Remaking men: Jung, spirituality and social change*. London: Routledge.
- Turato, E. (2010). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa*. (4a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Ulson, G. (1997). Ser homem nos dias atuais. In Boechat, W. (Org.). *O masculino em questão* (pp.72-80). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Ussel, V. J. (1980). *Repressão Sexual*. (S. Alberti, trad.). Rio de Janeiro: Campus.

Welzer-Lang, D. (2004). Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo. In Schpun, M.R. (Org.). *Masculinidades* (pp.107-128). São Paulo: Boitempo Editorial.

Whitaker, D. (1988). *Mulher e homem: o mito da desigualdade*. São Paulo: Moderna.

## APÊNDICE 1

### ROTEIRO DE ENTREVISTA

#### RELACIONAMENTO

1. Você namora ou já namorou? Explicar.
2. Que tipo de garota te atrai, que você gosta? Por quê? Quais são as características?
3. Qual o tipo que você não gosta? Por quê?
4. Você pensa em se casar? Como seria o tipo de mulher que você escolheria? Por quê?
5. Como você se sente em relação às garotas no que se refere aos relacionamentos?
6. O que te incomoda dentro de um relacionamento?

#### IMAGEM FEMININA

7. Na sua opinião, que tipo de menino que as meninas preferem (ou buscam)? Por quê?
8. E quais elas não gostam? Por quê?
9. Você vê diferença no comportamento ou interesse sexual entre os meninos e meninas?  
Qual sua opinião sobre isso?
10. O que você acredita que as mulheres esperam dos homens? Como você se sente perante a isso?

#### AFETIVIDADE

11. Você gosta ou já gostou de alguém?
12. A pessoa ficou sabendo? O que aconteceu?
13. Você acredita que os homens lidam com os sentimentos da mesma forma que as mulheres?
14. Você tem alguma restrição em manifestar o que você sente para uma garota? Acredita que pode ser bem recebido ou não?

#### MODELOS PARENTAIS

15. Estado civil dos pais: casados ou separados?
16. Eles trabalham? Qual é a função de cada um (pai, mãe, filhos) nos trabalhos domésticos? Possuem empregada doméstica ou diarista?

17. Como você descreveria a relação conjugal entre seus pais? O que você acha sobre a relação deles? Gostaria de ter uma relação igual no seu namoro? Ou casamento?
18. Seu pai é presente afetivamente? De que forma? O que vocês fazem juntos?
19. Você se identifica mais (ou é mais próximo) com seu pai ou sua mãe?
20. Você acredita que sua concepção sobre sexualidade e relacionamento é a mesma de seus pais? Explique.
21. Seus pais te dão algum tipo de conselho quanto à sexualidade ou relacionamento? Que tipo?
22. Você tem irmã(s)? Você acredita que a educação recebida (quanto a regras, conselhos) foi a mesma para ambos?

#### SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL

23. Com que idade você teve informação sobre sexo ou sexualidade? De que forma? (família, amigos, internet, revistas, escola...)
24. De que forma você acha que essas informações contribuíram para você ou para suas experiências (de forma positiva ou negativa)?
25. Seus amigos pressionam ou já pressionaram quanto à sexualidade (virgindade, primeira vez)? Como você lida ou lidou com isso?
26. Você já teve alguma experiência sexual? Que tipo de relação era: namoro, amizade, ficante?
27. (Para quem NÃO transou): Como você espera ou imagina que seja? Com que tipo de pessoa?
28. Na sua primeira relação, você se sentia preparado?
29. Com quem foi? Como você se sentiu? Que significado teve pra você?
30. Qual sua opinião sobre o comportamento sexual nos dias de hoje?
31. Existe algo que você gostaria que fosse diferente nos relacionamentos de hoje? O quê?
32. Você já teve experiência sexual com meninos?
33. Você já saiu com prostituta? Se sim, o que levou a buscar? Se não, por quê?

#### INTIMIDADE E SUBJETIVIDADE

34. Você costuma trocar suas experiências com seus amigos?
-

## APÊNDICE 2

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Entrevista nº: \_\_\_\_\_

Nome completo: \_\_\_\_\_

Data de Nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Grau de escolaridade: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_

#### DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA

1. Título da Pesquisa: “A formação do novo papel masculino frente às transformações do papel feminino nas relações afetivas”
2. Pesquisadora: Alessandra Munhoz Lazdan – Psicóloga e Mestranda no curso de Educação Sexual da FCLAR – UNESP.
3. Orientador: Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro
4. Avaliação do risco da Pesquisa:
 

SEM RISCO	<input checked="" type="checkbox"/>	RISCO MÍNIMO	<input type="checkbox"/>	RISCO MÉDIO	<input type="checkbox"/>
RISCO BAIXO	<input type="checkbox"/>	RISCO MAIOR	<input type="checkbox"/>		

(probabilidade de que o indivíduo sofra algum dano como consequência imediata ou tardia do estudo)

5. Duração da Pesquisa: aproximadamente 24 meses
6. Contato: Alessandra: (16) 3214.9432

Dr. Paulo Rennes: (16) 3334.6106

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa que está sendo feita pela Universidade Estadual Paulista – UNESP – que tem como **objetivo** investigar a concepção do papel masculino e feminino nos relacionamentos afetivos do ponto de vista dos jovens do sexo masculino.

Para isso, será realizada uma entrevista aberta que poderá durar cerca de 30 minutos. Você será convidado a falar espontaneamente sobre o tema proposto pelo entrevistador para que os objetivos deste estudo sejam alcançados. Não há respostas certas ou erradas, o interesse está em conhecer sua experiência e opinião a respeito do tema estudado.

A entrevista é individual e deverá ocorrer em recinto reservado para garantir a privacidade da conversa. Caso você concorde, todas as informações que possam ajudar na sua identificação serão **omitidas** no trabalho final, para preservar sua privacidade e garantir o **sigilo** das informações. Porém, trechos dos relatos serão estudados, em reunião fechada, juntamente com o orientador da pesquisa. Mesmo assim, não será revelada a sua identidade de informante. Esclarecemos que o relatório final, com **citações anônimas**, estará disponível a todos quando o estudo for concluído, incluindo *apresentações em congressos e publicações em revistas científicas*.

Você também pode desistir de participar da pesquisa se, depois de começar a responder as perguntas mudar de idéia.

Sua contribuição não apresenta riscos previstos para sua saúde que sejam resultantes da participação nesta pesquisa. No entanto, durante a entrevista, poderá surgir algumas recordações ou emoções advindas do relato de suas experiências e opiniões.

Se você concorda em participar do estudo, assine seu nome neste termo de consentimento.

**ESCLARECIMENTOS DADOS PELO PESQUISADOR SOBRE GARANTIAS DO SUJEITO DA PESQUISA CONSIGNANDO:**

1. Acesso, a qualquer tempo, às informações sobre procedimentos, riscos e benefícios relacionados à pesquisa, inclusive para dirimir eventuais dúvidas.
2. liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e de deixar de participar do estudo.
3. salvaguarda da confidencialidade, sigilo e privacidade.

**CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO**

Declaro que, após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar do presente Protocolo de Pesquisa

Araraquara, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2014

\_\_\_\_\_  
Assinatura do entrevistado

\_\_\_\_\_  
Alessandra Munhoz Lazdan

Psicóloga CRP 06/69627